UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

KATE DELFINI SANTOS

Um estudo psicanalítico sobre a maternidade na adolescência: histórias de abandono, violência e esperança na trajetória de três jovens mães

São Paulo

2011

KATE DELFINI SANTOS

Um estudo psicanalítico sobre a maternidade na adolescência: histórias de abandono, violência e esperança na trajetória de três jovens mães

(Versão Original)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Profª Dra. Ivonise Fernandes da Motta

São Paulo

2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Santos, Kate Delfini.
Um estudo psicanalítico sobre a maternidade na adolescência: histórias de abandono, violência e esperança na trajetória de três jovens mães / Kate Delfini Santos; orientadora Ivonise Fernandes da Motta. -- São Paulo, 2011.
154 f.
Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise 2. Relações mãe-criança 3. Gravidez na adolescência 4. Violência 5. Winnicott, Donald Woods, 1876-1971 I. Título.

RC504

Nome: Santos, Kate Delfini
Título: Um estudo psicanalítico sobre a maternidade na adolescência: histórias de abandono, violência e esperança na trajetória de três jovens mães

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profº Dr. _____

Instituição:_____Assinatura: _____

Profº Dr. _____

Instituição:_____Assinatura: _____

Profº Dr. _____

Instituição:_____Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

À todas as crianças e adolescentes
com os quais tive o privilégio de trabalhar
e para todos aqueles que ainda sofrem diariamente
com a violência, dentro e fora de seus lares.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela infância repleta de amor e pela sustentação que ainda hoje me oferecem.

Ao meu companheiro, Alexandre, pelo incentivo e apoio, por me fazer acreditar que é possível.

À Profª Dra. Ivonise Fernandes da Motta, por sua orientação carinhosa a este trabalho.

À Profª Dra. Tereza Marques de Oliveira, com quem venho aprendendo há mais de 10 anos, por dividir comigo toda sua experiência e conhecimento.

À Profª Dra. Tânia Maria José Aiello-Vaisberg e ao Profº Dr. José Tolentino Rosa, pelas contribuições e orientações tão precisas a este trabalho, fundamentais para direção e conclusão do mesmo.

Ao amigo Luiz Paulo, pela leitura atenta e eficiente.

Aos amigos e companheiros de trabalho do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, pelos momentos de reflexão e aprendizado.

RESUMO

Santos, K. D. (2011). *Um estudo psicanalítico sobre a maternidade na adolescência: histórias de abandono, violência e esperança na trajetória de três jovens mães*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A relação mãe-filho é um dos elementos fundadores do psiquismo humano e é por meio desta que a criança apreende o mundo a sua volta. São muitas as variáveis que interferem nessa relação como, por exemplo, a experiência pessoal, os legados inter e transgeracionais, as condições históricas, sociais, e econômicas. Tendo em vista a fragilidade dos laços afetivos nos dias atuais e a dificuldade no estabelecimento de vínculos que propiciem o sentimento de confiança, segurança e estabilidade, este trabalho tem como objetivo verificar como três jovens mães, que vivenciaram diversos tipos de violências em suas trajetórias, desempenham a função materna. As participantes encontravam-se em um abrigo para jovens mães no município de São Paulo. Foram realizados cinco encontros com cada dupla (mãe e filho) com cerca de uma hora de duração, onde foram explorados conteúdos a respeito da relação da adolescente com sua mãe e a família, a experiência com a gestação e a maternidade, a experiência com as diversas formas de violência e o vínculo com o filho. Foi empregado o método de pesquisa psicanalítico e, portanto, além da comunicação verbal foram analisados aspectos transferenciais e contratransferenciais. Os conteúdos encontrados articulam-se com as idéias de Winnicott. Por meio desse estudo concluiu-se que o sentimento de abandono e vazio causado pela a ausência de uma relação genuína de afeto é transmitido entre as gerações na relação mãe-filho, tendo muitas vezes como consequência a violência. Esta, por sua vez, interrompe o processo de amadurecimento emocional e a conquista de um sentimento de preocupação real com outro. A possibilidade de restaurar laços e dar continuidade ao processo de integração depende em grande parte da sustentação e do apoio (*holding*) oferecido a essas jovens mães. Nos três casos analisados, observamos que ainda há esperança, segundo a conceituação de Winnicott, de reencontrar uma experiência de afeto significativa, por meio da qual se constitua um sentimento autêntico de preocupação e comprometimento com o próximo.

Palavras-chave: Psicanálise; Relação mãe-criança; Gravidez na adolescência; Violência; D.W.Winnicott.

ABSTRACT

Santos, K. D. (2011). *A psychoanalytic study on teenage motherhood: stories of abandonment, violence and hope in the path of three young mothers*. Master Dissertation, Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

The mother-son relationship is one of the founding elements of the human psyche and it is through this that the child perceives the world around him/her. There are many variables that affect this relationship, for example, personal experience, the inter-and transgenerational legacy and the historical, social, and economic conditions. Given the fragility of the affective bonds today and the difficulty in establishing links that give the feeling of trust, security and stability, this study aims to determine how three young mothers, who experienced several types of violence in their lives, play the maternal role. The participants were in a shelter for young mothers in São Paulo city. Five meetings were conducted with each pair (mother and son) for about one hour, when the relationship between the teenager with her mother and family, her experience with pregnancy and motherhood, her experience with various forms of violence and the bond with her child, were exploited. The psychoanalytic research method was employed and transference and countertransference aspects, which go beyond the verbal communication, were therefore analyzed. The content found can be linked with the Winnicott's ideas. In this study we concluded that the feeling of abandonment and emptiness caused by the absence of a genuine affection is transmitted between generations in the mother-child relationship and frequently has the violence as consequence. The violence stops the process of emotional maturation and the achievement of a sense of real concern to another person. The possibility of restoring ties and continuing the integration process depends largely on the support and assistance (holding) offered to these young mothers. In these three cases, we observed that there is still hope, according to Winnicott's concept, to find a meaningful experience of affection, through which it constitutes a genuine feeling of concern and commitment to the other person.

Keywords: Psychoanalysis; Mother-child relation; Adolescent pregnancy; Violence; D.W.Winnicott.

LISTA DE SIGLAS

CASA	Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente
CNRVV	Centro de Referência às Vítimas de Violência
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CRECA	Centro de Referência da Criança e do Adolescente
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FEBEM	Fundação Estadual do Bem Estar do Menor
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PEC-P	Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 10

1. MÉTODO 15

1.1 Descrição do ambiente e contextualização 17

1.2 Procedimento 18

1.2.1 Aspectos Éticos 20

1.3 Análise dos conteúdos 21

1.4 Participantes 22

1.4.1 Apresentação das Participantes 22

2. A RELAÇÃO COM A MÃE E A FAMÍLIA 26

2.1 A relação com a mãe: Parentalidade, transmissão psíquica e a questão do amor materno 32

3. O SIGNIFICADO DA MATERNIDADE 40

4. A EXPERIÊNCIA COM A VIOLÊNCIA 49

4.1 Violência na relação pais-filhos 54

4.2 Adolescência e violência 58

4.2.1 A tendência antissocial 62

4.3 A fragilidade dos laços e a violência na sociedade contemporânea 68

5. A RELAÇÃO COM O FILHO E A FUNÇÃO DO VÍNCULO 75

CONSIDERAÇÕES FINAIS 91

REFERÊNCIAS 96

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 107

ANEXO B - Narrativas 108

APRESENTAÇÃO

Esse trabalho é decorrente das experiências e vivências de minha trajetória profissional, que teve inicio em 1998 com o atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. Estas se encontravam abrigadas em instituições responsáveis por acolher crianças em situação de risco físico, emocional e social por decisão do poder judiciário, até que pudessem retornar às suas famílias de origem ou serem adotadas por famílias substitutas. Grande parte das crianças que estão nessas condições permanece abrigada até os dezoito anos pelos mais diversos motivos, tais como: a falta de trabalho técnico que vise à reestruturação da família biológica, a lentidão na avaliação dos processos e a intervenção tardia dos órgãos competentes, o que dificulta o processo posterior de adoção das mesmas devido a idade avançada. Cabe aqui ressaltar que em 03 de agosto de 2009 foi sancionada a Lei Nº 2.010[1] que "dispõe sobre o aperfeiçoamento da sistemática prevista para garantia do direito à convivência familiar a todas as crianças e adolescentes, estabelecendo como tempo máximo de permanência nos abrigos o período de dois anos" e que se for cumprida com certeza trará enormes ganhos para vida dessas crianças.

Os resultados e os efeitos do abandono e do sofrimento se apresentam de forma bastante concreta na vida das pessoas. Estudar os efeitos da deprivação afetiva, como nomeou o psicanalista inglês Donald W. Winnicott (1896-1971), orientou a maneira como passei a compreender as manifestações de dor dos indivíduos e suas reações frente à perda. A deprivação é a perda de uma relação afetiva vivenciada pela criança, ou seja, ela não foi privada integralmente de experenciar uma relação qualitativamente significativa; ela teve, mas por algum motivo a perdeu. A criança ou adolescente que foram deprivados reivindicarão o afeto e a estabilidade perdidos por meio de comportamentos que compelem o ambiente a oferecer suporte, a restabelecer os limites e as referências; comportamentos definidos como antissociais (Winnicott, 1958a/2000).

No ano de 2002, ainda enquanto trabalhava com crianças vitimizadas, passei a dedicar-me à prevenção dos maus-tratos às crianças e, em conjunto com a professora Dra. Tereza Marques de Oliveira, presidente da ONG *Habitare*, iniciei um trabalho de atendimento as

---

[1] Lei nº 2.010, de 03 de agosto de 2009. *Dispõe sobre adoção*. Recuperado em 21 de abril de 2010, de http://www.planalto.gov.br/ccivil/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12010.htm)

gestantes no Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis [PEC-P], desenvolvido pelo Instituto de Responsabilidade Social do Hospital Israelita Albert Einstein. A comunidade de Paraisópolis está situada na zona sul da cidade de São Paulo e é a 2ª maior favela do município, com uma população estimada em 80 mil habitantes[2]. O projeto teve por objetivo atuar na formação do vínculo mãe-filho durante a gestação, prevenindo as consequências de uma relação de qualidade insatisfatória, sem trocas, e de uma "maternagem inadequada" às necessidades do bebê. Posteriormente passei a integrar a equipe de psicologia do PEC-P e, além do trabalho com as gestantes, passei a realizar atendimentos a dupla mãe-bebê e a trabalhar preventivamente para o estabelecimento de um vínculo afetivo "suficientemente bom"[3].

Em 2007 passei a atuar no *"Projeto Ser Mulher",* realizado pela Associação de Apoio aos Meninos e Meninas da Sé, região central da cidade de São Paulo, onde o foco de atenção era a maternidade na adolescência. A abordagem com as adolescentes ocorria por meio de trabalhos em grupo voltados para gestantes, mães e atendimentos individuais para a dupla mãe-filho, nas áreas de assistência social, assistência jurídica e psicológica. Dentro dessa população encontrei meninas com histórias de vida que incluem o abandono, a violência, os comportamentos e as condutas antissociais.

Destas vivências surgiram indagações tais como: se existe um potencial para a repetição de eventos e experiências boas e ruins que tivemos no início da nossa história, será que ao exercer a maternidade, essas meninas repetirão a violência e o abandono sofridos por elas na infância? O fato de uma jovem mãe ter sido vítima de violências, tanto estruturais e sociais como no próprio universo familiar, significa que ela está impossibilitada de estabelecer uma relação segura e protetora com seu filho?

A violência estrutural é aqui compreendida tal como definida por Minayo (2002):

> ...aquela que incide sobre a condição de vida das crianças e adolescentes, a partir de decisões histórico-econômicas e sociais, tornando vulnerável o crescimento e desenvolvimento. Por ter um caráter de perenidade e se apresentar sem a intervenção imediata dos indivíduos, essa forma de

---

[2] Dados extraídos da http://www.prefeitura.sp.gov.br/portal/a_cidade/noticias/index.php?p=26756

[3] Os termos "maternagem adequada" e "suficientemente bom" são conceitos usados por Winnicott (1960a/1990a) para definir características de uma relação estabelecida entre mãe e filho que favorece o potencial inato deste último à integração. Isto quer dizer que a mãe estabelece uma relação empática com seu filho, atendendo e acolhendo às suas necessidades e propiciando a ele gradativamente estabelecer um senso de si mesmo, um self verdadeiro, que pode ser traduzido por: identidade própria, contornos firmemente estabelecidos, tons e matizes individuais em termos de ser e existir (Motta, 2007). A maternagem que não é suficientemente boa e, portanto, é inadequada, torna o bebê submisso às vontades da mãe e ele passa a ter que se proteger das intrusões do ambiente, que se tornam uma ameaça à sua integridade.

> violência aparece "naturalizada" como se não houvesse nela a ação de sujeitos... As situações geradas pela violência estrutural só incomodam quando as próprias vítimas, por meio de algum mecanismo de resistência (inclusive a delinquência) ou algum movimento de consciência social, as concretizam em forma de denúncia. (p.99)

A constituição do sujeito e a formação de sua personalidade contêm inúmeras conquistas, dentre as quais podemos citar o sentimento de humanidade. Esse sentimento se revela como uma habilidade em potencial a espera do encontro com o outro para se estabelecer. Winnicott afirma em sua teoria do desenvolvimento emocional que a experiência de "ser olhado" e ter suas necessidades básicas atendidas por alguém que seja empático a ele e às suas angústias, assim como a experiência de continuidade, possibilita o amadurecimento do indivíduo, a integração do corpo com a psique e a sua humanização. O bebê experimenta sensações e vivencia afetos que torna real sua capacidade para se preocupar com os demais, importar-se com seus semelhantes. Segundo Winnicott (1963a/1990a), "preocupação indica o fato do indivíduo *se importar*, ou *valorizar*, e tanto sentir como aceitar responsabilidade" (p.70).

No entanto, para que a mãe, a família, possa "olhar" para esse Ser em formação, conferindo-lhe um lugar, assumindo a responsabilidade por seu bem-estar, ela também necessita "ser olhada" e ter um ponto de apoio e sustentação. É um exercício de atenção e cuidado com o outro que começa na relação a dois (mãe-bebê) e se estende à família, à comunidade local e chega à sociedade. Não esqueçamos que a relação entre mãe e filho deve ser considerada a partir do contexto histórico no qual esta família está inserida. Essa relação se estabelece dentro dos contextos políticos e culturais predominantes de uma determinada época que balizam e interferem diretamente nas relações humanas e interpessoais.

Pensemos nesse exercício de atenção ao outro no Brasil, considerando a condição de extrema desigualdade social na qual atualmente nos encontramos, onde famílias e grupos de pessoas que foram abandonadas a própria sorte vivem um dia de cada vez, sem muitos planos ou objetivos, tamanha a escassez de recursos para sua subsistência e seu desenvolvimento pessoal. Em muitos casos, não há nem ao menos um lugar para residir, se fixar; e quando esse lugar existe, que condições apresentam para servir como acolhida? Pouco a pouco o respeito por si próprio vai se deteriorando, assim como o sentido dado à própria vida.

Segundo dados do relatório de Desenvolvimento Humano 2009 da Organização das Nações Unidas [ONU], no Brasil, a taxa de consumo entre os mais pobres é de 1,1% e de 43% entre os mais ricos. Esses dados apontam para uma característica que não pode ser deixada de lado se queremos entender mais sobre a violência e a deficiência que se observa no estabelecimento dos laços nas relações humanas, inclusive na relação mãe-filho. A

desigualdade social por si já revela aspectos de desumanização, afinal o interesse pelo outro parece estar aquém ao sentimento poder.

A infância e a juventude brasileira ainda estão carentes de um olhar mais atento, apesar de algumas tentativas e mobilizações da sociedade civil e das Organizações Não-Governamentais [ONGs]. Dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância [UNICEF] (n.d.) nos aproximam de uma realidade difícil. Para se ter uma idéia, o número de crianças que vivem em famílias pobres no Brasil chega a 50%; as crianças negras têm quase 70% mais chance de viver na pobreza do que as brancas. O Brasil ainda tem 660 mil crianças entre 7 e 14 anos fora da escola e, entre os adolescentes com idades de 12 a 17 anos, de cada 100 estudantes que entram no ensino fundamental, apenas 59 terminam a 8ª série e apenas 40, o ensino médio.

São raras as ações efetivas que priorizam a segurança e o desenvolvimento de nossas crianças, o que gera um quadro desolador quando nos deparamos com os índices de violência na juventude brasileira. Nas duas últimas décadas, o número de homicídios de adolescentes entre 15 e 19 anos aumentou quatro vezes (UNICEF, n.d.). Entre a população não jovem (0 a 14 e a cima de 25 anos), apenas 3,3% dos óbitos em 2002 eram resultados de homicídios. Já entre os jovens, os homicídios foram a causa de 39,9% das mortes. Em 1997, a taxa de mortes entre os jovens por homicídio era 44,3 (a cada cem mil). Em 2002, esse índice subiu para 54,7 (UNESCO, 2004).

A dor, a humilhação, a falta de cuidado bloqueiam o que o Homem possui de melhor, transformam sua força e energia em violência e geram o sofrimento, fechando-o em um ciclo difícil de ser quebrado. Esse trabalho busca refletir sobre o "ciclo da violência" e sua transmissão através das gerações, da relação entre mãe-filho, da sociedade até o indivíduo. A percepção dos padrões repetitivos de uma relação nos possibilita compreender como e onde devemos atuar para que haja uma modificação qualitativa nesse modelo e prevenir o aparecimento de um sintoma que indica sofrimento para o indivíduo e para toda sociedade. Em seu artigo "*Psicanálise do sentimento de culpa*", Winnicott (1958/1990a) já apontava para a importância de observar e intervir, quando necessário, no vínculo estabelecido entre mãe e filho para a prevenção do aparecimento de condutas antissociais e do aumento da violência, visto que é por meio dessa relação que o sujeito constitui um senso de si e desenvolve sua habilidade para o convívio social.

Sendo assim, o objetivo principal desta pesquisa é verificar como essas "meninas mães", que tiveram diversas experiências de violência em suas trajetórias, exercem a maternidade, se conseguem ou não oferecer um cuidado suficientemente bom para seus filhos, acolhendo suas

angústias e suprindo suas necessidades tanto físicas quanto emocionais. Alguns objetivos específicos também podem ser apontados, tais como: investigar a relação da adolescente com sua mãe e verificar como a figura materna é percebida; investigar a relação da adolescente com os demais membros significativos da família; compreender o significado da maternidade para cada uma delas; compreender as experiências que tiveram com a violência e como estas repercutem atualmente em sua conduta.

Para alcançar os objetivos descritos acima, foram convidadas a participar dessa pesquisa três adolescentes, residentes em um abrigo para jovens mães, na zona sul da cidade de São Paulo. Foram realizados cinco encontros com cada dupla, onde foi privilegiada a observação da relação mãe e filho.

Trata-se de uma pesquisa fundamentada na compreensão psicanalítica, segundo a proposta teórica de Winnicott a cerca do processo de amadurecimento emocional para a compreensão dos fenômenos estudados.

Convido o leitor a “mergulhar” nas histórias de vida de três jovens mães que buscam anteparos para realizar seu processo pessoal de desenvolvimento “rumo à independência”.

1. MÉTODO

Essa pesquisa foi orientada pelo método de pesquisa psicanalítico, que tem em sua essência a busca pela compreensão dos sentidos das manifestações humanas. Nas palavras de Aiello-Vaisberg, Machado e Ambrósio (2003):

> Esta é, por assim dizer, "a alma" do método psicanalítico, a idéia de que toda e qualquer manifestação humana é portadora de um sentido emocional que só pode ser compreendido tendo-se em vista os acontecimentos de vida do indivíduo singular, devidamente contextualizados social, histórica, política e culturalmente. (p. 7)

Freud (1856-1939), no início de sua formulação teórica, já indicava que não há descontinuidade na vida mental, ou seja, "há uma causa para cada pensamento, para cada memória revivida, sentimento ou ação" (Fadiman & Frager, 1986, p. 7). É o *determinismo psíquico*, um dos principais conceitos desenvolvidos pelo autor.

Toda conduta ou comportamento humano possui um sentido, um significado, afirma Bleger (1984). A conduta é um acontecimento humano e seu estudo é inseparável do contexto social do indivíduo. Ela é funcional e dinâmica, não pode ser estudada como "coisa"; é dotada de múltiplos sentidos, muitas vezes inconscientes ou desconhecidos. Para o autor, "*a psicologia não é somente a ciência dos fenômenos mentais*, a psicologia abarca o estudo de todas as manifestações do ser humano" (p. 29).

As manifestações humanas, que para além do campo verbal, são comunicadas também em formas estéticas, corporais, são igualmente ressaltadas por Safra (2005), que nos ensina que:

> Quando estamos diante de alguém, estamos em presença da maneira como essa pessoa organiza o espaço, o tempo, a relação com o outro. Os sons, os cheiros, enfim, tudo contribui para que possamos "intuir" o jeito do outro, seus sentimentos, seus sofrimentos, pois todas essas organizações plásticas nos afetam em nosso corpo. (p. 51)

A pesquisa em psicanálise nos impõe, dessa forma, uma importante questão: a do *encontro*. Quando o pesquisador vai ao encontro do *outro* para apreender suas particularidades, primeiramente, ele é lançado em um universo desconhecido que lhe será revelado pouco a pouco. Nesse sentido, a importância de não procurar as respostas que se quer obter, mas aquelas que emergem do encontro com o outro. É um importante exercício que nos leva a

essência do que é fazer pesquisa em psicanálise, considerando que nosso material de estudo são as manifestações humanas. Silva (1993) traduz essa afirmação da seguinte maneira:

> Ir ao encontro do objeto sem a teoria para que a teoria resulte dessa criação. Eu tenho que descobri-la nessa pesquisa. Ao descobrir a realidade de meu objeto, descubro a minha identidade nessa relação: eu me descubro lacaniana, bioniana, kleiniana ou qualquer outro rótulo desses em função de meu objeto e não em função de meu desejo anterior. (p. 138-139)

O método psicanalítico pressupõe uma postura receptiva e participativa, uma vez que o conhecimento é construído na experiência do encontro com o outro. Portanto, a pesquisa que se vale do método psicanalítico não existe sem que se considere a relação transferencial que se estabelece entre o pesquisador e pesquisado. A *transferência*, em psicanálise, pode ser definida como:

> Os processos pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada. (Laplanche & Pontalis, 2000, p.514)

Rosa (2004) ao falar sobre os fundamentos da pesquisa em psicanálise afirma que:

> O método psicanalítico vai do fenômeno ao conceito, e constrói uma metapsicologia não isolada mas fruto da escuta psicanalítica, que não enfatiza ou prioriza a interpretação, a teoria por si só, mas integra teoria, prática e pesquisa. O psicanalista não aplica teorias, não é o especialista da interpretação, nem mesmo da fantasia, posto que não é só aí que o inconsciente se manifesta; o psicanalista deve estar a serviço da questão que se apresenta. A observação dos fenômenos, está em interação com a teoria, produzindo o objeto da pesquisa, não dado a priori, mas produzido na e pela transferência. (p. 341)

Além da *transferência*, dois importantes processos estão incluídos no método psicanalítico: a *associação livre*, realizada pelo paciente/participante, e a *atenção flutuante*, do psicanalista/pesquisador. A associação livre consiste na expressão de todos os pensamentos indiscriminadamente, a partir de um elemento dado (como perguntas, palavras ou sonhos, por exemplo) ou de forma espontânea (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 38). A atenção flutuante implica em deixar funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente, suspendendo motivações que habitualmente dirigem nossa atenção, de modo a não privilegiar a priori qualquer elemento no discurso do outro (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 40).

Na discussão que se trava sobre a possibilidade de realizar generalizações e duplicações por meio da pesquisa psicanalítica, Safra (1993) afirma que:

> Não há em psicanálise um saber que possa ser aplicado a todos os indivíduos. Cada pessoa, apesar de compartilhar de angústias semelhantes com outros seres humanos, tem o seu psiquismo estruturado de forma original. (p.126)

Mezan (2002) aponta que, por sermos da mesma espécie, os processos psíquicos são essencialmente os mesmos para todos os seres humanos e, dessa forma, o trabalho de pesquisa em psicanálise parte do singular, apreendendo as determinações do sujeito, e visa extrair dela a dimensão universal. Em suas palavras:

> Toda investigação em psicanálise é qualitativa, ou seja, trabalha em profundidade em casos específicos. É o mergulho na sua singularidade que permite extrair deles tanto o que lhe pertence com exclusividade quanto o que compartilham com outros do mesmo tipo: por isso, o caso ganha um valor que se pode chamar *exemplar*. (p.430)

As realidades por mim reconhecidas, as histórias ouvidas e a tentativa de compreender os sentidos das manifestações humanas das participantes dessa pesquisa, me levaram ao diálogo com o pensamento de Donald W. Winnicott, psicanalista inglês, com quem articulo teoria e prática. Para o autor, a psicanálise é uma ciência aplicada, um corpo teórico que diz respeito ao desenvolvimento emocional do indivíduo. Ao falar sobre a pesquisa em psicanálise em seu artigo "O preço de desconsiderar a pesquisa em psicanálise", Winnicott (1965/2005) ressalta que: "O material da pesquisa psicanalítica é essencialmente o ser humano... sendo, sentindo, agindo, relacionando-se e contemplando" (p.174). Nesse mesmo artigo, o autor nos alerta para uma armadilha da ciência, que tende a perder de vista o ser humano como um todo, e termina sua fala com a seguinte afirmação:

> Caso o mundo sobreviva às próximas décadas, descobrir-se-á que a idéia impopular das motivações inconscientes tem sido um elemento essencial na evolução da sociedade, e que a pesquisa psicanalítica terá tido sua parte em poupar o mundo daquilo que, sem o conceito de motivação inconsciente, acaba se transformando em destino. (p. 182)

1.1 Descrição do ambiente e contextualização

A pesquisa foi realizada em um abrigo para jovens mães da Associação Santa Fé. Está localizado na região sul da cidade de São Paulo, em um bairro de classe média. Atende em média 10 meninas, com seus respectivos filhos, ou adolescentes gestantes. Abre-se exceção

para irmãs que estejam em risco, embora não possuam filhos, de maneira que seja mantida parte da família unida.

A casa onde o abrigo está instalado é um sobrado, que possui no piso térreo uma sala de visita com dois sofás, uma sala de jantar, com uma mesa grande e cadeiras, embora as refeições não sejam feitas ali. Possui, ainda, uma pequena sala de T.V., também com dois sofás e, ao lado, um lavabo. Na sala de jantar há uma porta de vidro que dá acesso a um quintal bastante amplo e cumprido. Essa mesma saída leva à cozinha, ao refeitório e ao salão (onde as meninas realizam atividades de grupo e estudo), que possui um sofá grande, estante com livros, mesa, cadeiras e armários para os funcionários. No fundo do quintal há o tanque onde as meninas lavam suas roupas e a dos filhos; ao lado uma dispensa com produtos de limpeza e a sala da coordenação. No piso superior, há duas suítes e mais um quarto. Teoricamente, há um quarto para as adolescentes e outros dois para as crianças, mas a maioria dorme junto com os filhos. Uma das suítes possui quatro beliches e a outra possui duas camas de solteiro e alguns berços. No terceiro quarto havia somente berços.

O abrigo é simples e conta também com doações e voluntários. Como quase toda Instituição, enfrenta dificuldades e no primeiro mês, enquanto a pesquisa era realizada, os educadores (funcionários que dormem na casa com as adolescentes) entraram em greve. Durante quase um mês a coordenadora e a técnica (psicóloga) se revezaram para cobrir a falta de funcionários. Muitos foram demitidos e quase toda equipe se renovou.

1.2 Procedimento

O primeiro contato com a Instituição onde a pesquisa foi realizada ocorreu no início do ano de 2008, via *Projeto Ser Mulher*, que nessa época tinha o foco no trabalho com adolescentes gestante e mães. Na primeira visita que fiz ao abrigo encontrei com duas meninas que passaram pelo *Projeto Ser Mulher* no ano de 2007 e, na época, estavam abrigadas em outra Instituição na região central da cidade de São Paulo. Ambas haviam sido desabrigadas com as respectivas filhas para voltarem ao convívio familiar e, assim, retornaram para casa de suas mães. Uma delas perdeu a guarda da filha alguns meses após o desabrigamento e estava grávida novamente. A outra adolescente estava abrigada com a filha e foi uma das participantes da pesquisa.

Foram realizados cinco encontros, com aproximadamente 1 hora de duração, com cada participante para a observação da relação entre mãe e criança. Estes ocorreram entre os meses de julho a outubro de 2008, sendo que cada encontro foi marcado individualmente, em dias e horários diferentes para cada participante.

O foco das observações voltou-se para a qualidade do cuidado da mãe em relação ao filho(a), assim como as reações e solicitações desses últimos às suas mães. Assim, buscou-se apreender durante os encontros as características principais da relação mãe-filho e a qualidade do vínculo estabelecido nesta relação.

Além das observações, foram realizadas entrevistas psicanaliticamente orientadas com as jovens mães, o que quer dizer que foram considerados aspectos relativos a técnica, como associação livre realizada pelas participantes. Nessas conversas, alguns temas a serem abordados foram definidos previamente para que determinados conteúdos, relevantes para o objetivo central e outros mais específicos da pesquisa, fossem alcançados. No entanto, esses temas foram tratados de forma singular com cada participante, não havendo preocupação quanto a sua ordem. Os assuntos foram sendo inseridos à medida que se encontrava espaço para a colocação das perguntas.

Os temas abordados foram:

1. *Relação com a mãe e a família*. Qual referência possui a respeito dos cuidados maternos; como era relação com demais membros da família; que lembranças possui da infância relacionadas a experiência com os pais.
2. *A vivência da gestação e da maternidade.* Sentimentos e emoções frente a gravidez, se foi ou não planejada; ganhos e perdas frente a experiência da maternidade, sentimentos em relação a maternidade.
3. *A experiência com a violência.* Verificar a existência e o grau de violência na história pessoal e como as mesmas aparecem atualmente.
4. *A relação com o filho.* Como percebe seu filho(a); quais suas preocupações em relação a ele(a), se há alguma dificuldade no cuidado com o mesmo.

Como estratégia para apresentação dos conteúdos presentes, após a realização de cada encontro foi realizada uma *narrativa* do mesmo. Aiello-Vaisberg e Machado (2005) definem a narrativa da seguinte maneira:

> ...a narrativa não pede que o outro se cale – ou se pronuncie diante de um erro, de uma falha – mas sim que prossiga, que, sentindo-se provocado, no sentido etimológico do termo latino, possa fazer

> suas associações, possa tecer suas considerações. E o outro, neste caso, não é apenas o colega que participa do mesmo coletivo de pesquisa, mas é o próprio pesquisador que depois do encontro vivido, não é mais o mesmo, que depois da narrativa, não é o mesmo, que é enfim, um ser do tempo, que se modifica a partir das experiências. E a narrativa, diferentemente do relatório de dados, é uma experiência. (p. 7)

A narrativa não é um simples relato, mas a apresentação do que foi vivido e poderá ser pensado posteriormente. Considera e busca conjugar os afetos e as apreensões intelectuais, por meio da atenção flutuante do pesquisador, que passa a apresentar de forma *criativa* os conteúdos, narrando-os, por meio de sua associação livre. A criatividade, nesse sentido, refere-se ao conceito winnicottiano de apresentação do objeto, onde realidade subjetiva encontra com a realidade objetiva passando a instituir o objeto de maneira particular. Como afirma Aiello-Vaisberg e Machado (2005) "na pesquisa psicanalítica, não lidamos com dados, com resultados, mas com a experiência dramática vivida". (p.7)

Não foram realizadas gravações para que houvesse maior liberdade na movimentação da pesquisadora e das participantes durante os encontros, de modo que pudéssemos nos deslocar conforme a necessidade ou desejo da participante. Assim, pude estar presente em todos os momentos de interação, inclusive durante o banho, as trocas, a hora da alimentação, momentos de atividades ao lar livre.

A pesquisa foi conduzida de maneira que as participantes não se expusessem perante os outros membros do abrigo ou outras pessoas que estivessem presentes no local, uma vez que todos os encontros foram realizados no interior do abrigo. Como aponta Turato (2003), o setting (enquadre para a entrevista) deve ser construído com outros cuidados especiais quando o pesquisador adentra a residência da participante. Sendo assim, procurávamos sempre o local mais reservado ou aonde a participante sentisse que estava mais a vontade para realizar os encontros, com a menor interferência possível, caracterizando o encontro entre adolescente - criança - pesquisadora.

1.2.1 Aspectos Éticos

A pesquisa foi realizada de acordo com as prerrogativas da resolução 196/96 da CONEP [Comissão Nacional de Ética em Pesquisa], que dispõe sobre os aspectos éticos relacionados a pesquisas que envolvem seres humanos. Está registrada no Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo sob o número 2008.062.

Desta forma, as participantes foram informadas sobre a natureza da pesquisa e seus objetivos, sendo solicitada à participação voluntária das mesmas. Todas elas foram avisadas que os conteúdos narrados serão protegidos pelo sigilo profissional, mas que por fazerem parte de uma pesquisa, os dados serão publicados devido a seu interesse científico. Por esta razão, os nomes das participantes e dos filhos foram alterados. A pesquisa ocorreu mediante a autorização das participantes e seus responsáveis legais através do termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo I).

Caso houvesse a necessidade de atendimento para a mãe e seu filho, o encaminhamento seria realizado para o "Projeto Ser Mulher", Instituição especializada no atendimento à adolescentes.

1.3 Análise dos conteúdos

A análise foi realizada pelo estudo dos conteúdos relatados, bem como das expressões não verbais e dos conteúdos transferenciais, tendo como base o referencial teórico de Donald W. Winnicott para a compreensão dos mesmos.

Os conteúdos foram agrupados segundo idéias centrais. No que se refere à *relação da adolescente com sua mãe e a família*, buscou-se compreender como a participante internalizou as experiências vivenciadas com a figura materna, as lembranças que possui dessa figura e os sentimentos e emoções despertados a partir dessas experiências. Em relação à família, ou seja, demais membros, como pai, irmãos, tios, avós, ou pessoas significativas do grupo familiar que aparecerem nos discursos, foi analisado a maneira como essas figuras foram internalizadas pela participante e, principalmente, se aparecem como protetoras ou não.

A análise de conteúdo do tema referente *à vivência da gestação e da maternidade* considerou os aspectos envolvidos nessas fases quanto ao seu significado, ou seja, o que representou e representa, respectivamente, a gestação e a maternidade; como ela se relaciona com a realidade atual; quais os sentimentos e emoções envolvidos durante a fase da gestação e, atualmente, com a maternidade; que consequências a maternidade trouxe para vida da jovem mãe, considerando tanto os aspectos objetivos quanto subjetivos.

Para compreender *a experiência das jovens mães com a violência*, em um primeiro momento, foi considerada a existência ou não de violência no âmbito doméstico, considerando os diferentes tipos (físico, sexual, negligência e emocional/psicológico) e as

intensidades e freqüências dessas ocorrências, dentro do possível a partir do que foi relatado. Também foi observada a existência ou não de comportamentos antissocias, tais como descritos por Winnicott, como roubos, furtos, mentiras, comportamento agressivo e, na medida do possível, o significado de tais comportamentos para cada uma das participantes. Por último, uma análise de maior abrangência envolvendo a história da adolescente com a violência em seu meio social e a violência estrutural.

Por fim, *a relação com o filho*, onde foram analisadas as interações entre mãe e filho, as condutas da mãe em relação ao filho, ou seja, se atende ou não a suas demandas e necessidades, como se dá o contato corporal com a criança, a existência da troca de olhares, como a mãe o percebe, se está disponível ou não para seu filho, demonstrações de carinho e/ou condutas violentas. Também foi analisado o comportamento da criança em relação à mãe: se a procura ou não, se demonstra afeto, se a mãe demonstra ser uma figura de segurança.

1.4 Participantes

Foram estudados três casos de meninas, entre 14 a 19 anos, mães, que passaram por situações de violência no âmbito familiar, além de serem expostas a inúmeras violências sociais.

O acesso às histórias de vida das participantes, antes dos encontros com as mesmas, foi obtido por meio da coordenadora do abrigo. No entanto, mesmo os elementos que chegam a ela são escassos; são histórias muitas vezes retaliadas, e nem todas as famílias mantém contato com a adolescente, o que dificulta muitas vezes a compreensão do “todo”.

1.4.1 Apresentação das Participantes

Caso 1

Adriana, 17 anos, mãe de André, 03 anos.

Adriana estava sendo assistida pela Instituição desde 2003. Antes de ir para o abrigo de jovens mães, morava na casa da juventude (abrigo da mesma entidade para adolescentes em

situação de risco). A família mora em outro município do estado de São Paulo. Adriana fugiu de casa aos doze anos, vindo para a capital paulista.

Segundo a coordenadora do abrigo, esta precisou buscar Adriana em delegacias algumas vezes, pois a mesma cometeu vários furtos, chegando a cumprir medida sócio-educativa. Depois que teve André não voltou a cometer furtos.

André nasceu prematuro, no 5º mês de gestação. A coordenadora conta que Adriana, após o parto e a saída de André do hospital, falava em matá-lo. Mas, apesar disso, não saiu do lado do filho durante todos os meses em que ele ficou internado. Ela não se lembra ao certo, mas acha que André ficou no hospital quase um ano. Conta que Adriana largou os estudos para acompanhar o filho. Diz que ela amadureceu muito e que, apesar das dificuldades e dos sonhos inalcançáveis, ela tenta recuperar o tempo perdido.

Ao término de cada encontro ficava em mim um sentimento de tristeza que chamava atenção. Adriana parecia muito sozinha e, na época em que a pesquisa foi realizada, o distanciamento em relação ao filho foi se tornando cada vez mais evidente, tanto que em alguns encontros parecia esquecer-se do mesmo.

Estava voltada para si mesma e pouco conseguia olhar para André. Seus questionamentos voltavam-se para sua própria existência e o espaço que o filho ocupava parecia ficar cada vez mais restrito.

Encontrava fôlego para reagir às adversidades de sua história, mas carregava inúmeras frustrações e, talvez, por isso, a tristeza tão presente em nossos encontros. Havia uma pergunta presente que, embora não estivesse explícita, parecia acompanhar Adriana: “Por que eu?”

Precisava ser ouvida, gostava de conversar e procurava algumas referências quando me questionava sobre suas atitudes e sua maneira de ser. Parecia ser mais fácil falar com quem tinha pouca intimidade e sabia que não precisaria encarar depois, buscando preservar-se do contato e de relações mais estáveis.

Poucas vezes trazia suas emoções para nossas conversas e freqüentemente utilizava-se da racionalização para se defender e manter distante os sentimentos que lhe faziam sofrer. Assim, muitas vezes falava de assuntos difíceis ou narrava situações tensas como quem está contando algo muito corriqueiro como, por exemplo, quando contou sobre as vezes em que sentiu vontade de jogar o filho pela escada ou teve atitudes agressivas com ele. Esse distanciamento foi a maneira que Adriana encontrou para continuar a lutar por si e tocar sua vida adiante, sem entregar-se à dura realidade.

Aproximadamente 1 mês depois do encerramento dos encontros, estive no abrigo e Adriana contou que solicitou à coordenadora o abrigamento de André em outra Instituição. Segundo Adriana, ela precisava de um tempo para arrumar a vida, buscar um emprego, talvez voltasse a morar com os pais e, quando tivesse condições, pegaria o filho de volta. Parecia segura e não mostrava arrependimento diante da decisão tomada.

Caso 2

Izabela, 16 anos, mãe de Helena, 1 ano e 5 meses.

Conheci Izabela e sua filha em 2007 quando trabalhava na Associação de Apoio aos Meninos e Meninas da Sé. Na ocasião elas estavam em outro abrigo destinado a jovens mães localizado na região central da cidade de São Paulo. Quando cheguei ao abrigo onde foi realizada a pesquisa encontrei com Izabela, que me reconheceu e contou que havia ficado dois meses com sua mãe, mas que a convivência com esta mais uma vez não havia dado certo; não disse o motivo. Ficou abrigada em um Centro de Referência da Criança e do Adolescente [CRECA] e depois foi transferida para o abrigo onde vive atualmente.

Izabela tinha um comportamento agressivo na antiga Instituição e freqüentemente estava envolvida em brigas. Em seu prontuário constavam também fortes indícios de envolvimento com prostituição, embora ela nunca tenha tocado no assunto.

Izabela é uma jovem obesa e continua com problemas de relacionamento e apresentando comportamentos agressivos no atual abrigo, segundo a coordenadora do mesmo, permanecendo grande parte do tempo isolada.

Izabela apresentava uma grande labilidade emocional e sintomas depressivos. Durante nossos encontros, muitas vezes, Izabela permanecia calada. Ficava com os olhos cheios de lágrimas, mas não queria, ou não conseguia, dizer o que estava pensando ou sentindo. Mostrava um grande sofrimento, mas não conseguia expressá-lo ou aceitar ajuda. Quando finalizamos os cinco encontros, Izabela me disse que, se eu quisesse, poderia continuar a visitá-la. Izabela não recebia visita de nenhum parente ou qualquer outra pessoa. Na época em que participou da pesquisa, sua filha Helena era a única pessoa da família com quem mantinha contato.

Durante a realização dos encontros, Izabela começou a fazer terapia, mas logo abandonou a mesma dizendo que não havia gostado da psicóloga.

Caso 3

Bia, 17 anos, mãe de Gabriel, 10 meses.

A coordenadora relata que a mãe de Bia é uma pessoa bastante acomodada à situação e não demonstra intenção em recuperar as filhas. Ela vive com a avó das meninas, sendo sustentada por esta, pois não trabalha. Bia mantinha contato com a mãe, embora não fosse freqüente. Além dela, outras duas irmãs estavam no abrigo, mesmo sem ter filhos; moravam lá a pedido de Bia.

A coordenadora do abrigo relatou que Bia lembra sua mãe no que se refere às atitudes, pois não apresenta motivação nenhuma para mudar sua realidade. Seu comportamento inerte em relação ao presente e a ausência de planos para futuro preocupam os técnicos do abrigo.

Bia e as irmãs passaram a fugir de casa após as surras que levavam da mãe. Bia tinha, mais ou menos, treze anos nessa época. Ela conta que sua mãe começou a agredi-las quando se separou de seu pai, depois de surpreendê-lo tentando abusar de Bia. Ela e suas irmãs já passaram por muitos abrigos, mas sempre fugiram de todos. Fugiam e ficavam na rua, onde permaneciam juntas. Viver em um lugar com muitas regras, horários e limites é bastante difícil para elas que, após terem tornado a situação abusiva visível, foram “abandonadas” e passaram a ser negligenciadas pela mãe.

Bia é uma menina calada, bastante sensível e no momento em que a pesquisa foi realizada, estava visivelmente perdida, sem perspectivas. Ela mostrou-se disponível para me receber e parecia gostar de ter alguém lá para ouvir ou apenas ficar junto. Respondia as perguntas, mas dificilmente falava de forma espontânea sobre sua vida e sobre o que estava sentindo.

Bia gostava de exibir o corpo, usando sempre roupas muito curtas ou com grandes decotes. Às vezes, os educadores ou a coordenadora do abrigo chamavam sua atenção pela forma como expunha seu corpo. No entanto, não era vaidosa e poucas vezes arrumava o cabelo ou se preocupava com a aparência.

Aproximadamente 1 mês depois do encerramento dos encontros, estive no abrigo e soube que Bia havia fugido com suas irmãs, mas voltou depois de uma semana, sem as irmãs. Conversei com ela e perguntei por que ela havia voltado e ela disse que voltou por causa de Gabriel, que chorava muito na rua.

2. A RELAÇÃO COM A MÃE E A FAMÍLIA

Para buscar compreender como e o porquê essas meninas vieram parar em um abrigo e tornaram-se mães, resgatamos as histórias pessoais e familiares de cada uma delas.

Ao abordar o tema "Família" surge em primeira instância uma questão que pode parecer óbvia no senso comum, mas quando olhada mais de perto possui inúmeras variáveis: o que quer dizer "família"? Será que ela possui o mesmo significado para todas as pessoas?

Winnicott (1986/2005) afirma que para cinco irmãos de um mesmo pai e uma mesma mãe haverá cinco famílias diferentes. Ou seja, a maneira como cada um percebe e se relaciona com esse grupo, que na maioria das vezes é o primeiro grupo de pessoas ao qual um indivíduo tem acesso, é apreendido de forma única.

Além da experiência individual, há também as variáveis objetivas e concretas que se apresentam, por exemplo, na presença ou a na ausência de um dos genitores, nas famílias reconstituídas, nas famílias homoparentais, etc. De qualquer maneira, na atualidade, espera-se da "família" que ela se mantenha unida pela presença do afeto, cumpra seu dever de proteger as crianças e forneça às mesmas condições para seu desenvolvimento biopsicossocial, além de ser o elo entre o indivíduo e a sociedade, representando assim uma referência para seus membros, enquanto ser único e ser social.

Nas diferentes áreas do conhecimento, como por exemplo, na sociologia, na antropologia ou na psicologia, o estudo da família mostra toda complexidade que cerca essa Instituição, sua origem, as mudanças de paradigmas e as relações estabelecidas em seu interior.

Borges e Rocha-Coutinho (2008) em seu texto sobre a família contemporânea expõem momentos e paradigmas que cercaram a Família em diferentes momentos da história. Apontam os casamentos arranjados para assegurar o patrimônio como um primeiro momento na evolução da Família, constituindo assim uma unidade econômica; em um segundo momento, com o advento da industrialização e o fim das propriedades rurais, a Família constituída a partir dos desejos e das necessidades afetivas dos cônjuges, em sua maioria formada pelo casal e seus filhos; e um terceiro momento onde o desejo e a realização pessoal predominam; além disso, a união deve satisfazer a ambos.

Ariès (1975/2006) destaca que "a família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental" (p.158). Segundo o autor, na Idade Média as crianças eram enviadas para longe de seus pais biológicos para serem educadas e aprenderem um ofício por meio de outros adultos. A partir do século XV o sentimento e o sentido de família começam a apresentar

sinais de mudança e a educação dos filhos passa a ser responsabilidade da escola, tendo início os primeiros vestígios de uma fase ignorada até então, a infância. Ariès (1975/2006) distingue duas fases em relação ao sentimento de "infância". Em suas palavras:

> O primeiro sentimento da infância – caracterizado pela paparicação – surgiu no meio familiar, na companhia das criancinhas pequenas. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior à família: dos eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes. (p.105)

Ainda segundo o autor, é a partir do século XVIII que a criança passa a ocupar um lugar central na vida familiar. A intimidade e a privacidade da vida familiar surgem como um valor e uma defesa contra o social que invadia a vida (Ariès, 1975/2006). E conclui seu pensamento com a seguinte afirmação:

> A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo e da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade, e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. (p. 195)

Casey (1992), ao falar sobre o significado da família e as múltiplas visões a respeito dessa instituição, afirma que:

> As estruturas familiares não constituem instituições isoladas; na verdade, são adaptações imperfeitas da psique humana à cultura e ecologia de uma área particular. O interessante não são as "estruturas", que realmente não nos ajudam a compreender a complexidade de uma sociedade local, porém o modo como as normas de conduta se desenvolvem e podem ser adaptadas às necessidades individuais. (p.23)

Lévi-Strauss (2008) institui os laços do parentesco como um fato social e não natural. Segundo o autor, além do fator biológico e da consangüinidade, o parentesco também é determinado pelas alianças que se estabelecem entre os grupos por meio do tabu do incesto, o que possibilita a troca e a reciprocidade constitutivas das relações familiares.

Nas palavras de Winnicott (1965b/1997), "a família parece ser uma estrutura especialmente programada para dar continuidade à dependência inconsciente da criança em relação ao pai e à mãe de fato; esta dependência inclui a necessidade que a criança tem de separar-se com rebeldia" (p. 137). Para o autor, a segurança oferecida pelos cuidados maternos e, posteriormente, pelo pai vão gradualmente se estendendo aos outros membros da família (avós, tios, primos) até alcançar os demais círculos sociais, por meio de um movimento transitório que possibilita o envolvimento com a sociedade e o exercício da

cidadania. Cabe também à família a função de aceitar os impulsos criativos e de generosidade do indivíduo, onde fica estabelecida uma relação de troca, transformadora para todos os envolvidos.

André-Fustier e Aubertel (1998) afirmam que a família possui como tarefa fazer nascer os indivíduos para a vida psíquica. Em suas palavras:

> Para que um recém-nascido construa seu psiquismo, para que ele organize seu mundo interior, é vital que possa apoiar-se no funcionamento psíquico das pessoas que constituem seu primeiro ambiente, isto é, seus pais, sua família (irmãos e irmãs, avós...). (p. 138)

Os autores exploram o conceito desenvolvido R. Kaës sobre a existência de um aparelho psíquico familiar. As funções desse aparelho são funções de continência, ligação, transformação e transmissão.

A função de continência corresponde a função de sustentar as angústias arcaicas, brutas, do lactente. A função de transformação diz respeito ao trabalho psíquico que é realizado pelo bebê quando o ambiente acolhe suas experiências sensoriais e lhe restitui vivências psíquicas. A função de ligação corresponde a utilização realizada pelo bebê das vivências psíquicas para, progressivamente, organizar sua psique e obter autocontrole, assim como estabelecer relações objetais. A função da transmissão, entre as gerações, remete à maneira como cada família transmite ao recém nascido a sua maneira de apreender o mundo e de organizar o seu universo interno. A função da transmissão introduz a dimensão histórica do aparelho psíquico familiar (André-Fustier & Aubertel, 1998).

A partir das histórias de vida e das tramas familiares apresentadas pelas participantes, vamos buscar a representação dessa Instituição na vida de cada uma, em suas particularidades.

Caso 1 - Adriana e André

Adriana contou que fugiu de casa aos 12 anos de idade porque não aguentou a dinâmica familiar de seus pais; achava que se ficasse lá iria enlouquecer. Morou algum tempo com uma Sra., que conheceu na rodoviária de São Paulo, e depois foi levada para o abrigo. Contou que sua mãe tem problemas mentais e que, aos sete anos, seu pai a molestou, o que nunca mais conseguiu esquecer. Disse que não suportava mais sua casa, a agressividade de seu pai que, segundo ela, era muito bruto e, por isso, preferia viver na rua a continuar lá.

Foi a única vez em que falou sobre a situação de abuso sofrida. Em meio a experiências de violência no ambiente familiar, a fuga pode ser considerada uma tentativa de preservar o que

já havia sido conquistado; manter intacto o que ela ainda tinha de bom dentro de si. As boas imagens e as boas experiências, embora apareçam em menor número foram suficientes para criar uma "unidade", um senso de si mesmo.

Em maio de 2008, "*perto do dia das mães*", ela decidiu voltar para casa, mas disse que não suportou ficar lá. Sentiu-se novamente como uma menina de doze anos e não queria ser dependente de seus pais. Falava da dependência de sua mãe em relação ao pai e demonstrava sua aversão ao fato. Disse que ficou incomodada com o fato de sua mãe cuidar de André. Além disso, não aceitava mais as regras que seus pais tentavam impor. Depois de uma semana voltou novamente para São Paulo. A relação com os pais é distante e, por vezes, aversiva. Ela faz novas tentativas de aproximação com a esperança de encontrar "outra" família. A volta para casa gerou mais frustração, mas também foi uma experiência que possibilitou o resgate de suas raízes, experiência bastante significativa para quem passa alguns anos vivendo em abrigos.

Adriana lutava contra a dependência, que para ela é sinônimo de sofrimento. As pessoas que deveriam lhe proteger eram as mesmas que ela temia ou, então, estavam ausentes nos momentos de angústia. Desde cedo ela necessitou reagir para sobreviver às ameaças do ambiente, interrompendo o sentimento de continuidade e permanência de si. Era um ambiente onde o *ser* ficava comprometido pelas inúmeras solicitações de defesa ao ego.

Quando perguntei sobre as lembranças de sua infância, se ela brincava, como e com quem, ela contou que brincava com seus primos na época em que morava em um sítio, subia em árvores. Depois, quando se mudou para casa onde seus pais estavam residindo, brincava com seus irmãos e soltava pipa. Perguntei se sua mãe brincava com ela e ela disse que não. Recordou-se da época que sua mãe teve um surto e jogou todos seus brinquedos fora.

Os momentos de troca são escassos e limitados em sua qualidade, ou seja, eles existem, mas carregam um sentimento de falta, algo que parecia ter um final bom, mas foi interrompido pela realidade, onde o outro é pouco considerado e a vontade do mais forte prevalece. Talvez daí venha sua necessidade de mostrar-se independente e não ficar a mercê da vontade e do desejo alheio.

Havia uma dinâmica familiar que revelava certa promiscuidade. Os papéis são confusos, irmãos que são primos, filhos de outros relacionamentos. Referiu-se ao pai como um "safado"; contou que seu irmão mais velho é filho de sua tia e tem ainda outro irmão, com a mesma idade de Adriana, só que filho de outra mulher. Ela possui mais quatro irmãos de vários relacionamentos que seu pai teve, sendo apenas um da mesma mãe.

Adriana parecia por vezes bloquear alguns sentimentos, falava com distanciamento de algumas situações, sem demonstrar emoção diante de uma lembrança. Apenas relatava, como alguém que já estava cansada de sentir dor. Era difícil para ela pensar na dor de alguém, tendo sido abandonada por seus pais, embora eles estivessem presentes todo o tempo. Winnicott (1960a/1990a) nos ensina que para defender o *self* verdadeiro, ou seja, o sentido de unidade que denota nossa própria existência, o indivíduo organiza um falso *self*, com o qual ele se mostra ao mundo. As consequências das experiências de intrusão e das falhas ambientais sofridas por Adriana se apresentavam no aplacamento de suas emoções e na proteção dos sentimentos que lhe pareciam mais preciosos. Quando perguntei a ela se sentia falta de seus irmãos, ela disse que sentia, mas falava sem trazer para a conversa qualquer sentimento. Perguntei se os quatro irmãos ainda moravam com seus pais e ela disse que o mais velho foi posto para fora de casa porque usava drogas.

Ainda assim, Adriana conseguiu por meio de alguma experiência na relação com o outro manter em seu arquivo pessoal de emoções e sentimentos um registro sobre uma relação de cuidado, na qual pôde sentir-se vinculada a alguém, que lhe dispensou afeto suficiente para que ela pudesse integrar aspectos de sua personalidade e conservar a esperança de encontrar novamente esse tipo de relação, mesmo que não tenha conscientemente essa lembrança. Isto apareceu em alguns momentos de nossos encontros, onde ela revelou um aspecto resiliente de sua personalidade; um sentimento positivo em relação aos pais, como se em algum momento ela conseguisse entendê-los e perdoá-los. Disse que são boas pessoas, mas não sabem conversar, eles não a entendem e ela não aceita as regras deles.

Cyrulnik (2005) afirma que poucos momentos onde a experiência de ser amado é vivenciada são capazes de organizar a personalidade resiliente. Em suas palavras:

> Algumas crianças privadas de afeto constroem sua identidade narrativa em torno dos momentos magníficos em que foram amadas. O que resulta em biografias chocantes de crianças abandonadas num orfanato, isoladas num porão, espancadas e continuamente humilhadas que se tornam adultos resilientes e afirmam tranquilamente: “Sempre tive muitas sorte na vida”. (p. 13)

Adriana afirmou que não conseguia esquecer-se de algumas coisas, mas que também pensava que muitas pessoas passaram por coisas bem piores que ela, “pessoas que viveram um inferno na infância”. Quando chegou em São Paulo, ainda na rodoviária, conheceu uma mulher que a ajudou e levou-a para casa. Cuidou dela e chegou a pensar em adotá-la, mas não o fez porque a filha dessa Sra. foi contra. Levou-a até o fórum, onde foi encaminhada a um abrigo para crianças e adolescentes em situação de risco. Sobre esse fato, Adriana

comentou: *"É por isso que eu acredito em Deus! Sempre que eu precisei Ele me ajudou".* (1º encontro)

Caso 2 - Izabela e Helena

Izabela relatou que saiu de casa aos treze anos porque seu pai lhe bateu. Contou que seus pais não moravam juntos e, sempre que ela dava muito trabalho para sua mãe, esta lhe mandava para a casa do pai.

Ela pouco falou sobre sua vida e sobre a relação com sua família. Perguntei para ela se tinha lembranças de sua família, mas além de sua mãe e seu pai, ninguém mais apareceu em seus relatos. Chama a atenção a "pobreza" das relações familiares e a ausência de laços afetivos com outras pessoas de sua família biológica.

A única vez em que falou do pai foi quando contou que foi para a rua depois de uma surra. A única lembrança que tem deste é a lembrança da violência física. A marca que sua família parece ter deixado à Izabela é a do abandono.

Caso 3 - Bia e Gabriel

A história familiar de Bia não difere das outras duas participantes e revela também muita violência. Ela relatou que seu pai tentou abusar sexualmente dela, mas sua mãe chegou em casa no momento em que o pai a assediava, viu o que estava acontecendo e o colocou para fora. Ela contou que ele já havia tentando abusar de sua irmã mais nova, mas que ao contarem o fato para a mãe esta não acreditou; só quando o flagrou é que tomou uma atitude. No entanto, Bia contou que depois da separação de seus pais, a mãe passou a agredir e ser negligente com os filhos.

Em nosso primeiro encontro, perguntei quantos irmãos ela tinha e ela contou que tem cinco: o irmão mais velho, que está preso; uma irmã que é casada; depois vem ela e as duas irmãs que estavam no abrigo e mais outra menina de doze anos, que ninguém sabia onde estava. Disse que há anos sua mãe perdeu a guarda dos filhos por não cuidar dos mesmos e, desde então, ela vive com as irmãs em abrigos. No entanto, ela contou que sempre fugiam e acabavam retornando para casa da avó, em Franco da Rocha, onde sua mãe vivia na época em que os encontros foram realizados, mas, também, não ficavam por lá muito tempo e voltavam para rua, e da rua eram encaminhadas novamente para algum abrigo. Perguntei o motivo de tantas fugas ela falou que era porque apanhavam muito de sua mãe, mesmo sem terem feito

nada. Disse que após as surras, ela e as irmãs passaram a fugir de casa sistematicamente. Perguntei porquê ela fugia dos abrigos e ela disse que não gostava de ficar lá.

A desagregação familiar é um sintoma importante na história de Bia, assim como a falta de cuidado e a indiferença. Um irmão que está preso e uma irmã, de apenas 12 anos de idade, que ninguém sabia onde estava, a única coisa que sabiam é que ela pode ter fugido com o namorado; são retratos de uma dinâmica familiar negligente. Desde muito cedo essas meninas necessitaram buscar estratégias de sobrevivência frente às atitudes vindas do ambiente, que se mostrava agressivo e incapaz de protegê-las. Winnicott (1965/1997) ressalta em sua teoria a necessidade da criança e do adolescente em testar o ambiente para verificar se ainda pode confiar nele. Com o amadurecimento pessoal, a segurança ambiental passa a ser um componente interno e se transforma em autocontrole. Na família de Bia, onde estava a segurança que ela e as irmãs necessitavam? Em quem podiam confiar?

No período em que a pesquisa foi realizada, o sentido de Família para Bia se ancorava na relação com as irmãs e com o filho. Cada uma vivia sua vida, ao mesmo tempo, uma cuidava da outra. Gabriel tinha as tias por perto e elas por sua vez protegiam o sobrinho. As irmãs de Bia estavam lá porque ela havia pedido à coordenadora que as buscasse na rua, uma vez que nenhuma delas era mãe. No terceiro encontro, Bia estava preocupada e quase chorou ao contar que a sua irmã mais nova havia fugido do abrigo. Ela sabia que a perda de autonomia, devido ao abrigamento, era algo bastante complicado para suas irmãs, mas também conhecia bem a vida na rua e não queria que a irmã corresse riscos ao ficar exposta dessa maneira, além disso, perdia o pouco que ainda restava de uma estrutura afetiva familiar. Em nosso quarto encontro, perguntei a Bia se ela tinha tido notícias de sua família. Ela disse que sua irmã havia ligado para a mãe e esta disse que não tinha ido vê-las porque estava sem dinheiro. Em nosso último encontro, a irmã mais nova de Bia havia retornado ao abrigo.

2.1 A relação com a mãe: Parentalidade, transmissão psíquica e a questão do amor materno

A maternidade, considerada no senso comum como instinto natural da mulher, uma vocação da mesma para cuidar e amar incondicionalmente seu filho é um assunto polêmico. Muitas são as críticas à visão de que esse amor é inato e sobre a existência de um instinto maternal. Badinter (1985) faz um detalhado percurso histórico sobre essa questão e escreve a respeito da indiferença e da frieza dos pais em relação aos filhos até o século XVIII. Em seu

livro “O amor conquistado: o mito do amor materno” ela defende a tese de que, o que muitos autores chamam de instinto materno, não passa de uma construção sócio-política que se modifica de tempos em tempos. Ressalta ainda a questão de gênero e a subordinação da mulher em relação ao homem, que teve sua função definida por meio da maternidade durante séculos. Mas, a mesma autora, em um de seus capítulos afirma que o desinteresse pela criança era também uma maneira dos pais defenderem-se do sofrimento pela perda de um filho, o que era muito comum até o fim do século XVIII devido aos altos índices de mortalidade infantil. “Se a mãe se apegasse intensamente a cada um de seus bebês, sem dúvida morreria de dor” (Badinter, 1985, p.85).

Dolto (1984) também reconstitui a história sobre o amor materno em seu texto “A Gênese do sentimento materno: Esclarecimento Psicanalítico da Função Simbólica Feminina”. A autora apresenta a idéia de que o sentimento materno é fruto de uma construção das relações estabelecidas entre a menina e suas referências femininas e de como ocorreu seu processo desenvolvimento emocional no que se refere à castração. Além disso, o amor materno dá suporte ao narcisismo do indivíduo que se percebe investido pelo afeto e desejo do outro, por isso a necessidade humana em atribuir a genitora características tão dóceis e de abdicação por outros interesses que não seja o de ser mãe.

Do mesmo modo a construção da paternidade também pode ser entendida dentro das identificações que o menino irá realizar com o pai, com outras figuras masculinas, da maneira como vivenciou a relação triangular edipiana e de acordo com o grupo e a cultura em que está inserido. Ou seja, pode-se pensar que a maneira pela qual uma mulher exerce seu papel materno e o homem exerce a paternidade está relacionado às vivências que ambos tiveram como filhos e à qualidade dos cuidados que receberam, às características atribuídas aos papéis materno e paterno na cultura, bem como às resoluções de seus conflitos edípicos. Ao exercerem essas funções, de mãe e pai, entram em um campo importante para a formação da personalidade do ser humano que é o exercício da *parentalidade e da transmissão inter e transgeracional* (Lebovici, 2004).

A parentalidade, segundo M. C. Passos (comunicado em palestra, 17 de abril, 2008), é um processo psíquico dos pais anterior ao nascimento do filho no qual há um retorno à própria história. Lebovici (2004), no “*Diálogo com Letícia Solis-Ponton*”, afirma que “a noção de parentalidade não inclui apenas o sentido biológico do termo. Mais: ser pai ou mãe não é só ter um filho, mas também uma oportunidade para refletir a respeito de sua descendência” (p. 21). Assim, a própria história e das gerações anteriores possuem grande influência em todo processo da maternidade e da paternidade. Essas “histórias” são contadas em cada detalhe da

relação pais-filhos sob a forma dos cuidados que oferecem, das expectativas que criam e dos conflitos e sintomas que aparecem.

A transmissão psíquica é descrita por Paiva e Gomes (2008) como histórias familiares herdadas que estão presentes na formação do psiquismo. A maneira como cada indivíduo recebe essa herança e torna-se prisioneiro dela ou não depende da possibilidade de elaboração desses conteúdos.

Correa (2000) aponta dois tipos de transmissão, que estão interligadas e as distingue da seguinte maneira:

> a. Intergeracional, esta inclui um espaço de metabolização do material psíquico transmitido pela geração mais próxima e que, transformado, passará a seguinte.
> b. Trangeracional, referida a um material psíquico da herança genealógica não transformada e não simbolizada que apresenta lacunas e vazios na transmissão, o significado aponta para o fato psíquico inconsciente que atravessa diversas gerações. (p. 65)

A "parentalização" ocorre se há recursos internos nos futuros pais para tal, inclusive durante a gravidez, na medida em que representa os investimentos que se faz em relação ao filho. A qualidade desse processo também possui uma variável enquanto representante de um investimento narcísico dos pais na constituição de um filho e, por isso, a história pessoal destes irá ter influência direta na expectativa em relação a este filho. Existe a necessidade de uma reorganização interna que permita a esta criança um lugar e possibilite um sentimento de pertencimento. Mas, segundo Lebovici (2004):

> ...se os pais não trabalharam o desejo da criança, o recém-nascido vai reivindicar a sua função de parentalizar e pode ser que ele tenha de afrontar a recusa dos pais. A criança se expressa por meio de gestos que a sua mãe interpreta levando em conta seu histórico familiar. (p. 22)

Winnicott (1958b/2000) aponta que algumas mulheres podem ter dificuldade em desempenhar a função materna e entrar em um estado psíquico especial que ele denominou "Preocupação Materna Primária". Sobre esse estado ele escreve:

> Gradualmente, esse estado passa a ser o de uma sensibilidade exacerbada durante e principalmente ao final da gravidez.
> Sua duração é de algumas semanas após o nascimento do bebê.
> Dificilmente as mães o recordam depois que o ultrapassaram.
> Eu daria um passo a mais e diria que a memória das mães a esse respeito tende a ser reprimida. (Winnicott, 1958b/2000, p. 401)

Trata-se de um momento especial, de fundamental relevância na construção do psiquismo, em que a mãe regride e volta-se exclusivamente para o bebê, retirando temporariamente seu interesse do social. A preocupação materna primária possibilita à mãe adaptar-se às necessidades de seu bebê, respondendo adequadamente às suas demandas, de modo que ele passe a confiar no meio. No entanto, Winnicott (1958b/2000) afirma que esta não é uma habilidade inata a todas as mulheres ou, ainda, pode apresentar-se na experiência com um filho, mas não com outro. O que nos faz pensar que o momento e a situação em que a gravidez ocorre são de extrema relevância para que a mãe possa desenvolver esse aspecto em potencial de sua personalidade. Além disso, Winnicott (1966/2006) chama atenção para o fato de que a mãe "também já foi um bebê, e traz com ela as lembranças de tê-lo sido; tem, igualmente, recordações de que alguém cuidou dela, e estas lembranças tanto podem ajudá-la quanto atrapalhá-la em sua própria experiência como mãe" (p. 04). O desenvolvimento dessa capacidade de adaptação pode ser uma conquista e a mãe também precisa de um ambiente acolhedor e facilitador, até mesmo para que ela possa voltar seu interesse e seu afeto inteiramente para o filho.

Sendo assim, uma mulher pode enfrentar problemas para desempenhar a função materna e oferecer a sustentação (*holding*) necessária ao seu bebê para que ele se desenvolva e integre aspectos de sua personalidade.

O *holding* é uma das principais funções maternas e implica em:

- Proteger da agressão fisiológica;
- Dar conta da sensibilidade cutânea do bebê – tato, temperatura, sensibilidade auditiva, sensibilidade visual, sensibilidade à queda;
- Inclui a rotina completa do cuidado dia e noite;
- Acompanha as mudanças do dia-a-dia que fazem parte do desenvolvimento do bebê.

Ao descrever aspectos do cuidado materno, Winnicott (1960b/1990a) ressalta que o suporte oferecido pelo ambiente não é um trabalho mecânico, mas implica em empatia materna: "O *holding* inclui especialmente o *holding* físico do lactente, que é uma forma de amar" (Winnicott, 1960b/1990a, p. 48).

Outras duas funções do cuidado materno são: (1) manipular *(handling)* e (2) apresentar objetos ou "realização". A primeira facilita a integração psicossomática, possibilitando à criança gozar a experiência do funcionamento corporal e de Ser. A segunda dá início à capacidade do bebê de relacionar-se com objetos, o que desenvolve ainda mais sua capacidade para sentir-se real em sua relação com mundo externo.

Brazelton (1988) afirma que:

> O apego e os cuidados parentais não são simplesmente temas relacionados aos cuidados, mas também aos processos de aprendizado sobre como lidar com a cólera, frustração, o desejo de fugir do papel e, mesmo, de abandonar a criança. Aprender a viver com estes sentimentos e a olhar além deles à procura das simples mas profundas recompensas da criação de seu filho – os sorrisos, os estágios desenvolvimentais – ensina os pais a terem equilíbrio necessário... Pode muito bem acontecer de os pais apaixonarem-se pelo bebê à primeira vista, mas a permanência deste amor é um processo de aprendizagem – de aprender a conhecer a si mesmo, bem como o bebê. (p. 14)

Caso 1 - Adriana e André

Na história de Adriana a mãe não aparecia como uma figura que oferecesse segurança. Adriana a percebia como alguém dependente, de quem desejava diferenciar-se e manter distância. No segundo encontro ela disse que sempre pensou em ser uma boa mãe e diferente da sua. Ainda sobre sua mãe e as lembranças que guardava desta, ela contou que se lembrava de sua mãe sendo internada, tirando a roupa devido aos problemas mentais que apresentava. Ainda assim, havia momentos em que ela queria acreditar que poderia ser diferente.

As lembranças boas eram raras e vinham sucedidas por desfechos tristes que revelavam o abandono e a solidão. A figura materna aparecia como alguém onde a frustração era o principal sentimento da relação. Não havia lembrança de proteção ou aconchego, não havia um sentimento de segurança que lhe possibilitasse viver espontaneamente, ao contrário, a figura materna aparecia em alguns momentos em uma relação perversa, onde a privação era sentida como algo proposital.

Quando questionei sobre as lembranças de cuidado ou momentos bons que vivenciou com sua mãe, ela trouxe a lembrança de sua mãe cozinhando. Contou que sua mãe cozinhava bem e lembrou-se do pão que ela fazia, deste saindo quente do forno. Mas, logo depois, ela se lembrou que sua mãe pegava um pedaço grande e dava aos filhos um pedaço pequeno. Adriana disse que sentia raiva porque sua mãe comia e não lhe dava. Perguntei se sua mãe brincava com ela, ela respondeu que não. Perguntei se ela lhe batia, ela disse que sim e abaixou a cabeça, demonstrou que não queria mais falar.

Adriana também reconheceu algumas semelhanças. Disse que, assim como sua mãe, não gostava de ser interrompida quando estava fazendo alguma coisa. Perguntei em relação à maternidade e ela disse que ela era impaciente como sua mãe, gritava com André. Entretanto, afirmou que estava tentando se diferenciar de sua mãe no que diz respeito à dependência do pai. As características da maternagem eram referidas como pouco tolerante, pouco continente.

No contato comigo, Adriana muitas vezes parecia querer mostrar o que ela acreditava ter de pior: o comportamento promíscuo com os homens, a agressividade com o filho, seu

envolvimento com o roubo, sua vontade de experimentar drogas. Falava de uma maneira tão aberta sobre sua suposta “ruindade” e a falta de empatia com as pessoas que eu tinha a impressão de que cada vez que ela falava sobre esses assuntos estava buscando aliviar-se de tudo isso, dividir com alguém seus “fantasmas”. Acredito que ela buscava a possibilidade de reparação, de restituir o que pensava ter destruído com sua ruindade e suas atitudes egoístas. Uma vez que a figura materna se apresentava tão frágil e dependente, segundo sua interpretação a respeito da própria mãe, Adriana não tinha como integrar sua destrutividade à sua capacidade criativa. Por isso, em nossos encontros parecia querer testar minhas reações, expondo tudo o que tinha de ruim. Ao mesmo tempo, mostrava-se muito sozinha e insegura, e buscava respostas para suas inúmeras dúvidas existenciais. Buscava referência, companhia, alguém para dividir. Nossos encontros eram bons, apesar de muitas vezes sair do abrigo me sentindo triste.

Caso 2 - Izabela e Helena

Izabela contou em nosso primeiro encontro que se lembrava do primeiro abraço que sua mãe havia lhe dado. Segundo ela, uma lembrança resgatada dos seus três anos. Fantasia, realidade, não é possível afirmar que esse abraço tenha ocorrido ou, ainda, que outros não tivessem ocorrido antes deste. Mas, em outro momento, quando questionei novamente Izabela sobre as lembranças que tinha de sua mãe, ela afirmou que não possuía nenhuma lembrança boa. Falou que quase não se lembrava de sua vida antes dos 13 anos, idade que saiu de casa, e completou dizendo que as lembranças que tinha eram ruins como, por exemplo, a relação de sua mãe com a irmã mais velha, com quem sua mãe era carinhosa. Ora uma idealização, ora uma total desqualificação e um sentimento de rejeição e frustração. Izabela se apresentava bastante regredida na relação com a mãe, uma relação onde seu amor voraz ainda podia destruir o outro, o que remete a fase do desenvolvimento descrita por Winnicott (1957/1995) na qual amor e agressão encontram-se fusionados. Ele afirma que a agressividade instintiva, originalmente expressa em parte pelo apetite, resulta da fusão entre amor e agressão, denominada por ele voracidade. Segundo o autor, o objetivo do bebê é a satisfação, “a paz de corpo e de espírito” (p. 92), mas como o bebê, em certa medida, é frustrado ele necessita de um ambiente que lhe dê suporte para que consiga lidar com o ódio resultante dessa experiência. A constância do ambiente, ou da mãe, permite ao bebê reparar o que ele imagina ter destruído e integrar os sentimentos de amor e ódio.

A relação com a mãe não propiciou a Izabela segurança suficiente para que aspectos de sua agressividade pudessem ser integrados em seu mundo interno. Não houve continência para os

momentos em que ela necessitava destruir o ambiente, em sua fantasia, sem ser punida por isso. Izabela relatou que quando dava trabalho era enviada para casa do pai. Há um sentimento de vazio que não pode ser preenchido, porque não possui uma estrutura que suporte viver o amor e o ódio, mas sempre uma ameaça quanto a sua capacidade destrutiva. A expressão de seu amor continua vinculada a sua agressão.

Em nosso terceiro encontro eu perguntei se não havia chance de voltar a conviver com a mãe e Izabela afirmou que não, porque elas eram muito parecidas. Havia uma identificação com a figura materna por meio dos aspectos negativos, pois quando ela dizia que se parecia com a mãe, referia-se ao fato de serem explosivas e intolerantes.

No último encontro, Izabela disse que se eu quisesse poderia continuar a visitá-la. Me surpreendi com sua fala porque ela tinha grande dificuldade em expressar seus sentimentos e, até então, eu não sabia se nossos encontros eram bons para ela. Muitas vezes, ficávamos caladas, ela quase não queria conversar, somente ficava lá ao seu lado e de sua filha. Estive no abrigo após o término da pesquisa e expliquei que não teria condições de ir até lá com regularidade. Acredito que esse convite tenha revelado que, importante para ela, era ter uma companhia; qualquer outra intervenção naquele momento já seria muito intrusiva. Izabela necessitava de alguém que ficasse ao seu lado, que demonstrasse algum interesse por ela, alguém por quem fosse vista sem ser julgada.

Caso 3 - Bia e Gabriel

Bia, a terceira participante, foi quem trouxe as lembranças mais positivas na relação com a mãe, embora elas também tenham seu tempo contado. Bia contou que sua mãe cuidava dela e das irmãs, as arrumava para irem à escola e observava se realmente elas iam para aula. Disse que entendia o comportamento de sua mãe, que passou a ser negligente com as filhas após a separação, justificando que não deve ter sido fácil para ela ver a pessoa com quem viveu tanto tempo (o pai das meninas) "*fazer aquilo que ele fez"* (referindo-se a tentativa de estuprá-la).

A respeito do papel da mãe nas famílias onde o genitor apresenta um comportamento sexual abusivo, Furniss (1991) faz algumas considerações, afirmando que:

> Essas mães geralmente cuidam perfeitamente de seus filhos e parecem ser muito próximas e carinhosas. Em muitas áreas, elas são na verdade mães muito competentes e cuidadosas. A distância na díade mãe-criança emerge quando se trata de questões de proteção contra o abuso sexual. Quando as crianças tentam indicar abertamente que está acontecendo abuso sexual, as mães ou desconsideram essas declarações ou não levam a sério suas filhas e filhos... O abuso sexual da criança também acontece em famílias com um relacionamento mãe-filha próximo e protetor.

> Contudo, nesses casos, o abuso não continuará através dos anos. Essas mães geralmente são mães que revelam, elas mesmas, o abuso... Quando detectam indicadores de abuso sexual ou descobrem, em flagrante, elas levam a sério o que viram ou ouviram e agem de acordo com isso (p. 53).

No caso de Bia, a mãe revelou não ter tido condições de suportar as consequências do rompimento do ciclo de violência que ocorria na vida intrafamiliar. Tal comportamento remete a duas hipóteses: a primeira é de que a mãe de alguma maneira também estava identificada com o agressor e, com o distanciamento físico deste, assumiu tal papel. A segunda hipótese é a de que, em um primeiro momento, ela conseguiu proteger as filhas, mas posteriormente pode ter atribuído a elas a culpa por sua separação, passando a ter um comportamento agressivo e negligente com as mesmas.

Bia ainda tinha esperança de "re-encontrar" a mãe cuidadora e afetiva, que era atenta às suas necessidades e que, apesar de tudo, teve uma atitude protetora quando afastou o pai agressor das filhas. Sua mãe não conseguiu sustentar a relação com as filhas e mostrou-se uma figura ambivalente na vida de Bia, ora cuidava e protegia, ora agredia e trazia dor. Ainda assim, Bia mostrava-se capaz de perdoar e acreditava que a mãe pudesse reparar as agressões e o abandono que passou a praticar após o rompimento com o pai. Seu olhar de tristeza ao falar da mãe, não deixava de expressar a frustração que sentia em relação à mesma, embora não verbalizasse. Sempre encontrava motivos que justificassem as atitudes de sua mãe, até mesmo porque ela não poderia destruir a imagem positiva que guardava dentro de si, dos momentos em que sua mãe esteve presente e da esperança em tê-la próxima novamente. A solidão e a ausência materna, o vazio deixado por essa figura se revelava em seu olhar perdido.

No primeiro encontro, Bia relatou que pensava em trabalhar para alugar uma casa e morar com Gabriel, sua mãe e suas irmãs. Falava como se estivesse contando um sonho, nem ela mesma parecia acreditar, pois sua fala, apesar de revelar a vontade de voltar a conviver com sua mãe, era muito inconsistente.

3. O SIGNIFICADO DA MATERNIDADE

A gravidez durante a fase adolescente vem sendo estudada por várias áreas do conhecimento e, geralmente, é referida como um “problema” (Yazlle, 2006) e, quase sempre, apontada como uma questão das classes menos favorecidas economicamente.

Segundo Heilborn (1998) é importante contextualizar o fenômeno e verificar que aquilo que hoje se rotula gravidez na adolescência refere-se uma faixa etária de 14 a 18 anos que, por muito tempo e nos seus últimos segmentos etários, foi considerada a etapa ideal para a mulher ter filhos. A noção da gravidez na adolescência como problema foi se construindo, principalmente, a partir da segunda metade do século XX e refletiu as rápidas mudanças sociais, culturais, econômicas e demográficas que ocorreram neste período (Heilborn et al., 2002).

Na área da saúde, os problemas são referidos devido ao índice de prematuridade e baixo peso do bebê ao nascer, entre outros (Goldenberg, Figueiredo & Silva, 2005; Suzuki, Ceccon, Falcão & Vaz, 2007). No âmbito social, pelas consequências que acarreta na vida da jovem após o nascimento da criança, como a evasão escolar, a dificuldade em se empregar e a perpetuação da pobreza (Gama, Szwarcwald & Leal, 2002; Oliveira, 1999). E, ainda, na área da saúde mental, devido à imaturidade emocional da jovem para assumir a função parental (Sabroza, Leal, Souza Jr. & Gama, 2004). É importante ressaltar que, mesmo as pesquisas que apontam a gravidez na adolescência como risco para saúde da mãe e do bebê, sinalizam que há uma diferença significativa neste quadro no que se refere a gravidez de jovens que ocorre entre 10-14 anos e as que se dão depois dessa idade. Outro diferencial sinalizado é o acompanhamento e a realização ou não do pré-natal, que acarreta maiores ou menores problemas.

No entanto, algumas pesquisas têm buscado compreender a gravidez durante a adolescência de forma menos estigmatizante, abordando a questão com mais profundidade para apreender o seu significado, o que tem proporcionado um conhecimento muito rico sobre o tema, menos reducionista, oferecendo uma visão do ser humano em sua totalidade.

Santos e Schor (2003) revelam em sua pesquisa que, para algumas jovens mães, a gravidez e a maternidade se apresentam como experiências plenas de significados positivos e envolvem uma busca por maior estabilidade e autonomia, além de auxiliar na percepção das próprias competências.

Dadoorian (2003), afirma que "existe uma diferença de perspectiva em relação ao papel social desempenhado pela mulher, o seu nível sócio-econômico e a gravidez na adolescência". Segundo esta autora, a maternidade na adolescência para a classe média é bastante rejeitada por ser um impeditivo para que a jovem concretize seus objetivos, principalmente na área profissional. Já nas classes populares a gravidez na adolescência é a possibilidade de aquisição de um novo status social, o de ser mulher, visto que as perspectivas profissionais são bem escassas e o reconhecimento da mulher ainda está atrelado à maternidade.

Pantoja (2003), também destaca que a maternidade propicia a reafirmação dos projetos de ascensão social, atualizando-se no esforço despendido por elas e pela família para dar continuidade aos estudos.

Caso 1 - Adriana e André

Adriana quis engravidar. Para ela, a gravidez representava esperança; esperança em formar uma família, em ter vínculos mais duradouros. Para ela, um filho significava ter mais estabilidade e manteria sua relação com o pai de André. Em nosso primeiro encontro, ela contou que conheceu o pai de André, um jovem de quinze anos de idade, no primeiro abrigo em que morou. Apaixonou-se por ele, imaginava que nunca mais iria gostar de outra pessoa tornando-se "*obcecada"* pelo mesmo (sic). Então, quis engravidar para segurá-lo. Ela disse que achava que se eles tivessem um filho, então, estariam unidos para sempre, nunca mais se separariam. Além disso, ela afirmou que tinha vontade de saber como era ter um filho, vontade de ser mãe e ter um filho do rapaz que ela acreditava que seria o único amor de sua vida.

Adriana vivenciava sua adolescência como qualquer outra menina e entregava-se intensamente às suas paixões, como ela mesma relatou. No entanto, sua experiência de vida e de troca com o "outro" parece ter-lhe proporcionado poucos momentos de *ilusão*, no sentido em que Winnicott (1953/1975) a apresenta, ou seja, momentos onde o bebê cria o objeto que o satisfaz, explora o ambiente e vive sua onipotência, o que mais tarde possibilita ao indivíduo a inserção no mundo da cultura, da capacidade para abstrair e fantasiar e tornar reais seus desejos. Adriana necessitava viver concretamente seu desejo anteriormente negado: ter alguém seu. Também a gestação poderia dar-lhe algo que ela buscava em relação à mãe: diferenciar-se da mesma, ao mesmo tempo em que pudesse encontrá-la. Isto quer dizer que, em sua fantasia, a maternidade lhe traria outro status que não só o de filha, o que a tornaria mais independente. Ela, ainda, teria sua própria família e não ficaria mais sozinha, como de

fato estava. Além disso, seria mãe, o que a aproxima da figura de sua própria mãe pela função exercida.

Quando engravidou, aos catorze anos, foi transferida para um abrigo de adolescentes gestantes na região central da cidade de São Paulo, mas continuou vendo seu namorado. Pouco tempo depois de ser transferida começou a sentir cólicas e foi levada ao hospital onde foi diagnosticado que ela estava entrando em trabalho de parto no 5º mês de gestação. André nasceu com 600g e ficou quatro meses na Unidade de Terapia Intensiva [UTI] do hospital. Ela disse que algumas enfermeiras lhe falavam que ela era muito jovem e que poderia ter outros filhos, "*isso é coisa que se fale*?" Mas ela não aceitava, contou que sentia-se muito triste e passava o dia todo no hospital, voltando somente à noite para o abrigo. Ela disse que durante os quatro meses em que o filho ficou internado faltou um único dia, um domingo em que não conseguiu condução para ir ver o filho.

A realidade logo se apresentou à Adriana. As demandas de um bebê e as mudanças que se estabelecem na rotina de quem agora desempenha a função de cuidadora chegaram de forma intensa e inesperada em sua vida. Ela apresentou um quadro de depressão pós-parto, segundo a coordenadora do abrigo, que também afirmou que apesar de todas as dificuldades Adriana não deixou de ir ao hospital. Foi uma dura realidade para uma menina de catorze anos, que ainda necessitava ser cuidada, mas que estava sendo solicitada a cuidar. Sua indignação com as falas de algumas enfermeiras que tentavam lhe "consolar", como se a morte de seu filho fosse algo certo, no entanto, nos leva a uma constatação: mesmo sendo ela tão jovem, estando sozinha e tendo passado por todas as dificuldades e restrições que passou, Adriana já havia estabelecido algum vínculo com André, frágil, ambivalente, mas não inexistente.

Perguntei a ela se ser mãe era como ela imaginava quando desejou engravidar. Ela disse que sofreu muito quando André nasceu, pois nunca imaginou que teria um filho prematuro: *"ele não era normal, era muito pequeno"* (1º encontro). Na época dos encontros André apresentava atrasos cognitivos e motores visíveis. Verbalizava poucas palavras, não possuía controle esfincteriano, tinha baixa estatura e estava visivelmente desnutrido. Apesar de estar com três anos, aparentava ter um ano e meio, mais ou menos. Quase não recebia estímulos; Adriana ainda não conseguiu vaga na creche e ela própria tentava fazer o básico: dar banho, alimentá-lo, trocá-lo. Brazelton (1988), em seu trabalho sobre a formação do apego dos pais aos filhos prematuros, afirma que:

> Não se admira que uma mãe, em tal situação, queira fugir, esconder-se ou proteger-se sob uma depressão – ou alienar-se para se proteger de ter que cuidar desse bebê... O que me surpreende não

> é que muitas mães e pais devam defender-se contra tal sentimento avassalador mas que possam superar estes sentimentos e começar tudo novamente, vinculando-se ao bebê que sentem ter posto em perigo. (p. 74)

Ao falar de sua gestação, Adriana contou que logo que sua menstruação falhou, ela já começou a sentir que estava grávida. Fez o teste e deu positivo. Quando contou ao pai de André este ficou bravo e a xingou, mas no dia seguinte veio falar com ela como se nada tivesse ocorrido. Na época em que os encontros foram realizados ele não mantinha nenhum tipo de contato o filho. Perguntei como ela se sentia grávida e ela disse que já sabia que André era agitado, pois ele mexia e chutava muito.

Adriana falou sobre a expectativa e a ansiedade para engravidar, mas não falou sobre a experiência de estar grávida. Mais uma vez ela se frustrou em relação ao outro; o pai de André parece não ter tido a reação que ela esperava. Os sentimentos e as emoções em relação à fase da gestação não revelavam boas lembranças; novamente ela foi abandonada e a referência quanto ao filho aparece de forma negativa.

Sobre a maternidade, Adriana revelava sentimentos ambivalentes. Durante o segundo encontro, espontaneamente, ela começou a falar sobre a maternidade. Disse que era muito difícil, que era muita responsabilidade cuidar de alguém e que, às vezes, ficava se comparando a outras adolescentes que não têm filho e têm mais liberdade e menos responsabilidades. Perguntei se havia algo bom no fato de ser mãe, ela riu e falou: *"deixa eu pensar...*" Depois de algum tempo, disse que André era uma criança alegre e que ela se divertia com ele, lhe fazia companhia. Perguntei se havia algo de ruim na maternidade e ela riu novamente. Falou que a gestação modificou seu corpo, deixou estrias, o peito caído e o cabelo enfraquecido. Disse que em outra oportunidade mostraria suas fotos para que eu visse como ela era antes de engravidar e visse como seus cabelos eram bonitos. Adriana é uma menina muito bonita, mas, muitas vezes, demonstrava certo descuido consigo, usando roupas rasgadas, o cabelo desarrumado.

Além das demandas, André também trouxe uma dose de satisfação por ser uma companhia para ela. A maternidade para Adriana, como para tantas outras adolescentes, revelou a possibilidade de obter uma relação de proximidade e de afeto verdadeiro com o outro (Gontijo & Medeiros, 2008; Uziel & Santana, 2008). Adriana disse que, ao mesmo tempo em que se arrependia de ter tido um filho tão cedo, pois segundo ela era "*uma criança cuidando de outra*", acreditava que se não fosse pela experiência de ter tido André, hoje não teria a mesma cabeça, a mesma "*identidade*", a vontade de trabalhar. Em suas palavras: *"eu poderia estar na rua, me prostituindo, usando droga"* (2º encontro).

A experiência da maternidade se revelou como a possibilidade de ter um objetivo na vida, ter alguém por quem valha a pena lutar, voltar a estudar, voltar a desejar. A carência de expectativa quanto ao futuro é outra característica de adolescentes que estão à margem da sociedade, jovens excluídos pela desigualdade social que possuem acesso restrito à educação e que, mesmo quando têm acesso, não vêem na escola um local de transformação e crescimento, mas novamente um local de exclusão.

A falta de investimento em si própria é, então, contornada pelo fato de que agora ela é responsável por outra pessoa, que depende de suas realizações. Perguntei para Adriana se depois que André nasceu ela voltou a roubar. Ela disse que não, começou a pensar que precisava ter mais responsabilidade e servir de exemplo ao filho. A maternidade foi o meio encontrado por Adriana, em determinada época, para suprir algumas de suas necessidades básicas, como a de ter uma família, ter relacionamentos estáveis, não sentir-se sozinha e poder sonhar com o futuro. Por outro lado, restringiu sua liberdade, tornou mais difícil ter novas experiências, arriscar, se lançar ao mundo. Por isso, Adriana oscilava constantemente entre ser mãe ou negar seu filho. Assumir a maternidade é assumir muitas responsabilidades e ela não sabia se queria isso. Ainda que conseguisse ver ganhos com a situação, a maternidade exige um grau de doação e disponibilidade que parece não estar compatível com todas as demandas de uma jovem de 17 anos. Com o tempo, ela percebeu que ter relacionamentos estáveis exige entrega, compromisso e, como nos ensina Winnicott (1958b/2000), essa doação faz parte de um processo, é uma construção, uma conquista do ser humano. Em nosso terceiro encontro ela contou que apenas uma colega da escola sabia que ela já tinha um filho, não queria que as outras pessoas soubessem porque sentia vergonha; às vezes, ela mesma não aceitava que tinha um filho. Já pensou em fazer como o pai de André, que simplesmente o abandonou e não sentia nenhuma responsabilidade, estava livre. Disse que gostaria de sentir-se assim também.

A ambivalência e a instabilidade dos sentimentos e das emoções é uma característica marcante da fase adolescente. Não é raro encontrarmos oscilações entre querer ou não o filho, entre amá-lo e odiá-lo devido à perda de liberdade, que é desejada pelo adolescente, mas é limitada pela maternidade. Como ressalta Granato e Aiello-Vaisberg (2005): “se na adolescência nossas ações nos lançam para o espaço amplo do mundo compartilhado, a maternidade recria um mundo menor, protegido, a partir do qual o bebê pode começar a ser alguém”. O que nos leva a pensar que o momento da adolescência e o da gravidez caminham muitas vezes em direções opostas: enquanto a primeira vai em direção ao social a segunda traz a necessidade de maior interiorização.

Desse modo, para que a maternidade não se torne um peso na vida dessas jovens, é preciso que elas recebam ajuda e possam integrar e conciliar os diferentes momentos e necessidades. A negação de qualquer um deles é nociva para a adolescente em si e para a relação com seu filho. Garantir espaços onde ela possa encontrar o que precisa para suprir as demandas que possui auxilia seu processo de amadurecimento.

Caso 2 - Izabela e Helena

Izabela contou que não planejou a gravidez e que esta aconteceu na primeira vez que se relacionou sexualmente com o pai de Helena. Sobre a maternidade, dizia que ainda não sabia se queria ser mãe. *"É muita coisa pra uma pessoa só!"* Perguntei se ela já havia pensado em se separar de Helena e ela disse que pensava nisso todos os dias. Perguntei porquê ela não o tinha feito até agora e ela disse que não sabia. Em alguns momentos ela demonstrava que não conseguia cuidar nem de si mesma; como poderia ser responsável pela vida e o bem estar de outra pessoa?

Izabela revelou sua impaciência e sua insatisfação com as mudanças que a maternidade trouxe para sua vida. Falava que Helena tomava todo seu tempo e que em qualquer lugar que ela fosse tinha que levar a filha. Ela não demonstrava, naquele momento, condições para estar disponível para atender às demandas da filha. O que chamava a atenção é que mesmo assim ela não desistiu. A maternidade trouxe alguns ganhos à Izabela, uma vez que, mesmo sem saber o porquê, não abandonou sua filha. Quando questionei se havia algo de bom na maternidade, ela disse que era ver Helena crescer. Helena é sua "criação" e, por isso, também ela não podia deixá-la; ela precisava da filha para sentir-se capaz e recuperar sua potência. Além disso, Helena aceitava Izabela e proporcionava a esta última sentir-se uma pessoa querida e importante. Ela não era "mais uma" na vida de Helena.

No estudo realizado por Gontijo e Medeiros (2008) com mães adolescentes em situação de abrigamento, a experiência da maternidade possibilitou às mesmas organizar suas vidas a partir das necessidades dos filhos, o que se revela como uma conquista para essas meninas, visto que nas ruas, onde a maioria delas estava, a falta de limites, horários e regras prevalecem. Ressaltam ainda que a satisfação das mães estava mais relacionada à formação de um vínculo de afeto genuíno com o filho, o que também é trazido por Izabela.

A possibilidade de constituir uma família muitas vezes se apresenta como um fator importante nessa experiência, ressalta Trindade (2005). A autora ainda destaca que a maternidade, para as mulheres que participaram de sua pesquisa, provenientes de um meio

sócio-econômico bastante humilde, é uma função natural que deve ser exercida por elas e quase nunca é planejada.

A ausência ou a fragilidade dos laços afetivos estabelecidos pela adolescente e sua família ou nas primeiras relações traz a sensação de solidão e desamparo. Rosa, Reis e Tanaka (2007) consideram que em alguns casos pode haver uma repetição da história familiar e a tentativa de transferir para o filho imaginado suas próprias necessidades, sonhando oferecer a ele aquilo que elas pressupõem terem sido privadas, como carinho, proteção ou uma família. A busca por uma relação de maior estabilidade é preeminente, o que não quer dizer que ao encontrá-la a adolescente estará apta a investir na mesma, uma vez que estabelecer e reconhecer um laço afetivo e a dependência do outro é extremamente aterrorizador pelo temor da perda ou da intrusão.

Silva e Salomão (2003) constataram em sua pesquisa que 72% das mães de adolescentes que haviam engravidado também foram mães adolescentes; ainda assim, reprovavam o comportamento da filha. Percebe-se, então, que a reprodução de algumas condutas não aparece relacionada somente a transmissão de valores e ao papel da mulher ligado à maternidade, que se configuraria com a transmissão dos legados intergeracionais (Correa, 2000), mas também de outros componentes não tão acessíveis à consciência. A perpetuação de uma condição de desamparo na fase adolescente, a busca por uma relação afetiva genuína e a ausência da figura masculina que exerça sua função parental podem exemplificar alguns desses legados transgeracionais (Correa, 2000), que possuem representação particular dentro da história de cada família.

Caso 3 - Bia e Gabriel

Bia não planejou sua gravidez, mas também nunca se preveniu. Ela contou que conhecia o pai de Gabriel desde criança e quando ela e as irmãs foram morar com a avó eles começaram a namorar; depois de cinco meses ela engravidou. Perguntei o motivo de não se prevenir e ela disse que nem pensava nisso. Perguntei como ela descobriu que estava grávida e ela contou que foi o pai de Gabriel que descobriu. Disse que ele trouxe remédio para ela tomar e tirar o filho, mas ela se recusou; segundo Bia, ela nunca pensou em abortá-lo. Depois disso ele não olhou mais para ela; Bia também não quis mais encontrá-lo.

Bia relatou que a gravidez foi tranquila. Contou que conversava com o filho e que sentia seus movimentos. Perguntei como era para ela ser mãe e ela disse que era bom e não atribuiu nenhum aspecto negativo à experiência da maternidade. Contou que logo aprendeu a cuidar

do filho; falou orgulhosa que já no primeiro dia deu banho em Gabriel. Bia disse que quer ter mais filhos; uma menina.

Reis e Monteiro (2007) apontam em sua pesquisa que, na visão dos adolescentes, o motivo que leva a uma gravidez nesta fase da vida é o sentimento de solidão, em primeiro lugar, e as brigas ou tristezas com a família em segundo lugar. Para o grupo exclusivamente das meninas, a vontade de ter sua própria família é um fator relevante e aparece como principal razão.

Na história de meninas que vivem em abrigos, a ruptura dos laços e a perda de referência é uma vivência bastante presente. Há um imenso vazio e lacunas que se abrem, relações construídas pela falta, pela experiência dolorosa, pela carência de uma experiência de afeto estruturante na constituição do ego. Na leitura que realiza sobre a obra de Winnicott, Green (2003) relembra que a ausência da mãe ou a impossibilidade em cuidar do filho leva gradualmente a uma descatexia do objeto transicional, uma ausência de significado e, portanto, uma suspensão do processo de amadurecimento. O objeto transicional representa a confiança na união do bebê e da mãe e esse esmaecimento de representação acarreta o que o autor denominou de “representação interna do negativo”, um vácuo, um vazio no mundo interno. Um filho representa, muitas vezes, a esperança para resgatar a experiência de afeto perdida. Algumas meninas por meio da experiência da gestação, que é um momento de maior sensibilidade e regressão, poderão com ajuda de profissionais, elaborar sua própria história, seus “fantasmas” pessoais e conteúdos transmitidos entre as gerações que, na impossibilidade de serem ditos, são mantidos no inconsciente familiar.

A necessidade de constituir uma família e de experenciar a parentalidade vai ser buscada repetidas vezes para superar o abandono anterior, o vazio, a ausência de relações de afeto. Algumas adolescentes desejam ter um bebê e muitos sonhos são formados a partir dessa decisão. São fantasias criadas devido à necessidade do sentimento de pertencimento, da necessidade de sentir-se investido de afeto por outra pessoa. Para alguns o fato de estar na posição de “cuidadora” é um incentivo, afinal possibilita o estabelecimento de um lugar e uma função social, para outros é um peso maior do que se pode suportar e a ambivalência toma conta da relação de maneira que fica quase impossível exercer a função de pai ou de mãe. Há espaços no mundo interno desses jovens que precisam ser preenchidos; “vazios” criados pelo mundo adulto e pela sociedade que falha em dar continência às demandas dos indivíduos e suas necessidades.

Essa demanda afetiva gera atenção no cuidado que a mãe dispensa a seu filho, sendo ela adolescente ou não. Bia contou que quando estava grávida de Gabriel achava que era uma

menina e, mesmo quando já possuía conhecimento a respeito do sexo do filho, continuou comprando roupa de menina. Transformar a criança em um “objeto” pode ser uma das consequências desse vazio emocional, ou seja, a experiência da maternidade, embora carregue consigo um componente narcísico saudável e necessário, não pode anular o outro e transformá-lo em um objeto de satisfação das necessidades dos pais. Na história de Bia houve momentos em que ela foi usada para suprir desejos de seu pai, como relatou, o que pode distorcer a relação que ela passa a ter consigo e com o outro.

Mas, sem dúvida, a maternidade trouxe à Bia alguns ganhos que podem ser preciosos em seu processo de amadurecimento emocional, como maior estabilidade e comprometimento. Perguntei se ela percebia alguma mudança nela própria depois que Gabriel nasceu ela disse que, mesmo sentindo vontade de fugir, hoje em dia não o faz por causa do filho. É por meio da experiência de ser mãe que ela parece ter encontrado um sentido para sua vida. Bia fugiu com as irmãs após o enceramento dos encontros, mas retornou com Gabriel para o abrigo depois de algumas semanas. Quando fui visitá-la, perguntei porquê ela havia voltado e ela disse que Gabriel chorava muito na rua, por isso, decidiu voltar, mesmo sem as irmãs.

A maternidade e a paternidade, portanto, possuem significados particulares para cada indivíduo. Ao confrontar alguns fantasmas de histórias não contadas ou contadas pela metade cada indivíduo pode apropriar-se de sua própria história e diferenciar-se do “outro”.

Mais uma vez ressalta-se que não se trata de ignorar as possíveis dificuldades que podem surgir na execução da função materna em jovens mães. Entretanto, mais do que considerar a idade biológica da mãe, deve-se levar em conta sua história pessoal e as condições emocionais da mesma para realizar a maternagem, que podem ser precárias tanto na fase adolescente quanto na fase adulta.

4. A EXPERIÊNCIA COM A VIOLÊNCIA

Nesse capítulo apresento a experiência das participantes com as diversas formas de violência sofrida até o momento da pesquisa. No entanto, antes de iniciarmos a exposição das histórias pessoais de cada participante, acredito ser necessário diferenciar conceitos que considero relevantes: agressividade e violência.

No Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis (2000), a agressividade é definida como:

> Tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasísticos que visam prejudicar o outro, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo, etc. A agressão conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora; não existe comportamento, quer negativo (recusa de auxílio, por exemplo) quer positivo, simbólico (ironia, por exemplo) ou efetivamente concretizado, que não possa funcionar como agressão. A psicanálise atribui uma importância crescente à agressividade, mostrando-a em operação desde cedo no desenvolvimento do sujeito e sublinhando o mecanismo complexo de sua união com a sexualidade e de sua separação dela. Esta evolução de idéias culmina com a tentativa de procurar na agressividade um substrato pulsional único e fundamental na noção de pulsão de morte. (p.11)

A definição utilizada aponta uma tendência da psicanálise em atribuir à agressividade um caráter negativo e ligado a destruição, o que também aparece no senso comum. Nos debates atuais os termos, agressividade e violência, são usados muitas vezes como sinônimos. Mas será que esses dois conceitos são realmente sinônimos? Será que agressividade é uma força que direcionada à destruição? Seria o ser humano violento em sua essência?

Em seu texto “Mal estar na civilização” Freud (1930/2006) afirma “que a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição instintiva original e auto-subsistente” (p. 125). O autor explicita, nesse momento de sua obra, a existência de um instinto de morte no ser humano que divide com *Eros*, ou instinto de vida, a luta pela sobrevivência.

Sobre sua teoria quanto ao instinto de morte, Freud (1930/2006) comenta:

> Recordo minha própria atitude defensiva quando a idéia de um instinto de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e quanto tempo levou até que eu me tornasse receptivo a ela. Que outros tenham demonstrado, e ainda demonstrem, a mesma atitude de rejeição, surpreende-me menos, pois ‘as criancinhas não gostam’ quando se fala na inata inclinação humana para a ‘ruindade’, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade. (p.124)

Com essa afirmação, a Psicanálise por meio de Freud, seu fundador, reconhece a violência dos atos humanos oriunda da agressividade inata e, portanto, é vista como natural ao Homem.

Com Winnicott (1968/1995) a agressividade passa a ser compreendida de outra forma. Para o autor, a agressão é uma das fontes de energia do ser humano e possui diferentes raízes. A motilidade é uma delas. Há uma tendência para movimentar-se, ainda em sua vida intra-uterina, e obter prazer muscular com essa experiência. Após o nascimento, se for acolhido pelo ambiente e se o mesmo permitir que o bebê se movimente espontaneamente, obtendo prazer com tais movimentos e tendo contato com o objeto pela oposição encontrada, a via motora une-se a via instintiva. Essa fusão favorece o sentimento de realidade da experiência e dá ao indivíduo a noção de eu, de existência.

O autor também aponta que a agressividade pode ter a função de defender o indivíduo de um ambiente que não desempenha um cuidado suficientemente bom. Isso quer dizer, uma reação à intrusão em um momento em que o bebê ainda não possui condições egóicas para lidar com solicitações do ambiente e, por isso, vivencia uma intensa angústia que o retira da condição de "ser" para ter que reagir ao imprevisível. Um ambiente invasivo não favorece a fusão das experiências motoras e instintivas e, portanto, dificulta a construção da noção de eu.

Outra raiz da agressividade é encontrada no amor voraz do bebê por sua mãe, que envolve o erotismo oral, o "amor-apetite". Nesta segunda direção, o objetivo do bebê é a satisfação de suas necessidades; "que pode ser cruel, doloroso, perigoso, mas só o é por acaso" (Winnicott, 1957/1995, p.92). Esse impulso amoroso primitivo ocorre em um momento em que o bebê ainda não está integrado. Ele possui momentos de tranqüilidade, mas também momentos de excitação, onde é tomado por uma tensão instintual que possui um caráter de urgência. A mãe suficientemente boa, que nesse período encontra-se adaptada ao bebê, providencia aquilo que o mesmo necessita, no momento certo. No entanto, ao dar-se conta de seus limites e iniciar uma relação com outro, o bebê se frustra e o ódio aparece na mesma medida em que o amor. Winnicott (1957/1995) afirma: "amor e ódio constituem os dois principais elementos a partir dos quais se constroem as relações humanas" (p.89). Nesse estágio, algum senso de si mesmo já foi alcançado e ele passa a relacionar-se com a mãe não mais como um objeto subjetivo, mas sim como fenômeno externo, agora objetivamente percebido. Esse processo envolve a destrutividade do objeto, que não é uma destrutividade raivosa, mas aquela que é necessária para tornar a mãe real, e não continue sendo uma criação onipotente do bebê.

Sua crítica a teoria de Freud neste sentido é a de postular uma teoria da agressividade que desconsidera o que há de vital nessa energia. Winnicott (1988/1990b) afirma que:

> Ao final sua teoria se torna uma falsa teoria de morte que ocorre como um fim para a vida, e uma teoria da agressividade que também se revela falsa, porque deixa de lado duas fontes vitalmente

> importantes da agressão: aquela inerente aos impulsos do amor primitivo (no estágio anterior ao *concern*, independente das reações à frustração), e aquela pertencente à interrupção da continuidade do ser pela intrusão que obriga a reagir. (p. 155)

Mas em que momento, então, a agressividade passa a ser violência? Winnicott (1957/1995) também afirma que "a agressão pode ser sintoma de medo" (p. 89). Não é raro encontrarmos na clínica com crianças que passaram por situação de violência ou abandono, a dificuldade em novamente poder estabelecer relações de afeto e confiança. A necessidade em testar o ambiente e a expressão e utilização de sua agressividade no contato com o outro, deixam transparecer a intenção em afastar aqueles que em potencial eles poderão amar. Pode ser que realmente esse seja o objetivo, a menos que a criança comece novamente a confiar no ambiente e perceba que o mesmo não será "destruído" de novo, ou seja, permanecerá vivo e intacto aos seus ataques, até então imaginários.

Para, então, compreender melhor em que momento a expressão da agressividade torna-se violência, vamos nos aprofundar no conhecimento sobre as consequências de uma falha importante na experiência de continuidade e na qualidade dos cuidados ambientais de um bebê ou uma criança e, ainda, considerar o momento do desenvolvimento emocional em que esta falha ocorreu. Ao se referir a agressividade em um estágio onde ainda não há preocupação com as consequências de um ato, o estágio do *pré-concernimento*, Winnicott (1950/2000) afirma que "se a agressividade é perdida nesse estágio do desenvolvimento emocional, ocorre também a perda de uma parte da capacidade de amar, ou seja, de relacionar-se com objetos" (p. 291). O amor nesse estágio é vivenciado através da expressão da agressividade que "destrói" a mãe com sua voracidade, mas a mãe ainda não é um objeto total, ou seja, a mãe que cuida não é a mesma que alimenta, não há a visão de um conjunto, apenas de suas partes. A inibição da voracidade pela falta de continência do ambiente pode, então, dificultar o processo de integração da personalidade e da capacidade em perceber o outro, limitando sua habilidade para relacionar-se com o outro.

Quando a criança atinge o estágio do concernimento e, portanto, já consegue perceber a existência da figura materna, quer dizer que ela já é capaz de se preocupar com o outro. O fato de conseguir reparar o que, imaginariamente, destruiu durante suas experiências instintivas, dá a ela condição de suportar esse sentimento e a torna real sua capacidade de construir. Como diz Winnicott (1950/2000):

> Assim, uma boa parte da agressividade transforma-se em funções sociais, e é desta forma que ela se manifesta. Ao sentir-se abandonada (quando não há quem aceite uma oferenda ou reconheça uma tentativa de reparação), essa transformação quebra e a agressividade reaparece. *A atividade social*

> *não pode ser satisfatória* a não ser quando se baseia num sentimento de culpa pessoal a respeito da agressividade. (p. 291)

Há na afirmativa acima uma ligação clara entre a agressividade e uma função social. Embora a compreensão dos processos que ocorrem para essa construção seja diferente dos processos sinalizados por Winnicott, Freud (1930/2006) também fala sobre essa ligação na base da construção do processo de civilização. Para ele a repressão da agressividade e da sexualidade dá origem à civilização pelo processo de sublimação dessas duas fontes de energia, o que gera um sentimento de mal estar e eterna insatisfação. A esse respeito Freud (1930/2006) coloca que:

> Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas à sexualidade do homem, mas também a sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização. Na realidade, o homem primitivo se achava em situação melhor, sem conhecer restrições de instinto. Em contrapartida, suas perspectivas de desfrutar dessa felicidade, por qualquer período de tempo, eram muito tênues. O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança. (p.119)

Já na visão de Winnicott, essa transformação de parte da agressividade para uma função social não possui um caráter negativo e não se revela como a causa de um mal-estar para o homem, mas sim como uma característica natural do que é ser realmente humano, e que o diferencia de todas as outras espécies animais existentes. A evolução do desenvolvimento emocional envolve o processo de subjetivação dos conteúdos que em princípio são instintivos e, portanto, possuem uma força avassaladora, sem a presença da intelectualidade. Esse processo ocorre, como já foi dito antes, por meio dos objetos e fenômenos trancisionais que permitem ao indivíduo suportar a perda de sua onipotência, assim como lidar com as frustrações. Ocorre que, se há uma falha no ambiente no qual indivíduo fica impossibilitado de ter a experiência da transicionalidade, o processo de subjetivação também fica comprometido. Essa falha pode ser a ausência real da mãe ou de quem forneça os cuidados à criança, como também pode ser a ausência de vínculo e afeto, que permite à criança reconhecer-se como individuo. Ainda, pode se referir a uma ameaça constante à integridade física devido a negligência dos cuidados ou por agressões sofridas.

A violência aparece na impossibilidade do indivíduo em comunicar suas emoções, lidar com seu ódio, com seus medos e frustrações, pois não houve em seu processo de desenvolvimento um ambiente que propiciasse confiança suficiente para que ele, em sua imaginação, pudesse destruir, reparar e reconstruir. Há uma falha no processo de subjetivação

e uma inabilidade para comunicar e expressar-se fora da concretude de seus atos; toda tensão interna criada a partir do menor conflito tem que ser atuada.

Será, então, que alguém que vivenciou um processo de desenvolvimento emocional satisfatório, tendo suas angústias acolhidas integradas à sua personalidade, por exemplo, estaria livre de ser violento ao longo de sua trajetória? À medida que sentimos a possibilidade de sermos "aniquilados", seja em nossa fantasia ou na realidade objetiva, na saúde, buscaremos algum lugar para nos proteger. Uma das maneiras que o ser humano tem para fazê-lo é usando sua agressividade. A questão talvez seja de que forma usá-la, sem esquecer que isso faz parte de uma conquista no processo de desenvolvimento emocional.

No entanto, há de se levar em conta também que em certa medida todos fomos frustrados e que a diferença, portanto, reside no grau e no período das falhas sofridas, mas que talvez nenhum de nós esteja livre de ter, vez ou outra, uma atitude violenta. Afinal o que é ser violento?

Este é um ponto muito delicado dessa discussão. A partir da experiência do trabalho com famílias ou indivíduos em situações desumanas de subsistência, a violência ganha outra significação. A agressão dá lugar a outras violências, às vezes mais sutil, outras vezes nem tanto. A falta de condições de sobrevivência para inúmeros indivíduos, para que esses sejam cidadãos e exerçam seus direitos ou ao menos saibam da existência deles é um ato de extrema violência. A perda da autoestima e de um autoinvestimento é marca garantida de quem passa por inúmeras violências ao longo de suas vidas. O olhar de um menino de rua revela, entre outras coisas, a dificuldade em confiar novamente na vida e nas pessoas e as marcas de todos os tipos de violência. A perda do lúdico, a impossibilidade para viver a infância não é uma violência? Percebe-se no trabalho com famílias, onde a impossibilidade de expressão das emoções tornou a violência uma forma de comunicação entre seus membros, a dificuldade em reverter esse quadro para que eles possam reaprender (muitas vezes aprender) a valorizar o "humano", a não ter medo de sentir carinho, amor e não se machucar novamente.

A violência não é natural do homem, nem tampouco a agressividade tem essa função em seu desenvolvimento emocional, mas a ausência de um contato verdadeiramente humano de afeto, onde um indivíduo enxergue e perceba o outro proporciona cada vez mais espaço para a violência; não ser olhado gera violência. Não há tempo para que se possa crescer e ser, então, infelizmente parece que a violência estará cada vez mais presente em nosso dia a dia, como um reflexo da ausência de humanidade nas relações. A modificação desse quadro envolve diversas áreas da sociedade, da estrutura política, mas também de cada um que se disponha a olhar para a realidade e para o ser humano com um pouco mais de cuidado.

A violência muitas vezes é legitimada por figuras de autoridade que a utilizam como forma de defesa ou ofensa, como nos lembra La Taille (n. d.). O autor ainda afirma que:

> Uma possibilidade de relacionar a violência à dimensão afetiva da moral é raciocinar pela falta... A falta de simpatia, ou o progressivo desaparecimento deste sentimento, também pode levar à violência, pois se perde a compaixão pelo outro... Finalmente, a falta de confiança pode levar o indivíduo a não querer participar da comunidade moral e, portanto, não submeter-se a seus deveres, entre eles aqueles que rezam que cada pessoa deva ser considerada como um fim em si, e não como um meio... Ela pode gerar uma violência digamos 'antecipatória': agride-se porque se acredita que outro certamente vai fazê-lo.

Ferrari (2002a), coordenadora do Centro de Referência às Vítimas de Violência do Instituto Sedes Sapientiae [CNRVV], define violência como:

> Uma ação que envolve perda de autonomia, de modo que pessoas são privadas de manifestar sua vontade, submetendo-a à vontade e ao desejo de outros. É o caso da dominação de classes sociais a outras classes sociais. De outro lado, a violência não se manifesta apenas nessas relações entre classes sociais, mas também nas relações interpessoais. (p.82)

4.1 Violência na relação pais-filhos

A violência e o abuso contra a criança não é uma prática moderna. O uso de crianças oferecidas em sacrifício durante rituais era comum no Egito, na Grécia e em vários povos e civilizações na antiguidade (Ferrari, 2002b).

A conscientização sobre o fenômeno da violência doméstica contra crianças e adolescentes, como conhecemos na atualidade, começou a ser despertada na década de 60 por Kempe e seus colaboradores, da Academia Americana de Pediatria, que organizaram em 1961 um simpósio sobre o abuso infantil e apresentaram a "síndrome da criança maltratada" (Azevedo & Guerra, 2007). No Brasil, em 1973, foi descrito, por um dos professores da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, o primeiro caso de espancamento de uma criança na literatura nacional (Pires & Miyazaki, 2005). No entanto, a preocupação com os maus-tratos na infância, a prevenção dos fatores de risco e o atendimento especializado são muito recentes, aparecem na década de 80, coincidindo com a colocação do tema da violência na pauta da saúde pública (Sanches & Minayo, 2006).

Segundo Azevedo (2004), a violência doméstica contra a criança e o adolescente, é definida como:

> Todo ato ou omissão praticado por pais, parentes, ou responsáveis, contra crianças e adolescentes que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima – implica de um lado uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento.[4]

Autores que abordam a questão (Azevedo, 2004; Ferrari 2002a) distinguem quatro modalidades de violência doméstica contra a criança e o adolescente, sendo elas:

- *Violência física:* toda ação que causa dor, desde um simples tapa até fraturas.

- *Violência sexual:* todo jogo ou ato libidinoso, hetero ou homossexual, que tenha por finalidade estimular a criança sexualmente ou utilizá-la como meio de estimular-se sexualmente e obter prazer.

- *Negligência:* Quando pais ou responsáveis se omitem ou falham no suprimento de necessidades básicas, como saúde, educação, afeto.

- *Violência Psicológica:* Quando pais ou responsáveis depreciam a criança, oprimem ou ameaçam a mesma, inibindo sua auto-aceitação e seu desenvolvimento emocional.

Segundo dados do UNICEF (n.d) as crianças são especialmente afetadas pela violência. Os dados existentes sugerem que 96% dos casos de violência física e 64% dos casos de abuso sexual contra crianças de até seis anos sejam cometidos por familiares.

No período de 1990 a 2000, segundo dados do Ministério da Saúde, morreram no Brasil 211.918 crianças e adolescentes por acidentes e violências (causas externas), sendo 59.203 crianças nas idades de 0 a 9 anos; 33.512 púberes de 10 a 14 anos e 119.203 adolescentes de 15 a 19 anos (Minayo, 2006).

O castigo físico muitas vezes vem disfarçado ou justificado por seu caráter “disciplinador”, mas vários autores vêm associando a punição física com delinqüência, por causa de sentimentos ambíguos, confusos ou vingativos que ela suscita, como angústia, raiva, ansiedade, medo, terror, ódio e hostilidade (Sanches & Minayo, 2006).

Ferrari (comunicado em aula, maio, 2006) ressalta que em famílias “disfuncionais”, onde a criança/adolescente tem que se submeter ao abusador, que usa de violência/abuso contra ela, há uma distorção dos papéis sociais. A partir daí, segundo a autora, nas relações entre pais e filhos ser adulto implica uma posição de quem sabe mais e pode - e mesmo deve - de tempos em tempos, mostrar seu poder por meio do exercício legítimo da disciplina, que tem por fim quebrar a vontade da criança, sufocar nela o que existia de novo para transformá-la num ser dócil, obediente.

---

[4] (http://www.ip.usp.br/laboratorios/lacri/VDCA.doc)

A experiência de violência física, assim como todos os tipos de violência, é antes de tudo uma experiência de humilhação e aniquilamento. O indivíduo traz em seu corpo essa marca, esse registro. Safra (2005) nos ensina que:

> As formas estéticas têm sua origem nas configurações do corpo da criança em contato com o corpo da mãe. Este se organiza segundo o que a mãe percebe em seu bebê. Este processo permite que a criança habite um corpo, que foi significado pela presença afetiva do outro. Desta forma, tocar uma parte de seu corpo é re-encontrar a experiência afetivo-existencial vivida com a mãe ou seu substituto, é ter acesso a um repertório imaginativo através do qual o psíquico vive no corpo. (p. 49)

Levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] revelam que cerca de 20% das crianças e dos adolescentes sofrem violência física e 80% dos agressores são seus próprios pais (Sanches & Minayo, 2006). A dependência física e emocional torna essa população vulnerável aos maus-tratos. Azevedo (2009) nos lembra que a representação da criança está contaminada pela idéia de fraqueza e inferioridade de um ser em desenvolvimento. A autora afirma que “se a história da infância fosse escrita pelas crianças, ela seria um trágico pesadelo” (p. 46).

Com a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA], Lei Federal nº 8069 de 13/07/1990, ficaram assegurados direitos especiais e proteção integral à criança e ao adolescente, garantindo-lhes, indistintamente, os direitos fundamentais do ser humano e o exercício pleno da cidadania. Além disso, o ECA tornou obrigatória a notificação, por parte do profissional de saúde, de casos suspeitos ou confirmados de maus tratos contra crianças e adolescentes. Esse é um ganho significativo para nossa sociedade que, agora, necessita ajustar-se a essa realidade não só na teoria, mas principalmente em sua essência, compreendendo o significado de infância, direito e cidadania; o que talvez leve um pouco mais de tempo.

A três participantes dessa pesquisa vivenciaram a violência intrafamiliar. Desde a negligência até o abuso sexual, todas passaram pela experiência perturbadora da inversão e distorção de sentimentos. De onde se esperava proteção veio a exposição à violência, confundindo e deformando todas as emoções de um indivíduo que ainda está totalmente vulnerável ao cuidado do ambiente.

Caso 1 - Adriana e André

A história de Adriana revela desde muito cedo a violência. Dentro de casa, com a família, violência que vem de outras gerações. Em nosso segundo encontro ela relatou que seu avô batia muito em sua mãe e que um dia ela saiu de casa e foi para casa do pai de Adriana, onde mora até hoje.

Quando tinha sete anos seu pai a molestou, o que nunca mais conseguiu esquecer. Disse que não suportava mais sua casa, a agressividade de seu pai que, segundo ela, era muito bruto e que preferia viver na rua a continuar lá. Frequentemente a violência não se apresenta de uma única maneira. Nos primeiros relatos de Adriana, ela trouxe a experiência com a violência sexual e física. A violência física que sua mãe também viveu com seu próprio pai, avô de Adriana, denuncia novamente aspectos da transmissão que ocorre transgeracionalmente de conteúdos não elaborados. Gomes, Paiva e Castelan (2005), retomando a teoria de Green a respeito da transmissão do negativo, afirmam que determinadas famílias estabelecem um pacto pela transmissão da falta, pela ausência de uma relação afetiva, substituída por relações violentas e agressivas que não são elaboradas, transformadas, e passam de geração para geração, constituindo-se como a única realidade de existência possível para aquelas pessoas.

Caso 2 - Izabela e Helena

Izabela atribuía à violência do pai sua ida para as ruas aos treze anos de idade. A incomunicabilidade com a mãe e a violência do pai, a distanciaram do ambiente familiar, deixando-a exposta a perigos, exposta ao mundo. Há um grande vazio e abandono quando se fala na família de Izabela. Na época em que os encontros foram realizados, não havia qualquer contato entre a adolescente e sua família.

Ela parecia ter assumido o papel de “ovelha negra” da família, a menina rebelde, a menina problema. Assim também era seu comportamento dentro do abrigo. Seu isolamento e a ausência de pessoas que demonstrassem alguma afinidade com ela era uma característica que chamava a atenção em Izabela. A desconfiança que tinha do mundo e das pessoas impedia Izabela de estar mais próxima das mesmas. Azevedo e Guerra (2007), apontam que vítimas de violência física e/ou sexual na infância ou adolescência frequentemente tem prejudicado o desenvolvimento da autoconfiança e da confiança nos outros graças à construção de uma autoimagem negativa e uma visão bastante pessimista do mundo.

Cyrulnik (2005) fala sobre a necessidade de proteção e autodefesa que crianças maltratadas desenvolvem, evitando amar, o que por sua vez gera o sentimento de tristeza por não conseguir amar. Esse é um padrão de comportamento que só pode ser modificado caso quando há novas experiências com o ambiente, mas a experiência de entrega torna-se cada vez mais difícil para quem amar significa destruir.

Caso 3 - Bia e Gabriel

Com Bia não foi muito diferente, pois também houve uma tentativa de abuso sexual praticada por seu pai. Depois disso, relatos de violência física e negligência por parte da mãe, o que fez com que ela e as irmãs "ganhassem o mundo", melhor dizendo, perdessem um lar. Contou que apanhava sem motivo. Lembrou-se de um dia que sua mãe atirou uma colher que bateu em sua testa e fez um corte, sangrando muito; isto porque, segundo ela, arrotou à mesa, sem querer. Disse que após as surras, ela e as irmãs passaram a fugir de casa sistematicamente. Contou que seu pai batia muito em seu irmão, o único filho homem; ela apanhou uma vez do pai, quando este descobriu que, apesar de ter ido à escola, ela não entrou em sala de aula.

4.2 Adolescência e violência

A discussão sobre o normal e o patológico na fase adolescente é de grande relevância para esse estudo. A adolescência é uma fase de intensas mudanças físicas e psicológicas que levam o indivíduo a buscar novas formas de se relacionar com sua família e com a sociedade. A Organização Mundial de Saúde [OMS] definiu como o período do desenvolvimento humano que se inicia por volta dos 10 anos e se estende até os 19. O ECA considera adolescente aquele que está entre os 12 e 18 anos de idade.

É importante considerar que a adolescência é um conceito relativamente recente. Calil (2003) aponta que o primeiro a apresentar o conceito foi Rosseau, no século XIX, definindo tanto a infância como a adolescência como um "estado" específico, em vez de uma condição "natural" do ser humano. Outeiral (2003) situa o aparecimento do conceito de *adolescência* entre o final da Primeira Guerra Mundial e o início da Segunda Guerra Mundial.

A problemática do adolescente começa com as mudanças corporais da puberdade, com a possibilidade de procriação, e segue com as mudanças psicológicas. Ele procura de alguma forma obter controle sobre si, seja pelos inúmeros planos que começa a fazer para sua vida ou pela ação. A adolescência é um período que oscila entre a dependência e a independência e que gera muita angústia frente a perda do conhecido, do corpo infantil. Há sentimentos contraditórios, confusos, ambivalentes, que são freqüentemente confundidos com estados anormais. Segundo Marty (comunicado em palestra, 16 de abril, 2009) as transformações da puberdade, transformações somáticas e psíquicas, que ocorrem durante a fase adolescente possuem em si um aspecto violento. Há uma metamorfose que ocorre de forma dissociada; violenta para a auto-imagem e para o narcisismo. O adolescente passa por um momento de não reconhecimento. Ocorre uma quebra na história, há uma descontinuidade da sexualidade infantil. O adolescente necessita sair de seu narcisismo para investir no objeto (no outro). É o caminho para aceitar a alteridade: renunciar todo o poder narcísico para aceitar ser transformado pelo outro. O adolescente deve tolerar ser transformado pelo outro, mas ele resiste a isto.

O adolescente exibe seu conflito por meio do “ato”, da “ação” e, segundo Osório (1989), ao atuar ele delinqüe. A respeito do comportamento delinqüente, o autor afirma que “tudo o que podemos inferir da delinqüência é que o indivíduo e o ambiente se encontram em estado de violenta discordância” (p. 56). Entretanto, a tendência à ação impulsiva é uma característica do adolescente e as explicações para tal vão desde as alterações biológicas do organismo até a dificuldade na aquisição do pensamento abstrato, o que o levaria a expressar seus sentimentos em num nível mais concreto. O autor considera certas variáveis em relação aos sintomas para distinguir entre o que pode ser considerado normal ou patológico no processo da adolescência. Essas variáveis são:

1) Intensidade do sintoma.
2) Duração ou persistência do sintoma.
3) Significado regressivo como, por exemplo, retorno a comportamentos infantis ou regressão do ego a estágios anteriores.
4) Poliformimo sintomático, ou seja, a presença de mais de um comportamento antissocial.

Jean-Yves Chagnon (comunicado em palestra, 17 de abril, 2009) aponta que alguns atos de delinqüência aparecem somente na adolescência, em forma de atos desgovernados e como um transtorno transitório no contrato social. Pode aparecer como um fenômeno grupal, uma vez que o grupo possui grande importância para a solidificação da identidade nesta faixa etária.

Chagnon ainda ressalta que qualquer pessoa pode cometer um ato antissocial isolado, se estiver passando por um ataque narcísico. A passagem ao ato oferece uma via de domínio ativo de si mesmo que restaura o narcisismo e resolve o conflito, possibilitando um encontro identitário. O confronto com a lei é uma forma de auto-afirmação que pede um continente, suporte.

Quando o amadurecimento psíquico não acompanha a puberdade biológica o adolescente pode vir a apresentar um quadro psicopatológico. A angústia frente a perda ou separação do objeto do qual ele ainda é preso narcisicamente pode expressar-se por meio da dependência das drogas. Segundo Chagnon, o outro ou a droga podem ser utilizados neste contexto como objetos parciais para preencher a angústia frente à perda.

Desta forma, reforçamos a importância das primeiras experiências afetivas na estruturação do ego, uma vez que as reações frente as perda e frustrações próprias da adolescência estarão em grande parte sendo expressas a partir da condição egóica. A impulsividade e a ação são constituintes desse processo, que apresenta características agressivas, porém passageiras. Consideramos, ainda, que o adolescente ao mesmo tempo em que necessita do meio para o confronto e para sua auto-afirmação, apresenta momentos onde volta para si sua energia, buscando a integração de sua personalidade e das várias experiências.

A saída da adolescência passa pela identificação com a função parental, ou seja, o indivíduo passa a ser capaz de cuidar de outro que não seja ele mesmo; desenvolve a capacidade de se descentralizar de si mesmo. Ele sai do sentimento de ser vítima da própria adolescência.

A fase da adolescência contém características individuais, devido às histórias de vida e experiências pessoais, e características histórico-culturais pertencentes ao meio social em que o indivíduo está inserido. Sendo assim, a maneira como cada um irá buscar soluções para seus conflitos irá variar de acordo com os recursos internos, psicológicos, e externos, de ordem sócio-econômica e cultural. Ao descrever o que considera serem características normais no processo da adolescência Knobel (1981) ressalta a relevância dessa última variável descrita dizendo que:

> O conceito de *normalidade* não é fácil de estabelecer, já que em geral varia em relação com o meio sócio-econômico, político, cultural... Portanto, resulta geralmente uma abstração com validade operacional para o investigador que, situado num meio determinado, rege-se pelas normas sociais vigentes em forma implícita ou explícita. (p.27)

Segundo Osório (1989) a adolescência é um complexo psicossocial assentado em uma base biológica caracterizado por

1) Redefinição da imagem corporal, consubstanciada na perda do corpo infantil e da conseqüente aquisição do corpo adulto (em particular, dos caracteres sexuais secundário);
2) Culminação do processo de separação/individuação e substituição do vínculo de dependência simbiótica com os pais na infância por relações objetais de autonomia plena;
3) Elaboração de lutos referentes à perda da condição infantil;
4) Estabelecimento de uma escala de valores ou código de ética próprio;
5) Busca de pautas de identificação no grupo de iguais;
6) Estabelecimento de um padrão de luta/fuga no relacionamento com a geração precedente;
7) Aceitação tácita dos ritos de iniciação como condição de ingresso ao *status* adulto;
8) Assunção de funções ou papéis sexuais auto-outrogados, ou seja, consoante inclinações pessoais independentemente das expectativas familiares e eventualmente (homossexuais) até mesmo das imposições biológicas ao gênero a que pertence. (p. 12)

A família possui um importante papel para a formação e sustentação desse jovem que busca redefinir os limites. É preciso que ele sinta segurança e encontre também um espaço para se colocar, expor suas idéias e seja valorizado. Winnicott (1969/2005) reafirma a importância da família em oferecer suporte emocional no processo da adolescência uma vez que os problemas presentes na primeira infância reaparecem nesse período. Isto quer dizer que as fantasias de morte e destruição pertinentes à agressividade, como força vital para o crescimento, retornam nesse momento com um diferencial: agora, há um corpo capaz para executá-las. O processo de amadurecimento e de diferenciação em relação à figura materna e a figura paterna exigem agressividade; é importante que a família sobreviva a essa demanda. Winnicott (1969/2005), fala aos pais:

> Se você fizer tudo o que pode para promover o crescimento pessoal de seus filhos vai ter que ser capaz de lidar com resultados incríveis. Se seus filhos acabarem se encontrando, não vão se contentar senão em se encontrar em sua totalidade, e isso vai incluir a agressão e os elementos destrutivos em si próprios, assim como elementos que podem ser rotulados como amor. Vai ser longa a luta que vocês terão de enfrentar. (p.152)

O mesmo autor comenta a respeito do conceito de normalidade:

> Como é a criança normal? Ela simplesmente come, cresce e sorri docemente? Não, não é assim. Uma criança normal, se tem a confiança do pai e da mãe, usa de todos os meios possíveis para se impor. Com o passar do tempo, põe a prova o seu poder de desintegrar, destruir, assustar, cansar, manobrar, consumir e apropriar-se... Se o lar consegue suportar tudo o que a criança pode fazer para desorganizá-lo, ela sossega e vai brincar. (Winnicott, 1946/1995, p. 121)

Marty (comunicado em palestra, 16 de abril, 2009) fala da paranóia “comum” da adolescência. Uma projeção, um mecanismo de defesa típico dessa fase, devido às fantasias inconscientes. Passado o período de externalização da paranóia esta passa a se constituir como um conflito intrapsíquico. É um processo que envolve um amadurecimento gradual, no qual o adolescente passa a se apropriar de seus conflitos e questões que ficaram em suspenso na infância.

Melillo (2007), em seu estudo sobre o adolescente e a resiliência, fala da relevância dos vínculos afetivos entre o adolescente e um adulto, da mesma forma como ocorre na primeira infância, para o estabelecimento de sua identidade: “Debe ser um vínculo profundamente afectivo, tierno, de la calidad de los genuínos vínculos humanos” (p.73). Ser reconhecido pelo outro, ter suas atitudes e opiniões respeitadas e consideradas é fundamental para o estabelecimento da resiliência em sua personalidade, ou seja, a capacidade para superar as adversidades da vida.

4.2.1 A tendência antissocial

Winnicott (1958a/2000) compreende o comportamento antissocial como um sinal de esperança. Ele afirma que a criança ou adolescente que apresenta tal comportamento sofreu uma deprivação, ou seja, teve experiências de afeto e cuidado positivas, mas as perdeu por alguma razão, que pode ser desde uma depressão materna até sua ausência real. Na época em que essa perda ocorreu, a criança já conseguia perceber que se tratava de uma falha ambiental, tendo, portanto, a noção de eu e não-eu:

> Quando ocorre a tendência anti-social, aconteceu uma de-privação propriamente dita (não uma simples privação), ou seja, deu-se a perda de algo bom, de caráter positivo na experiência da criança até certo momento, no qual o elemento positivo foi retirado. A retirada estendeu-se por um período maior daquele durante o qual a criança seria capaz de manter viva a memória da experiência. (Winnicott, 1958a/2000, p. 406)

A perda da segurança no ambiente e na figura materna traz uma angústia frente a seus impulsos de amor e destruição, assim, ela passa a atuar constantemente no âmbito social exigindo deste a continência e a estabilidade necessária para que ela possa voltar a confiar em si e no outro. O adolescente que comete atos antissociais teve a experiência de abandono. Nas palavras de Winnicott (1984/2005):

> ... a pessoa que foi privada de algo que já teve está impedida de se aproximar dos problemas que lhe são inerentes, por causa de um ressentimento, um direito justificado para que se repare uma agressão quase recordada... O abandono constitui a base da tendência anti-social e, por mais que não gostemos de que roubem nossa bicicleta, que tenhamos de usar a polícia para impedir a violência, podemos ver por que esse menino ou aquela menina nos força a aceitar o desafio, seja pelo roubo, seja pela destrutividade. (p. 98).

Bowlby (1976/2006), em seu livro "Cuidados Maternos e Saúde Mental", destaca a importância da qualidade dos cuidados maternos e da experiência de continuidade desses cuidados nos três primeiros anos de vida que possibilitam a criança o sentimento de integração do ego. O mesmo autor ainda enfatiza a incapacidade do indivíduo que sofreu privação no início da vida em estabelecer relações afetivas posteriormente. Afirma que seus relacionamentos são superficiais, pois não há sentimentos, nem raízes nessas relações. Dessa forma a privação sofrida teria efeitos permanentes.

Winnicott afirma que nos momentos de atuação a criança ou adolescente revela um sinal de esperança, pois pode resgatar o que foi perdido anteriormente. O autor indica dois caminhos para a tendência antissocial, sendo um deles o roubo: "...a criança procura alguma coisa, em algum lugar, e não a encontrando busca-a em outro lugar, quando tem esperança (Winnicott, 1958a/2000, p. 411)

Caso 1 - Adriana

Em nosso terceiro encontro, Adriana relatou que já havia roubado, roubava com o irmão quando tinha cinco, seis anos. Eles roubavam doces e roubavam carteira. Quando tinha 14 anos voltou a roubar: roubava roupa de shopping, chocolate, *"essas coisas gostosas de supermercado".* Disse que uma vez foi pega em um shopping de São Paulo. Ela estava com outras duas meninas do abrigo onde morava na época. Contou que a dona da loja viu quando elas roubaram mercadorias e, na hora que foram sair do shopping, vieram os seguranças e depois a polícia. Elas foram levadas para a delegacia e colocadas em uma sala pequena, onde havia somente um vaso sanitário. Caso não comparecesse ninguém do abrigo, elas seriam encaminhadas para Fundação Estadual do Bem Estar do Menor [FEBEM], Instituição que em 2006 passou a ser conhecida como Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente [CASA], mas como um educador foi à delegacia elas foram liberadas. Mesmo assim, foi aberto um processo e ela teve que prestar serviço à comunidade. Ajudava a manter a organização de um teatro da zona sul, auxiliando nos dias em que havia espetáculo. Na outra vez que foi detida, estava com uma colega em um supermercado da região. Ela contou que

dessa vez falou para a colega que não ia dar certo, porque todo mundo estava vendo, mas mesmo assim a colega insistiu e pegou o equivalente a R$ 80,00 em chocolate. Novamente os educadores do abrigo foram chamados e ela teve que devolver o dinheiro mesmo sem comer os chocolates... Perguntei por que ela roubava e ela disse que era porque não tinha dinheiro para comprar, nem ninguém que comprasse para ela.

Ao falar a respeito de sua transgressão, Adriana fala de sua solidão, da falta de pessoas comprometidas com ela, que exercessem a função parental e que, desta forma, pudessem ser um anteparo para suas angústias. Segundo Chagnon (comunicado em palestra, 17 de abril, 2009) o sujeito delinqüente possui um traumatismo narcísico, sendo frustrado em suas necessidades de suporte e continência. A descontinuidade afetiva da mãe, a intrusão, aspectos que alteram a constituição das bases do psiquismo e impossibilitam o sujeito a conter a violência interna também são encontrados na base do comportamento delinqüente.

A violência na relação com o pai, a omissão de sua mãe e as experiências de abandono sofridas na infância, deixaram suas marcas e, por meio de seus atos delinqüentes transparecia o sentimento de perda, do vazio e da falta de uma figura onde pudesse encontrar segurança e a experiência de ser amada continuamente. Sua angústia e a tensão interna gerada pela deprivação afetiva era externalizada por meio dos furtos que realizou. Segundo Winnicott (1968/2005) este é um dos caminhos que a tendência antissocial pode seguir:

> ...em sua adaptação às necessidades da criança, a mãe capacita o filho a encontrar objetos de modo criativo. Ela o inicia no uso criativo do mundo. Quando isso falha, a criança perde o contato com os objetos, perde a capacidade de encontrar qualquer coisa criativamente. No momento de esperança, a criança alcança um objeto – e o rouba. (p. 84)

A passagem ao ato oferece uma via de domínio ativo, de si mesmo, que restaura o narcisismo e resolve o conflito, possibilitando um encontro identitário. O confronto com a lei é uma forma de autoafirmação que pede um continente, suporte. O adolescente necessita do interdito para se constituir; o confronto com o outro possibilita sua diferenciação. Quando esse limite falha dentro do âmbito familiar, o adolescente vai buscá-lo no âmbito social mais extenso até chegar ao limite judicial. Muitas vezes a violência tem a função de se fazer reconhecer, de compor e organizar o próprio *self*.

Entretanto, Winnicott (1958a/2000) afirma que é necessário um olhar cuidadoso da sociedade para que tal comportamento não se torne crônico e comece a apresentar ganhos secundários com atos de delinqüência, diferenciando a criança ou o adolescente antissocial do

delinqüente. O autor não considera a tendência antissocial um quadro psicopatológico, mas um quadro que pode ser encontrado em qualquer pessoa e em qualquer idade.

A imagem que Adriana construiu de si mesma, até então, reflete em parte as experiências distorcidas de afeto que teve. Crianças vítimas de abuso frequentemente apresentam sentimento de autodesvalorização e sentimento de culpa (Azevedo & Guerra, 2007). Além disso, a possibilidade de integração entre os sentimentos de amor e ódio e a reparação de suas fantasias de destruição em relação ao seu objeto de amor, processos descritos por Winnicott (1957/1995) que resultam na integração do ego, parecem ter ficado bastante restritas pelas experiências que descreveu na relação com a mãe.

Adriana falou que às vezes achava que era uma pessoa má. Disse que tinha pensamentos muito ruins, que ficava com raiva das pessoas e sentia vontade de agredi-las sem motivo algum. Disse que já havia até pensado em matar, que às vezes sua vontade é de matar alguém, mesmo essa pessoa sendo boa para ela. Ela disse que não sabia explicar isso, que até uma colega do abrigo lhe dizia que na mesma hora em que ela parece estar bem, sorrindo, ela começa a se irritar e ficava tudo mal. Winnicott (1969/2005) adverte para a questão da imaturidade do adolescente e do processo natural de diferenciação em relação aos pais nesta fase. Segundo o autor:

> Na puberdade, reaparecem os mesmos problemas que estiveram presentes nos primeiros estágios, quando as crianças eram bebês ou criancinhas relativamente inofensivas... É muito útil comparar idéias da adolescência com as da infância. Se o que existe na fantasia do crescimento primitivo é morte, então na fantasia adolescente existe assassinato. Mesmo quando o crescimento no período da puberdade continua sem maiores crises, a pessoa pode precisar lidar com problemas graves, pois crescer significa tomar o lugar dos pais. *E realmente o faz.* (p.153)

Considerando a demanda que o processo de amadurecimento do adolescente apresenta, pensemos em como essas fantasias podiam influenciar a maneira como Adriana se apresentava ao mundo e o lugar que ela ocupava. A diferenciação da figura materna era bastante relevante para ela, como já foi salientado anteriormente. Para isso, ela precisou fugir e distanciar-se fisicamente de seus pais, buscando também proteção e formas alternativas para a violência. Apesar da fuga, distanciar-se da violência e da imagem negativa que tem de si mesma exige uma reformulação e elaboração das vivências anteriores, a partir de outras experiências e referências que ocupem esse espaço. Enquanto isso, sua alternativa é continuar a testar o ambiente, muitas vezes realizando ataques a si mesma. No terceiro encontro, Adriana falou que quando estava mal fazia coisas erradas de propósito e se afundava mesmo. Contou que quando voltou da casa dos pais para São Paulo, em maio de 2008, não queria

voltar a morar em abrigos. Procurou por pessoas que conhecia na cidade, se envolveu com alguns meninos, teve relação com eles sem usar qualquer proteção. Disse que sabia do risco que estava correndo e que se engravidasse iria abortar. Ela chegou a dizer que queria ter engravidado para ver um bebê morto. No entanto, afirmou que, depois de tudo, agradece por não ter acontecido nada de mal, uma vez que não se contaminou com nenhuma doença e não engravidou.

Caso 2 - Izabela

Izabela demonstrava por meio de sua agressividade a fragilidade de sua estrutura emocional. A porta de vidro quebrada por ela em um momento de atrito dentro do abrigo retratava a necessidade de usar sua agressividade não só para extravasar a raiva e a frustração, mas para sentir-se integrada. Para Izabela a agressão não tinha apenas a função de extravasamento; era a via por onde se reconhecia. Assim acontecia na relação com a filha, assim acontecia quando ela precisava demonstrar o que sentia. Outeiral (2008) ao abordar a questão da *maldade*, fala sobre a ligação existente entre prazer e a dor e o sofrimento. Ele afirma que "...dor-prazer e prazer-dor são contrapontos de uma agradável melodia que nos faz perceber que estamos vivos, percepção ligada ao sentimento de ser..." (p.27).

Ao descrever o processo de desenvolvimento emocional e falar sobre as raízes da agressividade, Winnicott (1950/2000) descreve um padrão de desenvolvimento que já não é mais reconhecido como saúde, e que se instaura devido à uma série de intrusões ambientais onde "o indivíduo não consegue sentir-se real a não ser quando se comporta de modo destrutivo e impiedoso" (p. 299).

As atitudes agressivas de Izabela também podem representar um pedido de ajuda e, nesse sentido, elas estariam relacionada a sua necessidade de ser "contida". Segundo Winnicott (1958a/2000), a destrutividade é a outra via de expressão da tendência antissocial. O autor afirma:

> ... a criança está procurando aquele montante de estabilidade ambiental que suporte a tensão resultante do comportamento impulsivo. É a busca de um suprimento ambiental que se perdeu, uma atitude humana que, uma vez que se possa confiar nela, dê liberdade ao indivíduo para se movimentar, agir e se excitar. (Winnicott, 1958a/2000, p. 411)

A fragilidade em suas relações e o medo do envolvimento refletia a maneira que Izabela encontrou para se defender do contato afetivo com o outro. Ela não é incapaz de se apegar ou

ainda de demonstrar algum tipo de afeto, mas para que uma relação afetiva não a faça sentir-se ameaçada, em sua própria integridade, ela precisaria ter uma experiência duradoura, capaz de suportar sua destrutividade. Uma relação em que ela pudesse descobrir-se não só como alguém capaz de destruir, mas alguém capaz de restaurar, de reparar. Assim, *amar* começaria a se diferenciar da idéia de *destruição* e morte.

Caso 3 - Bia

No histórico de Bia há um acumulado de fugas: fugas de casa, fugas dos abrigos. As atitudes de Bia revelavam acima de tudo sua busca pela "mãe cuidadora", aquela que ela conservava dentro de si, com quem teve experiências de afeto e amor, atenção, aquela que cuidava dela e das irmãs.

Bia e as irmãs conseguiram proteger aquilo que tinham de mais valioso e mantiveram a unidade familiar, mesmo quando estavam na rua. A dificuldade em permanecer e aceitar os limites impostos pelos abrigos parecia ser uma legítima reivindicação de afeto. Quando Bia fugia de casa para chamar a atenção de sua mãe e dizer-lhe que algo não estava certo, não obtinha nenhuma resposta de reparação desta. Com o tempo, a fuga passou a tornar-se algo sintomático, uma vez que suas ocorrências não tinham mais nenhuma justificativa concreta como, por exemplo, um atrito dentro do abrigo, ou situações de maus-tratos. Por meio das "fugas" ela recuperava sua potência, retomava o controle de sua vida. A "fuga" para Bia e suas irmãs parecia ter se tornado uma marca, uma característica pela qual elas se apresentavam ao mundo.

No entanto, algumas escolhas são "pesadas" demais para uma criança e refletem acima de tudo o desamparo do mundo adulto. Ao falar sobre as consequências da falta de estrutura do ambiente para ser tolerante e oferecer segurança à criança durante seu processo de desenvolvimento emocional, Winnicott (1946/1995) nos lembra que:

> A idéia corrente é que, vendo-se "livre", a criança passa a fazer tudo o que lhe dá prazer. Isso está muito longe da verdade. Ao constatar que o quadro de referência de sua vida se desfez, ela deixa de se sentir livre. Torna-se angustiada, e se tem alguma esperança, trata de procurar um outro quadro de referência, fora do lar. A criança cujo lar não ofereceu um sentimento de segurança busca fora de casa as quatro paredes; ainda tem esperança e recorre aos avós, tios e tias, amigos da família, escola. Procura uma estabilidade externa, sem a qual enlouquecerá. (p. 121)

4.3 A fragilidade dos laços e a violência na sociedade contemporânea

Para que um indivíduo se constitua ele necessita que o meio mais próximo esteja investindo nele sua libido, ou seja, é necessário que ele sinta-se querido, desejado e seja valorizado. As relações pais-filhos, assim como as demais relações de troca e afeto, têm perdido espaço no dia-a-dia das pessoas, devido ao sentimento de urgência que se instalou. Não há tempo e não há disposição interna para o outro, sentimento este criado pela necessidade de lutar pela sua própria sobrevivência. Afinal, o utilitarismo do mundo material impõe um caráter descartável inclusive nos relacionamentos, há sempre um sentimento de incerteza e insegurança, o que dificulta que as relações saiam da superficialidade e entrem no campo mais profundo, do constituinte, do estrutural.

Segundo Winnicott (1967/1975), a partir da adaptação da mãe às necessidades do bebê e da relação de mutualidade estabelecida entre eles, o bebê tem a oportunidade de viver um período de ilusão, que é a porta de entrada para o desenvolvimento da criatividade e da experiência cultural no futuro.

A experiência de onipotência é fundamental e constitutiva para o psiquismo humano. Freud (1914/1996) em seu artigo "Sobre o narcisismo: uma introdução" reconhece a existência de um narcisismo primário, constituinte do ego e que corresponde à crença na onipotência. Distingue esta fase do desenvolvimento, do processo onde a libido objetal é retirada do meio e reinvestida em direção o ego, denominado narcisismo secundário. Trata-se de uma distinção absolutamente indispensável à cerca das necessidades humanas, que observa a importância da relação entre o bebê e sua mãe, e da importância do olhar do outro para a constituição da subjetividade, e da possibilidade de interação com o mundo externo.

Nesse mesmo artigo, encontramos a afirmação de que as mães revivem o próprio narcisismo ao exercerem a maternidade, investindo suas expectativas e tudo aquilo que idealizaram para si. Nas palavras de Freud (1914/1996): "Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com seus filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram".

Lebovici (2004) atribui ao narcisismo primário um papel primordial na construção da parentalidade, sentimento que liga os pais ao seu filho não só pela via biológica, mas também por meio da história inter e transgeracional. Ele afirma:

> O narcisismo primário dá sentimento próprio à criança e permite que se sinta viva quando sua mãe a abandona. Isso possibilita que o bebê sonhe estar com a mãe. É o sentimento de consciência da própria existência. Primeiro há os elementos físicos, somáticos, e depois os psíquicos, ou seja, uma experiência sensorial e a seguir psíquica. (p. 23)

Quando Winnicott (1953/1975) escreve sobre o valor da ilusão para o desenvolvimento emocional, onde o bebê cria o mundo, ele também enfatiza a importância da desilusão, função exercida gradativamente pelo ambiente (mãe). Essa passagem ocorre dentro de uma área intermediária definida pelo autor como "espaço potencial" que faz a comunicação entre mundo interno e externo. A relação com os objetos do mundo ocorre gradualmente, iniciando com o ato criativo, fruto da ilusão. À medida que a criança avança em seu processo de maturação aparecem os "objetos transicionais", que realizam a ponte entre o que é subjetivamente percebido e significado para a realidade objetiva, sendo esta última fora do seu controle onipotente. Na fase adolescente e na vida adulta, Winnicott (1967/1975) atribui à experiência cultural a continuidade do espaço potencial. Portanto, a experiência cultural possui um aspecto importante no se refere à possibilidade do indivíduo em estabelecer a comunicação entre o interno e externo, por meio da simbolização dos aspectos instintivos e das necessidades humanas para o mundo real.

O autor ressalta que o espaço potencial só pode existir quando há total confiança do bebê em relação ao meio ambiente, ou seja, continuidade e fidedignidade nos cuidados da figura materna. Neste contexto, a experiência de continuidade pode ser definida como a própria experiência do existir humano. Além disso, dela também deriva grande parte nossa habilidade de confiança no outro. Winnicott (1969/2005) nos diz:

> Em nossa teoria a respeito dos cuidados com a criança, a continuidade do cuidado tornou-se uma característica central do conceito de ambiente facilitador. Percebemos que é unicamente pela continuidade da provisão ambiental que o novo bebê em estado de dependência pode ter uma continuidade em sua linha de vida, e não um padrão de reação ao imprevisível e ao repetitivo. (p. 150)

A partir daí pensemos nas relações atuais e nas consequências que estas formas de interação entre os indivíduos exercem na sociedade pós-moderna e vice-versa.

Bauman (2001) comenta sobre a instabilidade dos laços humanos na contemporaneidade, onde as causas sociais, como desemprego, tornaram-se uma ameaça constante: "Condições econômicas e sociais precárias treinam homens e mulheres (ou fazem aprender pelo caminho mais difícil) a perceber o mundo como um contêiner cheio de objetos descartáveis, objetos para uma só utilização; o mundo inteiro – inclusive outros seres humanos" (Bauman, p. 186).

O autor reafirma seu pensamento a respeito do utilitarismo dos laços humanos, trazendo a questão da urgência que se instalou nas relações, que sempre têm que trazer satisfação imediata ao outro para que não se encerre. “Em outras palavras, laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a serem consumidas, não produzidas” (Bauman, p. 187).

As questões individuais e emocionais do Homem não podem ser entendidas sem que o contexto político-econômico também seja analisado. Hannah Arendt (2003), em sua obra “A Condição Humana”, ensina como o social interfere na percepção da existência humana. A possibilidade da ação, entendida como capacidade para criação traz o reconhecimento do contexto social para as habilidades pessoais; o valor do trabalho traz o sentido de permanência e continuidade do indivíduo por meio de sua produção. Questões que, em primeira instância referem-se ao desenvolvimento econômico, mas que se revelam também na constituição da subjetividade humana.

Lasch (1984), autor que escreveu sobre a sociedade americana na atualidade, postula a instauração da cultura do narcisismo patológico em tempos de ferrenho capitalismo. Ele fala sobre o enfraquecimento da história, da perda de referências e da escassez de preocupação com a posterioridade do mundo atual. Fala sobre a ausência da credibilidade nas figuras de autoridade e de seus efeitos sobre o psiquismo humano que, ao contrário do que se pode imaginar, torna-se mais severo, menos flexível, com características mais primitivas e impiedosas.

Birman (2000), ao analisar a sociedade atual, diz:

> O que justamente caracteriza a subjetividade na cultura do narcisismo é a impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. Referido sempre ao seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto. (p. 25)

O isolamento no qual vive o homem pós-moderno lhe traz, além da solidão, um imenso vazio, pois não há o que possa preenchê-lo na era da “modernidade líquida”, termo usado por Bauman (2001). À medida que as relações parentais, as primeiras a serem formadas, tornam-se mais inconsistentes e inseguras, o indivíduo passa a sofrer com a inabilidade no contato com o social, a incapacidade de aceitação do outro; não consegue conviver com a alteridade, pois seu mundo interno também está debilitado.

As consequências são sentidas por todos. A violência é um fenômeno que atinge todas as classes, todas as culturas, todas as idades. Para Costa (2003), a violência “é toda circunstância

de vida em que o sujeito é colocado na posição de não poder obter prazer ou de só buscá-lo como defesa contra o medo da morte" (p.228). Nesta perspectiva, o autor considera que a dor e o sofrimento podem estar na base de uma personalidade narcísica, que busca se proteger e resguardar da eminência da morte.

Vivemos em uma sociedade que tolera muito pouco a diferença, que promove a solidão sem que estejamos atentos para isso. Como constata Birman (2000):

> Os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista e auto-centrada, na qual o horizonte inter-subjetivo se encontra esvaziado e desinvestido de trocas inter-humanas. Esse é o trágico cenário para a implosão e a explosão da violência que marcam a atualidade. (p. 24)

Azevedo (2009), ao falar sobre o fenômeno da violência, alerta que ela deve ser sempre contextualizada, ou seja, compreendida dentro de uma determinada cultura e sociedade específica. Segundo ela, no caso do Brasil, isto quer dizer que:

> Desvendar a fenomenologia da violência em nosso país, reconhecendo tratar-se a sociedade brasileira: de uma sociedade extremamente desigual em termos sócio-econômicos, onde os 20% mais ricos têm rendimento 26 maior que os 20% mais pobres, segundo dados 1992; de uma sociedade que pratica a violência tanto entre classes sociais quanto entre intraclasses sociais, conforme comprovam-no as elevadas estatísticas dos conflitos (urbanos e rurais) e das ocorrências de maus-tratos a mulheres, velhos, crianças e adolescentes tanto dentro quanto fora da família (p. 43).

Caso 1 - Adriana e André

Em nosso quarto encontro Adriana disse que às vezes achava que era estranha. Perguntei por que e ela responde dizendo que se acha muito egoísta... Falou também que se uma criança caísse da escada, o próprio André, ela iria fingir que estava preocupada, mas na realidade não ia estar. Falou que, apesar de dizer que estava preocupada com a situação do abrigo, devido a greve dos educadores, no fundo não estava nem aí. Pensava que o abrigo já tinha passado por várias crises e poderia sair de mais essa, ou então, que se o abrigo fechasse, ela iria para outro, para rua ela não iria.

Tardivo, Junior e Santos (2005) comprovam a experiência prática na qual muito frequentemente percebe-se que as crianças vítimas de maus-tratos, que vivem em abrigos ou não, alimentam a crença de terem sido culpadas e causadoras do mal sofrido. Sem a possibilidade de reparação do mal que em sua fantasia causou a pessoa amada, a criança passa a atuar de acordo com aquilo que ela imagina ser. Voltar a acreditar em si e em tudo o que ela tem de bom é um desafio, pois voltar a acreditar em si significa, também, voltar a acreditar no

outro. Para isso ela terá que superar o medo de se vincular e amar; reconstruir a capacidade de confiar.

No abrigo ela encontra parcialmente o suporte que necessita. Há certa estabilidade e, ainda, funciona como uma referência para os momentos que sabe estar em perigo. No entanto, a vida no abrigo não é fácil para nenhuma das meninas. Cada uma deve aprender a defender o próprio espaço e, nesse sentido, novamente as situações de intrusão são repetidas. Adriana, que vivia em abrigo desde 12 anos de idade, já deve ter vivenciado muitas perdas: educadores que vão embora, amigas que saem, são transferidas ou fogem. Na época dos encontros, parecia defender-se de ter uma relação mais estável com qualquer uma das meninas lá dentro. Já havia relatado ter afinidade maior com uma delas, mas ainda assim, não falava de uma experiência de envolvimento afetivo. Aliás, não relatou em nenhum momento alguma experiência de maior entrega que estivesse vivendo, mas falou do medo em se envolver. Vincular-se a alguém gera angústia e é bastante ameaçador para ela. Disse que um grupo de meninas sacaneou com outra adolescente, que não era muito bem quista pelas demais meninas da casa. Disse que até ficou com dó da adolescente que foi alvo, mas que não faria nada para ajudá-la, pois também já foi muito sacaneada por outras adolescentes desde que começou a viver em abrigos e ninguém nunca a ajudou.

Caso 2 - Izabela e Helena

Izabela é uma pessoa extremamente só. Permaneceu por quatro meses nas proximidades da rodoviária do Tietê. Perguntei se ela se arrependia de alguma coisa dessa época. Ela disse que se arrependeu de se envolver com pessoas erradas, mas não quis falar mais sobre o assunto. Em outra ocasião ela disse que viu gente sente estuprada e morta, que não e fácil, mas não contou mais do que isso. Falou dessa época de uma maneira distante.

Segundo a coordenadora do abrigo, consta em seu histórico o envolvimento com a prostituição, informação que também estava presente nos relatórios enviados ao *Projeto Ser Mulher* na época em que participava das atividades do projeto, embora Izabela nunca tenha falado sobre esse assunto. Um estudo realizado com adolescentes envolvidas com a prostituição (Teixeira, 2003) aborda a transitoriedade das relações na vida dessas meninas que atualizam o abandono e o desamparo já vivenciado anteriormente. Além disso, fala sobre uma característica encontrada também em Izabela: no início mostram-se duronas, mas, depois, quando a confiança começa a se estabelecer, mostram toda sua vulnerabilidade e deixam transparecer os estigmas que marcaram suas vidas e sua não cidadania.

Ligar-se a alguém nos dias atuais é quase uma ameaça, traz ansiedade e angústia, pois exige do Homem que ele saia dele mesmo. As frágeis relações estabelecidas desde o início da vida, não oferecem sustentação para que o indivíduo possa agir, criar, amar uma vez que ele necessita de um meio no qual ele confie. Necessita da experiência de continuidade para que integre aspectos agressivos de sua personalidade e transforme em atitudes sociais. A falta de visibilidade, do olhar do outro, do reconhecimento é sentida como uma experiência de aniquilamento do próprio *self.*

A greve dos educadores, que ocorreu enquanto a pesquisa estava sendo realizada, mobilizou Izabela mais do que as outras participantes. Ela verbalizou em nosso primeiro encontro que estava triste e preocupada com o fato deles não estarem mais lá. Em principio pensei de uma maneira prática e disse a ela que enquanto não houvesse educadores ela e as outras meninas poderiam ajudar a fazer as atividades da casa. Mas ela disse que não era isso que a incomodava e sim o fato de ter se apegado a dois ou três educadores e eles estarem indo embora. Contou que já havia passado por uma situação parecida no outro abrigo e que é muito ruim. Izabela é uma menina bastante sensível, embora use sua aparência e sua maneira abrutalhada para se defender. Às vezes usa força física para intimidar as pessoas, testar, afastar, mas encontra brechas para falar sobre sua carência e necessidade de vinculação, quando, por exemplo, me convidou a continuar a visitá-la após os cinco encontros.

Caso 3 - Bia e Gabriel

O vazio que, muitas vezes, aparecia no olhar distante de Bia chamava a atenção. Parecia não haver muitas perspectivas. No entanto, quando o filho a procurava e sorria para ela, Bia retomava o foco e mostrava-se feliz com o sorriso do filho. Gabriel trouxe à Bia uma razão para se fixar, parar de fugir, enraizar, o que é de extrema relevância no processo de amadurecimento do adolescente.

Outeiral (2007) fala sobre algumas “patologias da contemporaneidade”, como o sentimento de não-ser e de invisibilidade, as patologias do vazio, que em parte são as consequências do desamparo nas etapas iniciais do desenvolvimento, a falência da função paterna e as identificações patológicas. A ausência de referências parentais e a falta de representantes sociais que ofereçam valores éticos e morais adequados causam um predomínio de um *ego ideal*, ligado ao narcisismo, ao pensamento concreto e o não reconhecimento do “outro”, sobre o *ideal de ego*, menos narcísico, com predomínio do pensamento abstrato, onde o “outro” é reconhecido e respeitado.

As consequências de uma realidade social perversa se apresentam muitas vezes na constituição da auto-imagem e, portanto, na maneira como o indivíduo estabelece suas relações. Violante (2000) trata desse assunto e aponta que a própria estrutura social que em primeiro momento exclui o sujeito, atribui posteriormente a ele "falta de força de vontade" para ser bem sucedido, de modo a culpabilizá-lo por seu fracasso pessoal.

A desigualdade social e as inúmeras experiências de humilhação impedem o jovem de se desenvolver e adquirir autoconfiança, de adentrar ao mundo adulto como um ser digno, um cidadão. O encontro com um ambiente social que, além de não acolher a criança e o jovem, desrespeita suas necessidades vitais, impede a possibilidade de qualquer empatia com seus semelhantes. As privações são repetidamente vivenciadas e a violência torna-se estrutural.

Birman (2009) fala sobre as consequências da naturalização da violência no Brasil, evidenciando a perda de autoestima da população e a impossibilidade de desejar diante de um presente inquietante:

> Portanto, se a perda da autoestima implica perda da possibilidade de desejar, constitui-se uma modalidade de subjetividade bastante precária, marcada pela impossibilidade de *fantasiar*. Isso porque voltada que esta é para o aqui e agora de suas necessidades vitais, o indivíduo se volta apenas para o imperativo da sua sobrevivência biológica. (p.255)

O meio social e os recursos da cultura são veículos para a expressão da vida criativa usados como um lugar de transformação e crescimento, já afirmava Winnicott (1967/1975). Com a atual preocupação pela garantia da sobrevivência de cada dia, essa possibilidade fica impedida, o contato com o social torna-se vazio, carente de comprometimento entre ambas partes. Chagnon (comunicado em palestra, 17 de abril, 2009) afirma que a impossibilidade em concretizar as aspirações sociais, tornando objetivos em realidade, é fator reconhecido de violência e delinqüência.

5. A RELAÇÃO COM O FILHO E A FUNÇÃO DO VÍNCULO

Em toda sua obra, Winnicott descreve a relevância da relação mãe-bebê na constituição do sujeito e no processo de integração da personalidade. O autor afirma que o ser humano nasce com um potencial inato ao desenvolvimento que só irá ser bem sucedido caso encontre um ambiente suficientemente bom. Isto quer dizer que, ao nascer, a criança deverá ter suas necessidades biológicas atendidas pelo ambiente, representado nesse momento pela mãe, sentindo-se segura e protegida. É um processo contínuo, onde as experiências de cuidado são vividas repetidas vezes, até que a criança se apodere das mesmas e as incorpore. Winnicott (1969/2005) afirma que:

> Há genes que determinam padrões e tendências herdadas para o crescimento e a aquisição da maturidade; não há crescimento emocional, no entanto, a não ser em relação a provisão ambiental, que precisa ser satisfatória. Pode-se notar que a palavra "perfeito" não entra nessa frase. A perfeição pertence às máquinas, e as imperfeições próprias da adaptação humana às necessidades constituem uma característica essencial do meio ambiente facilitador. (p. 146)

Apesar de todas as ocorrências possíveis que possam atrapalhar este processo de identificação da mãe com seu bebê, Winnicott (1945/1990b) sustenta que em princípio ela é a pessoa mais indicada para cuidar de seu filho, por duas razões:

> Seu amor por seu próprio bebê provavelmente é mais verdadeiro, menos sentimental do que o de qualquer substituto; uma adaptação extrema às necessidades do bebê pode ser feita pela mãe real sem ressentimento. É ela que está em condições de preservar todos os pequenos detalhes de sua técnica pessoal, fornecendo assim ao bebê um ambiente emocional simplificado (que inclui os cuidados físicos). (p. 132)

No início são respostas às necessidades biológicas, que possibilitam o processo de elaboração imaginativa por meio das experiências corpóreas vivenciadas e significadas. Isto quer dizer que, o cuidado que a mãe dispensa ao seu bebê, aquecendo-o quando ele sente frio, alimentando-o quando sente fome, aliviando sua dor, assim como, a maneira como ela o "segura" e o "manuseia", o que é de extrema relevância para o sucesso do processo de integração do self (Winnicott, 1945/1990b), constroem um referencial corpóreo que possibilita, à medida que ocorre o amadurecimento do aparelho neurológico, a construção de um padrão individual e de alteridade. A elaboração imaginativa é a transformação das experiências vivenciadas no corpo em traços psíquicos e de personalidade, em memórias afetivas que constroem a individualidade do ser, o modo como ele irá apreender o mundo e

estabelecer relações, em resumo, possibilita a integração da personalidade e estruturação de seu *self*.

Os avanços da neurociência têm auxiliado a demonstrar a relevância das primeiras experiências vivenciadas por um bebê e a relação dessas em sua vida futura. Cunha (2001) afirma que as primeiras interações têm um impacto decisivo na "arquitetura" do cérebro, ou seja, afetam diretamente a forma como o cérebro será "tramado" e, consequentemente, na qualidade das capacidades do adulto. Segundo a autora:

> A conclusão mais importante a que se pode chegar com base nos recentes estudos que integram a análise do comportamento e da função cerebral, é que mesmo para o bebê portador do pior gene, capaz de determinar-lhe uma doença genética com ou sem envolvimento do sistema nervoso ou em patologias como o autismo e a epilepsia, cuja origem estaria na interferência do processo de migração neuronal, uma experiência interativa segura, empática e de afetos positivos, pode fazer grande diferença no desenvolvimento futuro. (Cunha, 2001, p. 115)

Segundo Klaus, Kennell e Klaus (2000) a "formação de vínculo" refere-se ao investimento emocional dos pais em relação ao filho. "É um processo que é formado e cresce com repetidas experiências significativas e prazerosas" (p. 167).

Spitz (1965/2004) fala sobre o papel da relação mãe-bebê e revela a importância da mesma na constituição da psique. O autor afirma "que o desenvolvimento da percepção afetiva e das trocas afetivas precede todas as outras funções psíquicas; estas irão subseqüentemente desenvolver-se a partir dos fundamentos fornecidos pela troca afetiva" (p. 140).

Bowlby (1969/2002) nomeou *apego* o comportamento que une emocionalmente o bebê à sua mãe. Estudou sua origem etológica, sua função e as diversas maneiras como pode se apresentar, de acordo com a experiência vivida. Os estudos do autor levaram-no a afirmar que o comportamento de apego tem uma função biológica que é a proteção do indivíduo, ou outras espécies animais, contra seus predadores. Bowlby (1969/2002) escreve: "a sugestão de que a vantagem crucial do comportamento de apego é conferir ao bebê a oportunidade de aprender da mãe várias atividades necessárias à sobrevivência parece, à primeira vista, ser promissora" (p. 280).

Bowlby (1979/1997) distingue o comportamento de ligação ou apego dos demais comportamentos relacionados às necessidades orgânicas, como alimentação e o comportamento sexual, embora atribua a todos a mesma função, ou seja, de manutenção da vida humana. Segundo o autor, a partir do terceiro mês de idade o bebê já começa a diferenciar sua mãe das demais pessoas, o que é percebido através da expressão de um sorriso quando a mesma se aproxima, ou do uso de vocalizações que são realizadas mais prontamente

e, até mesmo, pelo olhar, seguindo-a por mais tempo do que quando vir qualquer outra pessoa. Nas palavras de Bowlby (1979/1997)

> A formação de um vínculo é descrita como "apaixonar-se", a manutenção de um vínculo como "amar alguém" e a perda de um parceiro como "sofrer por alguém". Do mesmo modo, a ameaça de perda gera ansiedade e a perda real produz tristeza; enquanto que cada uma dessas situações é passível de suscitar raiva. A manutenção inalterada de um vínculo afetivo é sentida como uma fonte de segurança, e a renovação de vínculo, como uma fonte de júbilo. (p. 172)

O mesmo autor cita duas condições para que ocorra o desenvolvimento do apego a uma figura: a primeira é a sensibilidade desta para responder aos sinais do bebê; a segunda é a quantidade e natureza da interação entre a dupla (Bowlby, 1969/2002).

Cyrulnik (2004), em seus estudos sobre a resiliência, cita as categorias de apego descobertas por Ainsworth e as influências destas na maneira como criança irá se relacionar posteriormente com o mundo e as pessoas. Ele afirma que um apego seguro, estabelecido em um lar tranqüilo, começa desde a vida intra-uterina e é a base para o indivíduo superar as adversidades e sofrimentos futuros, característica designada como resiliência.

Safra (2005), em sua experiência clínica, observa "que cada pessoa constitui seu *self* e sua maneira de ser, por meio de determinada forma sensorial que ganhou predominância no mundo do bebê que ele foi" (p. 39). O autor apresenta a idéia de que o bebê vivência experiências estéticas no contato de seu corpo com o da mãe e que estas experiências, à medida que se organizam pela continuidade do cuidado dispensado a ele, dão origem ao psiquismo humano. Isto quer dizer que, ao nascer, o indivíduo está e um estado de não-integração e que as experiências de cuidado, bem como sua qualidade afetiva ou a falta desta, irão configurar a realidade psíquica deste. Neste sentido, a mãe também traz consigo a apresentação da experiência cultural e étnica ao bebê, presentificando significados sócio-culturais. Nas palavras de Safra (2005):

> As experiências estéticas estão presentes desde o início da vida. Elas dão condições para que o homem se constitua no mundo. É um acontecer que se abre no corpo encontrado a transfigurado pela presença de um outro significativo em estado de devoção. (p. 49)

Esta última frase revela uma das principais questões para a compreensão da importância e função do vínculo na relação mãe-bebê: o fato de um bebê humano ser cuidado por outro **humano não lhe garante a experiência de humanidade**. Isto quer dizer que para que haja a inscrição de humanidade nos indivíduos há a necessidade da experiência de ser amado por alguém significativo e em "estado de devoção". A identificação da mãe com seu bebê logo

após seu nascimento, como foi descrito por Winnicott, possibilita a esta oferecer experiências de cuidado e alívio para as ansiedades impensáveis do bebê. A ligação emocional da mãe com seu bebê confere a este último o sentimento de existir e habitar um corpo, da experiência de continuidade, de ser amado.

A respeito do "amor", Winnicott (1958/1997) afirma que o significado desse sentimento se altera à medida que a criança cresce. O autor define esse processo da seguinte maneira:

> i. Amor significa existir, respirar; estar vivo identifica-se a ser amado.
> ii. Amor significa apetite. Aqui não há preocupação, apenas a necessidade de satisfação.
> iii. Amor significa o contato afetuoso com a mãe.
> iv. Amor significa a integração (por parte da criança) do objeto da experiência instintiva com a mãe integral do contato afetivo; o dar passa a relacionar-se ao receber, etc.
> v. Amor significa afirmar os próprios direitos à mãe a compensar as (inevitáveis) privações por que ela é responsável.
> vi. Amar significa cuidar da mãe (ou do objeto substituto) como ela cuidou da criança - uma prefiguração da atitude de responsabilidade adulta. (p. 19)

A ligação emocional do bebê com seu cuidador e vice-versa representa a condição para a constituição de um *self* organizado, humanizado e integrado, que por sua vez possibilita a inserção do indivíduo no campo social, tornando real seu potencial de contato afetivo e habilidade no campo da convivência comunitária e interpessoal.

Winnicott (1958/1990a) relaciona a habilidade de inserção social do indivíduo a uma etapa importante do desenvolvimento emocional chamada *estágio do concernimento*. Segundo o autor, a continuidade dos cuidados maternos confere ao bebê a possibilidade de reparar qualquer dano, que em sua fantasia, ele possa ter provocado ao objeto amado nos momentos de sua voracidade. Com o amadurecimento do ego e o estabelecimento de relações de objeto, eu-outro, a fantasia de ter destruído o objeto desperta um sentimento de culpa, que será superado se puder ser reparado pelo fato de reencontrar o mesmo e continuar a ter seu afeto e sua devoção.

> Gradativamente à medida que a criança descobre que a mãe sobrevive e aceita seu gesto restitutivo, torna-se capaz de aceitar responsabilidades pela fantasia total do impulso instintivo global que era impiedoso previamente. A crueldade cede lugar à piedade, e a despreocupação à preocupação. (Winnicott, 1958/1990a, p.26)

Nesse momento o bebê está vivenciando a ambivalência de sentimentos, o amor e o ódio, na relação com a mãe, e dirigindo a esta toda sua agressividade. A possibilidade de reparação trazida por um ambiente suficientemente bom, que proporciona experiências de continuidade permeadas de afeto, possibilita a integração desses dois sentimentos, pois o bebê percebe que

sua voracidade e suas fantasias não foram capazes de destruir o seu objeto de amor, a mãe. Pode, então, aliviar-se de sua angústia e abandonar a fantasia de que seu amor pode destruir o outro. O autor reforça o valor da conquista do sentimento de confiança no ambiente, construído a partir da idoneidade deste, e ressalta também o quanto pode ser desastroso para a criança a perda de confiança que leva ao desaparecimento da capacidade de sentir culpa.

Entende-se, desta forma, que o autor não está se referindo nesse momento a culpa em seu sentido patológico, mas a um sentimento pertencente ao processo de desenvolvimento humano que estabelece a capacidade deste em *se preocupar* com o outro. Isto só é possível a partir das relações de trocas afetivas genuínas, onde há a reparação e o perdão. Os resultados dessas experiências, se forem bem sucedidas, é a presença de um código pessoal moral que se institui nas relações posteriores a partir da capacidade de empatia com o próximo (Winnicott, 1963b/1990a). Segundo Motta e Rosa (2008): "Sentir culpa e sentir-se responsável é portanto uma conquista da saúde, reveladora da integração e de que uma parte árdua e significativa do desenvolvimento emocional foi realizada" (p.18).

Assim sendo, a relação estabelecida entre a mãe e o bebê e o desenvolvimento de um vínculo de afeto entre ambos é condição para que o indivíduo chegue ao sentimento verdadeiro de preocupação com o outro e, posteriormente, sinta-se compromissado com o meio social. Ele guarda em sua memória e em seus registros pessoais a experiência de ter sido cuidado, amado, olhado e perdoado, e esse repertório lhe oferece base para que ele interaja de maneira cuidadosa e comprometida com seus semelhantes. Logicamente, não podemos esquecer que tais sentimentos necessitam ser "alimentados" e legitimados também por experiências posteriores, mas, ainda que haja algumas complicações pelo caminho, há uma estrutura anterior que é vista aqui como uma pré-condição para o desenvolvimento de um senso moral, um código de valores pessoais, que podem incluir ou não o outro dependendo de sua própria experiência.

Caso 1 - Adriana e André

A relação que Adriana mantinha com André apresentava a ambivalência de sentimentos que ela trazia em seu processo de amadurecimento. Essa é uma característica marcante do adolescente, que ainda está buscando organizar e integrar as experiências que vivencia. Ainda assim, a relação de Adriana com o filho apresentava conflitos quanto ao próprio desejo em assumir ou não a maternidade. O comportamento de Adriana revelava que "o cuidar" ainda não havia sido inserido em sua rotina e em seu repertório. Para ela, que apresentava

intensamente a necessidade de ser cuidada, cuidar de André era um desafio para quem teve tantas experiências de abandono.

Em nosso segundo encontro ela falou que se arrependeu de ter tido André tão cedo, depois volta atrás e disse que também não existe hora certa para ter filhos, *"você pode ter cinqüenta anos e não estar preparada".* Adriana oscilava muito quando falava sobre o fato de ter decidido engravidar, mas não se imaginava mais sem André. Perguntei se ela já havia pensado em abandonar o filho e ela disse que havia pensado várias vezes. Contou que quando retornou para São Paulo, após ter passado uma semana na casa dos pais, em maio de 2008, procurou pelo pai de André para lhe entregar o filho, mas este não quis nem saber do mesmo. Ela acabou indo para um dos CRECAs espalhados por São Paulo e André foi para o abrigo onde os dois estavam na época dos encontros. Disse que no CRECA sentia-se muito sozinha e pensava no filho, se estavam cuidando bem dele, porque é prematuro e precisava de atenção.

Sua preocupação com o filho era legítima, mas "enxergar" André muitas vezes era uma tarefa difícil para Adriana, até mesmo porque sua história revelava pouca referência quanto ao que é ser olhada. Adriana, na época dos encontros, estava em terapia. Ela parecia estar se conscientizando que determinadas demandas eram suas e, independente de André, ela deveria lidar com elas. Ela não era mais a mesma após a experiência da maternidade. Esta última era uma relação frágil, mas não desprovida de afeto. A questão, então, está na qualidade que essa relação apresentava, na qualidade do vínculo estabelecido.

Adriana contou que, às vezes, quando estava com raiva acabava descontando em seu filho, colocando a culpa nele por seus problemas, mas que se ela não tivesse André arrumaria outro motivo para colocar a culpa de sua insatisfação. Disse que se acontecesse algo ao seu filho ela não agüentaria. Contou que um dia André atravessou a rua do abrigo, sem que ninguém visse porque o portão estava aberto. A rua onde está localizado o abrigo é bastante movimentada, mas nada aconteceu a André que foi trazido por uma pessoa que passava na rua naquele momento, viu a cena e o levou de volta ao abrigo. Contou também que outro dia havia colocado André para dormir, no berço, e depois quando voltou ao quarto ele não estava mais. Ela contou que começou a chorar e ficou desesperada, pensou que ele tinha ido novamente para a rua, talvez tivesse sido atropelado por um carro ou alguém o tivesse seqüestrado. As outras meninas, segundo ela, vendo seu desespero começaram a ajudar a procurar André que foi encontrado dormindo embaixo de outro berço no mesmo quarto.

A possibilidade de perder André trazia desconforto e pesar, mas Adriana começava a demonstrar cansaço. Ter um filho não atendeu as suas expectativas; ainda havia o vazio e a tristeza, sentimento que invadia nossos encontros e que me acompanhava após o término dos

mesmos. Ao mesmo tempo em que André a conectava à realidade, limitava suas necessidades de expansão e liberdade, tão valiosas aos adolescentes. Adriana parecia perdida; exercer a função parental, estabelecer os limites ao filho e protegê-lo, atender às suas necessidades, tudo isso era demais para ela. Logo no primeiro encontro ela começou a falar da sua dificuldade em colocar limite em André. Ela disse que as pessoas falavam para ela ser mais firme com ele, mas ela não sabia como fazer, pois ela achava que estava sendo firme com ele, *"mas o que é firme pra mim pode não ser pra você" (sic)*. Segundo ela, André obedecia a maioria das pessoas, mas não a ela. Ficou com a voz trêmula, falava rápido, mostrava certa ansiedade e parecia que a qualquer momento ia chorar, parecia que estava me pedindo ajuda embora não o tenha verbalizado.

Nesse mesmo encontro André entrou em uma sala com produtos de limpeza; alertei Adriana para retirá-lo de lá e André ficou contrariado e bravo com a mãe, batendo na mesma. Adriana, então, demonstrando raiva, segurou com força a mão de André dizendo *"você não pode me bater!"* Assim que soltava sua mão ele batia novamente e durante três vezes ela repetiu o procedimento até que cansou e parou, passando a ignorar o mesmo.

Sem saber como lidar com André, Adriana muitas vezes era agressiva com ele. André também reagia às atitudes da mãe e mostrava-se inquieto, não atendia a seus pedidos. Poucas vezes presenciei cenas de afeto e no decorrer das visitas o distanciamento de Adriana em relação ao filho foi aumentando visivelmente. Ainda no primeiro encontro, André se ausentou por alguns minutos e ao retornar pulou no colo da mãe, abraçando-a. Ela demorou, mas retribuiu o abraço, de forma distante, mas o abraçou. Já em nosso quarto encontro o cenário era diferente e André passava a maior do tempo afastado de onde estávamos; fazia tempo que André não aparecia e eu perguntei sobre ele. Adriana disse que não precisava ir atrás dele. Disse que está em um momento que quer ter mais espaço, que André ocupa muito seu tempo.

Adriana contou que quando André saiu da maternidade ela teve muita raiva dele e pensava em matá-lo. Disse que sua psiquiatra falou que ela estava com depressão pós-parto, por isso pensava desse jeito e o rejeitava. Contou que falava no ouvido de André o quanto não gostava dele e a raiva que sentia, mas que não fazia mais isso.

Desde o início a relação entre mãe e filho enfrentou dificuldades. O estado descrito por Winnicott (1958b/2000) como "preocupação materna primária", que possibilita a mãe identificar-se com seu bebê e propiciar a este, além dos cuidados necessários, segurança (*holding*) e confiança, esteve comprometido pela doença de Adriana, sua solidão e por suas próprias lembranças dessa mesma fase, que podem ajudar ou atrapalhar a mãe a desempenhar sua função.

Em nosso quarto encontro, Adriana afirmou que estava tentando ser uma pessoa melhor e uma mãe melhor. Perguntei a ela o que era ser uma mãe melhor e ela respondeu que era pensar mais nele do que nela, não bater no filho, não falar para ele que "*ele é um peso em sua vida"*. Mas, era assim que ela percebia seu filho naquele momento, embora tentasse lutar contra esse sentimento. Disse que não sabia se algum dia amou alguém. Mesmo quando se referia a André, dizia que apesar de saber que gostava muito dele, não sabia se o amava. Adriana falou que não conseguia entender porque apesar de ter o sentimento de que não queria ter tido André, ao mesmo tempo não se imaginava mais sem ele. Essa ambivalência e insegurança quanto ao amor pelo filho tornava-se cada vez mais explícita na relação que ela estabelecia com ele e nos comportamentos de André. Na realidade, Adriana questionava-se quanto a sua capacidade de amar.

Ainda nesse encontro, André e outra criança do abrigo foram até uma cadeira onde havia roupas passadas e pegaram algumas peças. Adriana falou para eles saírem de lá, mas nenhum dos dois a obedeceu. Ela se levantou foi até eles e arrancou a roupa das mãos de ambos. Pediu para a coordenadora do abrigo levar embora a outra criança, colocou André perto dela. Ele pediu colo, mas ela disse se recusou e lhe deu um leve empurrão. André ficou olhando para sua mãe, sorriu e depois saiu para o quintal. Nesse mesmo dia, André foi trazido por uma das adolescentes que ajudava na cozinha, disse que ele estava lá e estava atrapalhando. Ele se jogou no chão e começou a chorar. Adriana olhava para o filho, mas não tinha nenhuma reação. Olhava para mim com uma expressão de cansaço, desgastada pela situação. Passado alguns minutos, Adriana pegou o filho no colo. Disse que ele estava um pouco doente, com gripe e, por isso, estava daquele jeito. Contou que ele não a tem deixado dormir, que vai até sua cama à noite e lhe chama, mas que ela está cansada e falou para ele não ir mais chamá-la. Adriana tentou aconchegar o filho no colo para ele parar de chorar, mas ele parecia incomodado, fazia um pouco de manha e se debatia no colo da mãe. Dificilmente ela o pegava no colo, mas nos momentos em que isto acontecia era em resposta a alguma demanda funcional, ou seja, subir com ele para o quarto, tirá-lo de algum lugar onde ele não poderia estar. Nesses momentos, ele grudava no corpo da mãe, passando suas pernas em volta da cintura desta.

A relação de Adriana com o filho não revelava prazer e, muitas vezes, se apresentava de maneira mecânica. Ela estava sendo cobrada pela equipe técnica do abrigo a ensinar André a usar o pinico e pedir quando queria fazer suas necessidades, pois usava fralda todo o tempo. As limitações que André apresentava, pareciam frustrar Adriana e afastá-la ainda mais do filho. Ao mesmo tempo, ela sabia que precisava estar perto do filho e que este se apresentava

ainda bastante dependente dela. No segundo encontro, Adriana pegou um pinico e ficou mostrando ao filho dizendo a ele que aquele era o local onde ele deveria fazer suas necessidades. Perguntei se ele estava aprendendo e ela fez um sinal com a cabeça, dizendo que "não". Colocou-o sentado ao seu lado e chamou-o carinhosamente de "mo" (abreviando a palavra "amor"), mas logo ele levantou e voltou a perambular pelo abrigo. Momentos depois, ao se aproximar de Adriana, esta percebeu que André havia evacuado e estava sem fralda. Subimos para o banheiro, ela apanhou o sabonete de André e levou-o para o chuveiro. Tirou a roupa de baixo, calça e cueca, e fez sua higiene. Enquanto lavava André falava pra ele: "*Não é aqui que faz coco*!" Ele cantarolava enquanto tomava banho e ao tirá-lo do chuveiro ela alertou o filho para ter cuidado e não escorregar. O contato físico e a maneira como realiza os cuidados básicos (*handling*) não revelavam espontaneidade, nem remetiam a um momento de troca, apenas ao cumprimento de uma rotina necessária.

Adriana buscava diferenciar-se da referência que tinha de sua vida familiar, onde foi vítima de maus tratos, violência física, sexual e negligência. No entanto, sua relação com André apresentava características de violência psicológica, ignorando as necessidades e os sentimentos do filho em detrimento de suas próprias necessidades e desejos. Enquanto colocava a roupa em seu filho, Adriana falou: *"Eu sou agressiva com ele".* Eu perguntei o porquê e ela disse que era porque às vezes descontava a raiva nele. Parecia até reconhecer que não era certo ter essa atitude com o filho, ao mesmo tempo em que demonstrava não conseguir agir de forma diferente, legitimando seus atos ao contar para as outras pessoas. Ela parecia pedir ajuda ao falar sobre essa situação, mostrando que estava fora do seu alcance controlar-se e, ainda, cuidar de outra pessoa. No terceiro encontro ela falou que às vezes ama seu filho, mas também já pensou em jogá-lo pela escada muitas vezes (sic).

Houve também os momentos em que ela dispensou cuidados ao filho de maneira adequada; não presenciei cenas de repreensão por André não ter conseguido avisar a tempo que precisava ir ao banheiro, por exemplo.

No entanto, a experiência que teve com sua mãe e o sentimento de frustração fruto desta e de outras relações, eram mais intensos e se repetiam durante nossos encontros e na relação com o filho. No quinto encontro, André veio chamando por Adriana do corredor e, como ela mesma pontuou, chamava-a pelo nome e não de "mãe". Ele queria que ela o ajudasse a abrir um pacote de doce. Ela abriu e começou a comer o bolo, deixando André a esperar. Ele começou a reclamar e quando estava começando a chorar ela lhe deu metade do doce. Este é um exemplo bastante rude e concreto da reprodução da violência a qual Adriana foi e ainda é submetida, pois quando fala sobre a figura materna, fala de sua frustração e as lembranças de

ser usada como objeto para satisfação do desejo do outro. Azevedo e Guerra (2007) afirmam que a "vitimização é uma forma de aprisionar a *vontade* e o *desejo* da criança, de submetê-la, portanto ao poder do adulto, a fim de coagi-lo a satisfazer seus interesses, as expectativas ou as paixões deste" (p. 35).

Em nosso último encontro perguntei como estava sua relação com André. Ela disse que estava mais ou menos. Adriana estava visivelmente distante do filho. Disse que não estava cuidado dele direito, sabia que ele precisava de sua ajuda para escovar os dentes, mas ela não o fazia. Afirmou que antigamente sentia-se culpada por não cuidar bem do filho, mas que naquele momento não se incomoda mais. Segundo ela, tinha muitas outras coisas para fazer, como lavar roupa, ajudar na arrumação da casa, ir para escola. Estava cansada e estava gostando de dormir mais do que antes. Cada vez mais ela demonstra estar "abrindo mão" de seu papel materno e menos apta a dispensar cuidados ao outro, voltando toda sua energia para si mesma. Não deixava de ser uma referência, mas o *holding* oferecido não atendia a todas as demandas de André, que visivelmente estava sendo negligenciado e tendo seu processo de desenvolvimento comprometido.

Adriana pediu o abrigamento do filho em outra Instituição após o término dos encontros. Ela enfatizava a necessidade de ter mais espaço para si, a necessidade de se organizar para depois buscá-lo. Não tinha a intenção de abrir mão do poder familiar, mas também não conseguia mais sustentar a função de mãe; ela mesma ainda necessitava ser sustentada.

Caso 2 - Izabela e Helena

Quando Helena estava com 3 meses, Izabela tentou voltar para casa da mãe, mas a convivência era insuportável e a experiência durou apenas dois meses. Ela foi para uma pensão, mas não levou a filha, permanecendo separada da mesma por mais ou menos seis meses. Decidiu, então, buscar Helena na casa de sua mãe e procurar outro lugar para ela e a filha morarem. Voltaram a viver em um abrigo para crianças e adolescentes em situação de risco, sendo transferida depois de alguns meses para o Lar em que vivem hoje.

Helena é uma criança brava. Quase não se relacionava com as outras pessoas do abrigo, recusava carinho. Olhava brava quando tentávamos nos aproximar, virava o rosto e fala: "nã, nã." Só aceitava o contato da mãe. Izabela quase sempre falava de maneira brava com Helena, dizia que ela tinha que aprender a obedecer. Nos cinco encontros em que tive com a dupla presenciei cenas onde o afeto esteve presente, mas de uma maneira muitas vezes incômoda.

Izabela costumava dar tapas em sua filha durante os poucos momentos em que brincava com a mesma, não deixavam marcas visíveis no corpo, mas também não eram desprovidos de força.

Helena parecia estar acostumada com esse padrão e reconhecia tais gestos como forma de agrado, pois ria quando a mãe lhe dava tapas. Houve também outras formas de contato físico, como cócegas, mas as mãos de Izabela possuíam certo peso; quero dizer que mesmo quando ela agradava sua filha seu toque era abrutalhado. Izabela comentou em um dos encontros que praticamente todos os dias ela recebia reclamação das educadoras da creche, porque Helena mordia e batia muito nas outras crianças. Assim também era com as demais crianças do abrigo.

Retomando Safra (2005), este nos ensina que:

> As formas estéticas têm sua origem nas configurações do corpo da criança em contato com o corpo da mãe. Este se organiza segundo o que a mãe percebe em seu bebê. Este processo permite que a criança habite um corpo, que foi significado pela presença afetiva do outro. Desta forma, tocar uma parte de seu corpo é re-encontrar a experiência afetivo-existencial vivida com a mãe ou seu substituto, é ter acesso a um repertório imaginativo através do qual o psíquico vive no corpo. (p. 49)

A relação de Izabela com sua filha revelava a experiência dela própria, na maneira como foi constituída sua referência no que se refere a dar e receber afeto. É por meio de seu toque abrutalhado e violento que demonstrava carinho à filha. Carregava Helena no colo para cima e para baixo como se fosse um “saco de batatas”. Izabela tinha dificuldade de confiar nas pessoas, afirmava que não possuía amigos, revelava muito medo no contato, mas não deixava de mostrar a falta que sentia de receber carinho e ter pessoas próximas, embora não soubesse como fazê-lo.

Da mesma forma que era negligente consigo no cuidado com o corpo, era com a filha. Muitas vezes cheguei no abrigo e, apesar da baixa temperatura, Helena estava com os pés no chão e sem agasalho. Izabela, também, muitas vezes estava com os pés sujos, o cabelo completamente desarrumado. Tais fatos revelavam determinados tipos de experiências estéticas, como a negligência e a violência; uma violência que é constitutiva também na história de Helena.

Mesmo com a pouca idade, Helena já revelava sua estratégia de sobrevivência; com seus “nãos” ou com sua expressão brava, ela se protegia de novas intrusões. Nos dois primeiros encontros, Helena não deixou eu me aproximar dela, recusando qualquer tipo carinho. Em todas as tentativas feitas ela me olhava brava e falava “*não*”. Também não demonstrou afeto a outras pessoas ou crianças. Era uma criança resistente e que se defendia do contato com o

outro. No terceiro encontro consegui arrancar alguns sorrisos e interagir com ela. Aproximei-me de Helena e, em princípio, ela me olhou desconfiada. Escondi-me atrás de uma coluna e depois de alguns segundos apareci para ela. Helena começou a gostar da brincadeira e passou a me procurar com o olhar cada vez que eu me escondia; dava risada cada vez que eu aparecia. Aceitou vir para meu colo no final desse encontro. No entanto, nos dois últimos encontros ela negou o contato físico novamente, mostrando seu incomodo a qualquer tentativa de aproximação. Ela esfregava uma mão na outra, abaixava a cabeça e se retraía.

Helena ficou afastada de sua mãe por seis meses e, ainda que recebesse suas visitas, teve sua relação abalada pela distância real, teve ameaçada sua experiência de continuidade, definida por Winnicott (1960a/1990a) como uma experiência que está na base da formação da personalidade do indivíduo por seu caráter de sustentação e segurança, pela importância da referência de tempo e espaço, organizadores das experiências constituintes do *self*. Assim como sua mãe, ela revelava em determinados momentos sua carência, com um sorriso doce, mas logo precisava fechar novamente o canal que dava acesso a essas emoções, pois estas estavam submersas em angústia e sofrimento.

Era uma criança muito observadora e expressiva. Helena acolhia a mãe em alguns momentos e tentava lhe consolar. Em nosso primeiro encontro Izabela se emocionou enquanto conversávamos e começou a chorar. Helena se aproximou e olhou para a mãe, enxugou suas lágrimas e com sua pequena mãozinha subiu em seu colo, ofereceu sua chupeta para a mãe. Izabela falou *"a mamãe não quer a chupeta*". Helena desceu de seu colo choramingando e foi até a porta. Captou a tristeza da mãe, estava desolada, olhava para o quintal através da porta de vidro. Helena era uma criança sensível e empática. Izabela reconheceu e apontou essa característica da filha quando lhe perguntei sobre as qualidades de Helena. Ela disse que a filha a consolava quando ela ficava triste e que era muito legal quando ela queria brincar. Apontou seu jeito "marrudo" como característica que elas tinham em comum.

No terceiro encontro, Izabela levou a filha até o quarto para trocar sua roupa. Helena começou a brincar com a mãe, jogando-se na cama, espreguiçando, fazendo graça. Izabela correspondeu à brincadeira e as duas deram muita risada. Izabela fazia cócegas na filha, que se jogava para traz. Helena deu pequenas mordidas no braço da mãe e Izabela falou para ela não mordê-la, mas dessa vez não usou o tom agressivo, como costuma fazer ao falar com a filha. Helena começou a brincar de esconder o calçado de sua mãe; Izabela entrou na brincadeira e procurava pelo tênis. Foi um momento de carinho e diversão, difícil de esquecer diante de momentos tão tensos vividos na relação mãe e filha. Ver Helena brincando, sorrindo, agora sim como uma criança de 1 ano de idade.

Helena estava tendo que lidar com o fato de que, em sua experiência, o contato corporal que revelava afeto continha um grau elevado de força física. O caminho encontrado por Helena para demonstrar seu amor à mãe, na situação narrada anteriormente, demonstra a associação que ela faz entre prazer e agressividade. Durante os encontros, ela foi ao chão mais de uma vez, batendo com a cabeça, quando sua mãe a largou repentinamente, após puxar-lhe para lhe dar um beijo. As experiências vividas corporalmente, como já foram mencionadas anteriormente, irão compor o psiquismo e a maneira individual de estar no mundo e interagir com os objetos deste. Ainda que as crianças briguem e se machuquem nas creches, Helena parecia estar demonstrando de alguma maneira que para ela a violência no contato físico já era algo comum e banal, uma vez que dificilmente era vista em contato com as outras crianças sem que estivesse brigando.

A violência física tem sido usada de forma corriqueira nas relações, da mesma forma que Izabela usava na relação com sua filha. São marcas construídas pouco a pouco que ganham representação psíquica. A experiência de violência física, assim como todos os tipos de violência são, antes de tudo, experiências de humilhação e aniquilamento. O indivíduo traz em seu corpo essa marca, esse registro. A ambivalência nas atitudes de Izabela, que ao brincar com a filha lhe confere tapas ou ao beijá-la derruba-a no chão, revelava a cisão em seu mundo interno causada pelo sofrimento.

O sofrimento, a dor, fecha o indivíduo nele mesmo e impossibilita cada vez mais que o outro possa se aproximar, qualquer contato vira ameaça e, aos poucos, vê-se a falência do social na vida das pessoas. Ao falar sobre o narcisismo na sociedade atual, Costa (2003) afirma que o narcisismo “pode ser visto não apenas como amor à própria imagem, dentro da dinâmica do prazer-desprazer, mas como um movimento regenerativo, defensivo, em face à violência, através de mecanismos baseados na experiência ou modelo da dor” (p.235).

No caso de Izabela e Helena não se pode afirmar que não havia a presença de afeto na relação estabelecida entre mãe e filha, e ainda, que esta relação não estivesse possibilitando à Helena se constituir, formar uma unidade. Quando não conseguia ver onde estava sua mãe, Helena chorava e parecia ficar sem chão. Entretanto, a qualidade da relação, o tipo de vínculo estabelecido chamava a atenção, principalmente pela maneira como Helena se apresentava, por sua dureza e esquiva no contato. Este comportamento revelava sua falta de confiança no meio e a instabilidade na relação com a figura materna, que embora não fosse desprovida de afeto, não lhe oferecia segurança.

Caso 3 - Bia e Gabriel

No contato com o filho, Bia demonstrava uma relação de bastante prazer. A troca de olhares entre mãe e filho era uma característica marcante dessa relação. Bia olhava para o filho enquanto o segurava, enquanto o amamentava. Em muitos momentos, durante os cinco encontros, revelou-se uma relação de intimidade e troca genuína.

Enquanto Gabriel dormia nos braços da mãe, esta lhe acarinhava e ficava analisando o filho. Abria sua boca para ver os dentes que estavam nascendo, pegava nos pés, passava a mão na cabeça.

Em vários encontros Bia revelou ter seu afeto e sua libido investidos na relação com o filho. Ela fazia questão de enfatizar as conquistas de Gabriel, contando que ele já conseguia ficar em pé e manter o equilíbrio sozinho e até mesmo dar alguns passos. Chamou um dos educadores que passava pela sala para que ele visse Gabriel em um desses momentos (4º encontro). Em um de nossos encontros, Gabriel, que estava entusiasmado com as conquistas motoras que vinham acontecendo, explorava o ambiente com a ajuda da mãe. Sobre a cama, brincava com seu equilíbrio erguendo-se sozinho ou com a ajuda da mãe, permanecia em pé sem apoio por alguns segundos. Dava gargalhada com a brincadeira e Bia mostrava-se orgulhosa do filho.

Amamentar o filho tinha um significado especial para ela. Gabriel mamava vorazmente e Bia ficava visivelmente satisfeita com o prazer que só ela podia proporcionar ao filho. Algumas vezes brincava com a situação e dava a entender que ia dar o peito, mas não dava. Outras vezes, tirava o peito para fora de blusa e perguntava para o filho se ele queria mamar. Geralmente, ela determinava quanto tempo o filho mamava, interrompendo na hora em que ela quisesse. Gabriel era bastante ativo na brincadeira e, às vezes, assumia a posição de "poder", puxando o peito para fora da blusa de sua mãe, fazendo birra quando queria o peito e ela não dava.

Ao falar sobre a amamentação, Winnicott (1969/2006) afirma que a sobrevivência do objeto é o fator fundamental dessa experiência, além do fato de não haver retaliações nos momentos críticos, o que auxilia o bebê a lidar com suas fantasias destrutivas. Tal experiência, como já foi citado anteriormente, é de estrema relevância para o desenvolvimento emocional e a integração do *self*. Outro aspecto importante, considerado por Winnicott (1949/1982) no processo de amadurecimento, é a experiência do desmame. O autor afirma que o desmame ocorre sem maiores problemas quando a experiência da amamentação foi vivenciada de forma satisfatória. Ainda assim, momentos de tristeza poderão estar

presentes, o que não é necessariamente ruim, basta a mãe saber esperar e suportar tanto a raiva quanto a tristeza de seu filho. Sem colocar uma idade ideal para que o desmame ocorra, Winnicott aponta que, por volta dos nove meses, o bebê começa ele próprio a se desfazer de algumas coisas, tendo, portanto, condições de passar por essa experiência nesse período da vida.

Em uma das vezes que compareci ao abrigo para realizar a visita à Bia e Gabriel, fui informada que mãe e filho estavam no quarto. O educador perguntou se eu queria ir até lá para falar com ela. Eu subi e encontrei-a em meio a um sono profundo. Gabriel estava deitado na cama com ela, agarrado em seu peito, apesar de estar dormindo também. A necessidade de ficar agarrado à mãe e a maneira como Gabriel agarrava o peito, remetiam a uma necessidade maior de segurança. Quero dizer que muitas vezes Gabriel precisava estar "grudado" à mãe para senti-la, ainda de uma maneira bastante concreta.

Cabe aqui retomar o valor da ilusão na teoria winnicotiana, que aponta a experiência de onipotência como uma das mais importantes no início da vida. Winnicott (1945/1990b) diz:

> É possível dizer que aos poucos o bebê se torna capaz de alucinar o mamilo no momento em que a mãe está pronta para oferecê-lo. As memórias são construídas a partir das inúmeras impressões sensoriais, associadas à atividade da amamentação a ao encontro do objeto. No decorrer do tempo surge um estado no qual o bebê sente confiança em que o objeto do desejo pode ser encontrado, e isto significa que o bebê gradualmente passa a tolerar a ausência do objeto. Desta forma inicia-se no bebê a concepção de realidade externa... Através da magia do desejo, podemos dizer que o bebê tem a ilusão de possuir uma força criativa mágica, e a onipotência existe como um fato, através da sensível adaptação da mãe. (p. 126)

As interações entre Bia e Gabriel revelavam que os momentos de amamentação eram investidos de múltiplos significados tanto para mãe como para filho. Em alguns momentos Bia se apresentou ambivalente e instável. Gostava de exercer o poder que tinha sobre Gabriel, brincando com a situação de dependência do mesmo. Nesse momento seu cuidado não remetia ao *holding* materno e expunha Gabriel a situações confusas, ambíguas. Ele reagia de forma tirana, tentando obter algum controle sobre a situação. Em nosso quinto encontro, Bia foi buscar o filho que estava chorando, irritado. Ela colocou-o no peito e, como habitualmente, Gabriel mamou vorazmente. Ele brincou com seio, esfregando seu rosto no mesmo, afastando o rosto e atirando-se novamente em sua direção. Bia ria e também brincava. Fingiu que ia tirar o peito: "*Pronto, chega*!" No entanto, assim que o filho começava a esboçar um choro, ela o colocava para mamar novamente.

O significado que Bia parecia atribuir ao momento da amamentação relacionava-se a sua função de mãe, ou seja, a sensações que só ela poderia dividir com seu filho e a uma

experiência única da dupla. A busca por outras formas de interações que assegurassem, tanto a ela quanto ao filho, a cumplicidade entre a dupla e seu papel de mãe, era uma das descobertas que Bia deveria realizar na experiência da maternidade.

Em um de nossos encontros, perguntei se ela já havia batido em Gabriel e ela disse que já deu *"uns tapinhas em sua fralda*", mas nunca bateu nele de verdade. Ela diz que, dentro do abrigo, é a menina mais paciente com o filho. Realmente, durante os encontros, Bia soube ser tolerante com certas atitudes do filho e explicava a ele que determinadas coisas ele não podia fazer, colocando alguns limites sem brigar. Às vezes, ela se irritava com as birras de Gabriel e falava: *"Ai, que moleque chato*!" No entanto, pouco tempo depois já estava rindo de alguma coisa que o filho fazia.

Algumas habilidades no contato com o outro ainda estavam se desenvolvendo e, durante o período em que as visitas foram realizadas, Gabriel apresentou um quadro de pneumonia, cujos sinais foram identificados por um dos educadores. Bia não soube interpretar a febre e os longos períodos em que Gabriel dormia, sem se alimentar, como um sinal de que algo não estava bem. Ela disse que não sabia que ele estava com febre.

Quando o segurava, ela procurava ajeitá-lo em seu colo, embora não o fizesse com muita delicadeza. Os cuidados com o filho, muitas vezes, foram realizados de forma funcional, por exemplo, na hora do banho ou da alimentação. Bia mostra-se segura ao realizar tais atividades, mas as desempenhava quase sempre de forma mecânica. Demonstrava certa inabilidade com algumas sutilezas que o trato com um bebê requer, falando com Gabriel usando sempre o mesmo tom, sem modificar sua forma de falar quando conversava com ele.

Gabriel é sorridente, comunicativo, mas ressabiado com quem não conhece; fica com uma expressão fechada até que reconheça quem está falando com ele. Gabriel demonstra suas preferências e escolhe com quer se relacionar, demonstrando ter maior afinidade com um funcionário do que com outro. Entendo esse comportamento como uma demonstração de que algum grau de integração já foi alcançado e ele já possui uma força interna que o auxilia em sua própria defesa quando se sente ameaçado. O que quer dizer que, apesar das dificuldades, Bia tem tido êxito em sua função.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade do indivíduo de “sustentação” (*holding*) se estende ao longo de sua vida, embora varie quanto ao seu grau de dependência e pela maneira como se apresenta. O envolvimento afetivo dos pais ou alguém que substitua essa função, a empatia, a reciprocidade e a segurança são condições indispensáveis para que o ser humano se desenvolva e sinta-se compromissado com seus semelhantes. Adriana, Izabela e Bia, sujeitos desta pesquisa, representam uma pequena amostra de um grande grupo de pessoas que buscam por meio de uma relação de afeto genuíno restabelecer a confiança no meio e em seus semelhantes.

Pudemos constatar que a experiência da maternidade nesses três casos foi a alavanca para que elas revissem valores, atitudes, sonhos. Essas meninas fazem parte de uma população que não está inserida em um ambiente familiar seguro, não possuem acesso a uma educação de qualidade, não viram seus pais serem bem sucedidos profissionalmente e vivem um dia após o outro, sem muitos planos, tamanha a dificuldade em projetar para si um futuro promissor. Ou seja, caracterizam uma parcela significativa da população em que estes elementos básicos não estão presentes. Pensar no significado da gravidez na fase da adolescência para elas, não é pensar de maneira genérica na gravidez na adolescência. Ainda que a gravidez na adolescência aconteça em todas as classes sociais e, desta forma, não é este um acontecimento restrito às meninas das classes sociais mais baixas, essa experiência possui um significado distinto para quem passa por tantas privações, inclusive as de ser considerado e tratado como um cidadão e ter um papel social. É a experiência da maternidade que permite a estas meninas mães que elas tornem-se visíveis ao mundo por meio de uma função nova e extremamente significativa, o papel de ser mãe; é também a oportunidade de tornarem-se pessoas melhores, um motivo novo para buscar o que cada uma possui de mais verdadeiro e humano. No entanto, essa não é uma tarefa simples para quem sofreu tantas violências ao longo de sua trajetória.

A aproximação com essas três histórias e realidades nos coloca diante de uma questão que considero de extrema relevância quando contempla-se o desenvolvimento humano: quais são as consequências para a humanidade de criarmos pessoas que diariamente são submetidas à situações de violência e que possuem seus direitos mais básicos violados constantemente?

Para tentar abordar essa questão, retomarei as perguntas iniciais que motivaram essa pesquisa: como essas “meninas mães”, que tiveram diversas experiências de violência em

suas trajetórias, exercem a maternidade? Será que elas estão aptas a oferecer um cuidado suficientemente bom para seus filhos, acolhendo suas angústias e suprindo suas necessidades tanto físicas quanto emocionais?

A assistência às jovens mães representa um cuidado importante para que possam assumir a maternidade e conquistar a confiança em si e em suas habilidades. Assisti-las quer dizer apoiá-las e oferecer sustentação para suas angústias, medos e dúvidas. A capacidade para se vincular com seu filho e cuidar adequadamente deste não deve ser algo colocado previamente em dúvida. Isto em muitas situações acaba por gerar preconceito e aumentar o estigma de que elas não possuem capacidade para se responsabilizar por uma criança. Esse é um olhar que contribui para uma postura passiva, submissa e marginal.

No decorrer desse trabalho, a importância das experiências iniciais e da relação mãe-filho foi abordada de maneira significativa e revelou seu papel fundador para o desenvolvimento do psiquismo humano. Em toda sua obra, Winnicott enfatiza como a relação mãe-filho é relevante para o e amadurecimento emocional e a conquista de uma personalidade saudável. Todo o processo pelo qual, por meio do cuidado materno suficientemente bom, o bebê transforma suas experiências corporais em representantes mentais organizados. A maneira como a mãe auxilia o diálogo entre o mundo interno e o mundo externo, possibilitando ao bebê que ele se reconheça, se integre, se relacione com o mundo de forma criativa (Winnicott, 1971/1975). O desenvolvimento de um senso moral, humanizado, baseado em um sentimento de culpa e preocupação com o outro, fruto de uma relação estável, contínua e amorosa entre a mãe e o bebê (Winnicott, 1963b/1990a).

Nos três casos apresentados encontramos dificuldades expressivas das mães para se colocarem como fontes de segurança e estabilidade para seus filhos. Mas, em nenhum deles, o amor estava ausente ou, ainda, a mãe apresentava-se descomprometida com seu filho. Havia uma tentativa de ser uma referência e não repetir experiências que elas consideravam ruins, embora muitas vezes essas vivências fossem reproduzidas. Entendo que para Adriana, Izabela e Bia, que estavam em um momento de total desestabilidade, fora de casa e longe de suas raízes, oferecerem experiências estáveis, talvez fosse complicado; não impossível, mas no mínimo um desafio. Tinham parcialmente o suporte do abrigo, mas, não encontrar nesse momento o suporte familiar ou de alguém significativo em suas vidas, torna a missão ainda mais difícil.

Adriana verbalizou várias vezes que queria ser diferente de sua mãe. Disse que ao engravidar imaginou que teria finalmente uma família, mas estava descobrindo que um filho por si só não podia lhe dar um lar, garantir a estabilidade desejada ou, ainda, garantir que a

partir de então se sentiria amada. Ela fez algumas tentativas de retornar à casa dos pais e, acredito que tinha esperança de encontrar pais diferentes, talvez uma mãe saudável e acolhedora, um pai protetor. Mas sempre se frustrava com a realidade e novamente saía em busca... Ela revelou ter tido algumas experiências de cuidado e continuidade, o mínimo para que pudesse integrar partes de seu *self* e não tornar-se psicótica. No entanto, desde o início, outras experiências já estavam embutidas nesse cuidado: a negligência e a falta.

Não só na história de Adriana, mas também nas histórias de Izabela e Bia, é possível reconhecer a ausência de simbolização e de significação nos acontecimentos e nas relações com as pessoas mais próximas: mãe, pai, irmãos. As relações familiares são, em sua maioria, caracterizadas pelo vazio (Green, 2003). Há imensos buracos nas histórias dessas meninas, pessoas e relações que acabam se transformando em verdadeiros "fantasmas".

Izabela quase não conseguiu falar sobre sua família, tamanho sofrimento que essas relações causavam. A imensa fenda deixada pela ausência de afeto e cuidado se refletia em suas reações agressivas. A marca familiar impregnada em Izabela trazia a experiência da dor. Relembrando André-Fustier e Aubertel (1998), quando falo sobre tais marcas, refiro-me aos "legados" transmitidos através das gerações, sofrimentos que se atualizam a cada novo abandono, que não são simbolizados e metabolizados psiquicamente.

Winnicott (1958b/2000) nos ensinou que a deprivação afetiva acarreta a perda de confiança no ambiente e provoca comportamentos que compelem o meio a restituir os limites, as referências. Nos casos de Adriana e Izabela esse sentimento de perda, de vazio, veio sendo transmitido como herança, pois o universo psíquico foi constituído a partir dessas experiências. A hipótese que levanto é a de que as gerações anteriores também tiveram experiências de um ambiente pouco continente e seguro, instável, o que faz com que repetidamente as pessoas busquem restaurar a confiança no outro, busquem "terra firme" para se enraizar. Testar os limites faz parte do processo de amadurecimento emocional, portanto não me refiro a esse processo, onde a criança ou o adolescente precisam repetidamente verificar a confiabilidade do meio. Menciono aqui aspectos inconscientes e fundadores do psiquismo, que moldam o processo de subjetivação e, dessa maneira, revelam um mundo onde o perigo está em se vincular ao outro e confiar; o medo de se "entregar" e sofrer. Um mundo onde amar é sinônimo de perigo e o outro é sinônimo de ameaça.

Acredito que algumas famílias sofram com tais legados e, por isso, os abrigos estão sempre lotados de crianças e adolescentes. A separação não traz sofrimento apenas para quem é afastado do lar, mas também para família, que se depara novamente com suas tramas impensáveis, seus fantasmas.

A experiência de Bia, ainda que tenha muitas similaridades com as histórias de Adriana e Izabela, revelou um cuidado materno mais presente, afetos positivos mais consistentes na relação inicial com a mãe, embora na época dos encontros a relação estivesse bastante abalada. Essa experiência positiva, que ela guardava em seu repertório, se mostrava e se atualizava na relação com Gabriel, no investimento afetivo realizado por ela e na intimidade que ela e o filho demonstravam. Ela também se mostrava vulnerável e, muitas vezes, ambivalente, mas a qualidade de sua relação com Gabriel e a proximidade com este era significativamente diferente. Ela e suas irmãs lutavam contra a desintegração familiar e, embora não tivessem mais a mãe como figura de apoio e segurança, cuidavam umas das outras, o que mantinha em parte uma unidade familiar e não as deixavam sentirem-se "à deriva".

No que se refere as semelhanças com as histórias e Adriana e Izabela, Bia também buscava anteparos para conter suas angústias e ajuda para continuar seu processo de amadurecimento, pois perdeu a estabilidade e a segurança que tinha com a mãe, como ela descreveu. As muitas "fugas" de Bia demonstravam sua tentativa de obter algum controle sobre sua vida, mesmo que de uma forma distorcida. Ela fugiu do abrigo após nossos encontros, mas, segundo ela, voltou por causa de Gabriel, que chorava muito na rua. O filho era razão encontrada para procurar outros caminhos que a levassem para algum lugar diferente daquele que ela conhecia. Mas, Bia ainda não sabia nem que lugar era esse e nem como chegar; ainda teria que descobrir; enquanto isso atuava.

Cuidar de André tornou-se uma tarefa difícil para Adriana. Ela pediu o abrigamento do filho em outra Instituição para conseguir se organizar e depois buscá-lo. Com isso, tornou explicita algumas limitações, seu cansaço, o peso que para ela era se responsabilizar sozinha por outra pessoa. Isto não quer dizer que não o amava, mas que, naquele momento, não tinha condições de se dedicar ao filho, como menciona Winnicott (1966/2006) ao falar das funções maternas. Diante de tantas necessidades que ela mesma ainda apresentava, ser um continente para o outro realmente não estava ao seu alcance.

Izabela precisava de sua filha. Em alguns momentos as posições se invertiam e Helena parecia ser mais empática à mãe do que Izabela podia ser com a filha. A brutalidade no toque revelava a carência da experiência de um cuidado adequado e afetuoso. A maneira como dor e carinho se misturavam era muitas vezes chocante. Dor é sempre dor; traz sofrimento. Quando essa via passa a ser a forma encontrada para encontrar algum tipo de reconhecimento ou prazer, significa que a violência já fez estragos e distorções no *self*.

Tanto a violência estrutural, aquela que aparece de maneira “naturalizada” e envolve os aspectos histórico-econômicos e sociais (Minayo, 2002), quanto as outras formas de violência (física, psicológica, sexual e a negligência) interferem no desenvolvimento do processo de subjetivação, do ser humano, que passa a ter que viver concretamente, no corpo e nas atitudes, suas angústias, medos, prazeres. O sentimento de confiança não se estabelece e o indivíduo organiza seu EU de forma insegura, o que torna seu viver de forma criativa um desafio.

A violência impede que o Homem torne-se um ser humanizado. O sentimento de entrega que existe na relação mãe-filho se torna um desafio diante da falta de sustentação do ambiente e da insegurança interna do indivíduo. De uma geração a outra, o sentimento de insegurança é transmitido, assim como, a necessidade de “provocar o ambiente” para saber se é possível confiar nele ou não. O que não se pode esquecer é que essa situação revela um pedido de ajuda e, desde que seja percebida e transformada a tempo, representa um sinal de esperança (Winnicott, 1968/2005). Adriana, Izabela e Bia ainda possuem esperança, assim como tantas outras pessoas que estão a espera de um encontro genuíno com o outro, com alguém que se torne significativo em suas vidas. De nossa parte, profissionais e cidadãos, espero que não percamos a oportunidade de auxiliar as pessoas em seu processo de amadurecimento, na reconstrução de suas histórias e no encontro com sua humanidade.

REFERÊNCIAS

Aiello-Vaisberg, T.M.J., Machado, M.C.L. & Ambrósio, F.F. (2003). A alma, o olho e a mão: Estratégias metodológicas de pesquisa na psicologia clínica social winnicottiana. In T.M.J. Aiello-Vaisberg (Org.). *Cadernos Ser e Fazer: Trajetos do Sofrimento: rupturas e (re) criações de sentido.* São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo, 6-16.

Aiello-Vaisberg, T.M.J. & Machado, M.C.L. (2005). Narrativas: O gesto do sonhador brincante. Recuperado em 12 de maio de 2010 de http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Tania_Maria_Jose_Aiello_Vaisberg_e_Maria_Christina_Lousada_Machado.pdf

André-Fustier, F. & Aubertel, F. (1998). A transmissão psíquica familiar pelo sofrimento. In A. Eiguer, et al, A Transmissão do Psiquismo entre Gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica. São Paulo: Unimarco Editora.

Arendt, H. (2003). A condição humana. (10ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitari.

Ariès, P. (2006). História social da criança e da família. (D. Flaksman, trad.). (2a ed.). Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1975)

Azevedo, M. A. (2004). Pesquisa Qualitativa e Violência Doméstica contra crianças e adolescentes (VDCA): por que, como e para que investigar testemunhos de sobreviventes. Recuperado em 13 de dezembro, 2009, de www.ip.usp.br/laboratorios/lacri/VDCA.doc.

Azevedo, M. A. (2009). Notas para uma teoria crítica da violência familiar contra crianças e adolescentes. In M. A. Azevedo & V. N. Guerra (Orgs.), Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento. (5ª ed.). São Paulo: Cortez.

Azevedo, M. A. & Guerra, V. N. A. (2007). Vitimação e vitimização: questões conceituais. In M. A. Azevedo & V. N. A. Guerra (Orgs.), Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. (2ª ed. Ampl.). São Paulo: Ed. Iglu.

Badinter, E. (1985). Um amor conquistado: o mito do amor materno (W. Dutra, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bauman, Z. (2001). Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Birman, J. (2000). Mal-estar na atualidade. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Birman, J. (2009). Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Bleger, J. (1984). Psicologia da conduta (E.O. Diehl, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Borges, C. C. & Rocha-Coutinho, M. L. (2008). Família e relações intergeracionais no Brasil hoje: novas configurações, crises, conflitos e ambigüidades. In I. C. Gomes (Coord.), Família. Diagnóstico e abordagens terapêuticas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Bowlby, J. (1997). Formação e rompimento dos laços afetivos (A. Cabral trad.). (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1979)

Bowlby, J. (2002). Apego: a natureza do vínculo (A. Cabral trad.). (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969)

Bowlby, J. (2006). Cuidados Maternos e Saúde Mental (V. L. Souza e I. Rizzini, trad.). (5ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1976)

Brazelton, T. B. (1988). O desenvolvimento do apego: uma família em formação. (D. Batista, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Calil, M. I. (2003). De menino de rua à adolescente: análise sócio-histórica de um processo de ressignificação do sujeito. In O. Ozella (org.), Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-hitórica. São Paulo: Cortez.

Casey, J. (1992). A história da família. São Paulo: Ed. Ática S.A.

Constituição da República Federativa do Brasil. (1988, 5 de outubro). Recuperado em 18 de fevereiro, 2010, de http://www.dji.com.br/constituicao_federal/cf226a230.htm

Correa, O.B.R. (2000). Eclosão dos vínculos genealógicos e transmissão psíquica. In O. B. R. Correa (Org.), Os avatares da transmissão psíquica. São Paulo: Escuta.

Costa, J. F. (2003). Violência e Psicanálise. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Graal.

Cunha, I. (2001). A revolução dos bebês [Versão eletrônica]. Psicanalítica – A revista da SPRJ, 2(1), 102-128.

Cyrulnik, B. (2004). Os patinhos feios (M. Stahel, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Cyrulnik, B. (2005). O murmúrio dos fantasmas (S. Sampaio, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Dadoorian, D. (2003, março). Gravidez na adolescência: um novo olhar. Psicol. cienc. prof. Recuperado em 21 de setembro, 2009, da SciELO (Scientific Eletronic Library On Line): www.scielo.br

Dolto, F. (1984). A gênese do sentimento materno: esclarecimento psicanalítico da função simbólica feminina. In F. Dolto, No jogo do desejo: ensaios clínicos. Rio de Janeiro: Zahar.

Fadiman, J. & Frager, R. (1986). Teorias da personalidade. (C. P. Sampaio, S. Safdié, trads.). São Paulo: HARBRA.

Ferrari, D. A. (2002a). Definição de abuso na infância e na adolescência. In D.C.A. Ferrari & T. C. C. Vecina (Org.), O fim do silêncio na violência familiar. São Paulo: Ed. Ágora.

Ferrari, D. A. (2002b). Visão Histórica da Infância e a questão da violência. In D.C.A. Ferrari & T. C. C. Vecina (Org.), O fim do silêncio na violência familiar. São Paulo: Ed. Ágora.

Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: Uma Introdução. In Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. [CD-ROM] Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (2006). O mal-estar na civilização. In Obras Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). (n.d.). Infância e Adolescência no Brasil. Recuperado em 12 de dezembro, 2009 da http://www.unicef.org/brazil/pt/activities_9381.htm

Furniss, T. (1991). Abuso Sexual da Criança: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artes Médicas.

Gama, S. G. N., Szwarcwald, C. L. & Leal, M. C. (2002, fevereiro). Experiência de gravidez na adolescência, fatores associados e resultados perinatais entre puérperas de baixa renda. Cad. Saúde Pública. Recuperado em 14 de maio, 2009, da SciELO (Scientific Eletronic Library On Line): www.scielo.br

Goldenberg, P., Figueiredo, M. C. T. & Silva, R. S. (2005, agosto) Gravidez na adolescência, pré-natal e resultados perinatais em Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, n. 4, p.1077-1086.

Gomes, I.C., Paiva, M.L. & Castelan, D.F. (2005). A transmissão do negativo na constituição do vínculo conjugal – um caso de violência doméstica. In Outeiral, Hisada, Gabriades & Ferreira (Orgs.), Winnicott:Seminários brasileiros. Rio de Janeiro: Livraria e Editora REVINTER.

Gontijo, D. T. & Medeiros, M. (2008, fevereiro). "Tava morta e revivi": significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. Caderno de Saúde Pública, vol. 24, n 2.

Granato, T. M. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2005, maio). Adolescência e gravidez: um paradoxo sustentável? In Proceedings of the 1th Simpósio Internacional do Adolescente. Recuperado em 08 de maio, 2009, da SciELO (Scientific Eletrocnic Library On line): www.scielo.br

Green, A. (2003). André Green e a Fundação Squiggle (M. Lopes, trad.). São Paulo: Roca.

Heilborn, M. L. (1998). Gravidez na Adolescência: considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social. In E. M. Vieira, M. E. L. Fernandes, P. Bailey, & A. Mckay (orgs.), Seminário Gravidez na Adolescência, Saúde do Adolescente - Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, p. 23-32.

Heilborn, M. L., Salem, T., Rohden F., Brandão, E., Knauth, D., et al (2002, junho). Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. Horizontes antropológicos, vol. 8, no.17, p.13-45.

Klaus, M., Kennell, J. & Klaus, P. (2000). Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência. Porto Alegre: Artes Médicas.

Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. In A. Aberastury & M. Knobel, Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico. (Suzana M. G. Ballve, trad.). Porto Alegre: Artmed.

La-Taille, Y. (n.d.). Moralidade e Violência: a questão da legitimação de atos violentos. Recuperado em 25 de novembro, 2009, da www.simpsodes.pro.br/livro/SIMPSODES_Texto_01_Yves%20de%20La%20Taille.pdf

Laplanche & Pontalis. (2000). Vocabulário de Psicanálise. (P. Tamen, trad.). (3a ed. ampl. e rev.). São Paulo: Martins Fontes.

Lasch, C. (1984). A cultura do narcisismo. Rio de Janeiro: Imago.

Lebovici, S. (2004). Diálogo Letícia Solis-Ponton e Serge Lebovici. In L. Solis-Ponton (Org.), Ser pai, ser mãe parentalidade: um desafio para o terceiro milênio (M. C. P. Silva, trad.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Convenção sobre os direitos da criança.

Lévi-Strauss, C. (2008). As estruturas elementares do parentesco (M. Ferreira, trad.). (4ª ed.). Petrópolis: Ed. Vozes.

Melillo, A. (2007). El desarrollo psicológico del adolescente y la resiliencia. In M. Munist, E. N. S. Ojeda, D. Krauskopf & T. J. Silber (Orgs.), Adolescencia Y Resiliencia. pp. 61-79. Buenos Aires: Paidós.

Mezan, R. (2002). Interfaces da Psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras.

Minayo, M. C. S. (2002). O significado social e para a saúde da violência contra a criança e adolescentes. In M. F. Westphal (Org.), Violência e Criança. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Minayo, M. C. S. (2006). Contextualização do debate sobre violência contra crianças e adolescentes. In C. A. Lima (Coord. et al.), Violência faz mal à saúde. Série B. Textos Básicos de Saúde. Ministério da Saúde: Brasília. pp. 13-16.

Motta, I. F. (2007). Algumas reflexões a respeito do elemento feminino puro [Versão eletrônica]. Revista de Psicologia da UNESP, 6(1), 1-12.

Motta, I.F. & Rosa, J.T. (2008). Violência no relacionamento pais e filhos. In J. T. Rosa & I. F. Motta (Orgs), Violência e sofrimento de crianças e adolescentes: na perspectiva winnicottiana. São Paulo: Idéias &Letras.

Oliveira, N. R. (1999). Perfis de grávidas de mães adolescentes. Estudo psicossocial de mães adolescentes usuárias de um serviço público pré-natal e maternidade. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Organização das Nações Unidas (ONU). (2009). Relatório de Desenvolvimento Humano. Recuperado em 26 de março, 2010 de http://economia.uol.com.br/ultnot/lusa/2009/10/21/ult3679u7924.jhtm.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). (2004). Mapa da violência IV – Os jovens do Brasil. Recuperado em 10 de dezembro, 2009 da http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001351/135104porb.pdf

Osório, L.C. (1989). Adolescente hoje. Porto Alegre: Artes Médicas.

Outeiral, J. (2003). Adolescer: estudos revisados sobre adolescência. (2ª ed. rev. e ampl.). Rio de Janeiro: Revinter

Outeiral, J. (2007, jun). Famílias e Contemporaneidade. [Versão eletrônica]. Jornal de Psicanálise, São Paulo, 40(72): 63-73

Outeiral, J. (2008). O Diabo na rua, no meio do redemoinho ou recortes sobre a maldade. In J. Outeiral, L. Moura, & T. Thomaz, Breve ensaio sobre a maldade. Rio de Janeiro: Revinter.

Paiva, M. L. & Gomes, I. C. (2008). A transmissão da vida familiar. In Gomes, I. C. (Coord.). Família. Diagnóstico e abordagens terapêuticas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Pantoja, A. L. N. (2003). “Ser alguém na vida": uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, Cadernos de Saúde Pública. Belém do Pará, vol.19, p.S335-S343.

Pires, A. L. D. & Miyasaki, M. C. O. S. (2005). Maus-tratos contra crianças e adolescentes: revisão da literatura para profissionais da saúde. Arq Ciênc Saúde, jan-mar;12(1):42-9

Reis, A.O.A. & Monteiro, N.R. (2007, agosto). Sexualidade e procriação na ótica de jovens de periferias sociais e urbanos. Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano. Recuperado em 13 de novembro, 2008, da SciELO (Scientific Eletrocnic Library On line): www.scielo.br

Rosa, M.D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. Revista Mal-Estar e Subjetividade. V. IV, n. 2, pp. 329-348.

Rosa, A.J., Reis, A.O.A. & Tanaka, A.C.A. (2007, abril). Gestações sucessivas na adolescência. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum. Recuperado em 14 de maio, 2009 da SciELO (Scientific Eletrocnic Library On line): www.scielo.br

Sabroza, A. R., Leal, M. C., Souza Jr., P. R. & Gama, S. G. N. (2004). Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do Município do Rio de Janeiro (1999-2001). Cadernos de Saúde Pública, vol.20, p.S130-S137.

Safra, G. (1993). O uso de material clínico na pesquisa psicanalítica. In M. E. L. Silva (Coord.), Investigação e Psicanálise. Campinas, SP: Papirus.

Safra, G. (2005). A face estética do self. (4ª ed.). São Paulo: Unimarco.

Sanches, R. N. & Minayo, M. C. S. (2006). Violência contra crianças e adolescentes: questão histórica, social e de saúde. In C. A. Lima, (Coord. et al.), Violência faz mal à saúde. Série B. Textos Básicos de Saúde. Ministério da Saúde: Brasília. pp. 29-38.

Santos, S. R., & Schor, N. (2003, fev.). Vivências da maternidade na adolescência precoce. Revista de Saúde Pública, vol.37, n. 1, p.15-23. ISSN 0034-8910

Silva, D.V. & Salomão, N.M.R. (2003, abril). A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. In Estudos de Psicologia. Recuperado em 14 maio, 2009, da SciELO (Scientific Eletrocnic Library On line): www.scielo.br

Silva, M.E.L. (1993). Uma aventura: A tese psicanalítica – Entrevista com Fábio Hermann. In M. E. L. Silva (Coord.), Investigação e Psicanálise. Campinas, SP: Papirus.

Spitz, R. A. (2004). O primeiro ano de vida (E.M.B. Rocha, trad.). (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965)

Suzuki, C. M., Ceccon, M. E. J., Falcão, M. C. & Vaz, F. A. C. (2007, dezembro). Análise comparativa da freqüência de prematuridade e baixo peso entre filhos de mães adolescentes e adultas. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum. Recuperado em 14 de maio, 2009, da SciELO (Scientific Eletrocnic Library On line): www.scielo.br

Tardivo, L. S. de la P. C., Junior, A. A. P. & Santos, M. R. (2005, jun.). Avaliação psicológica de crianças vítimas de violência doméstica por meio do teste das fábulas de Düss. Psic. [online], Recuperado em 20 de janeiro, 2010, da http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo

Teixeira, L. C. (2003). Sentido subjetivo da exploração sexual para uma adolescente prostituída. In S. Ozella (Org.), Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez Editora.

Trindade, R. F. C. (2005). Entre o sonho e a realidade: a maternidade na adolescência sob a ótica de um grupo de mulheres da periferia da cidade de Maceió – Alagoas. Tese de Doutorado, Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP.

Turato, E. R. (2003). Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológico, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis, RJ: Vozes.

Uziel, A.P. & Santana, L.S. (2008). Maternidade, Adolescência e Abrigamento: Compondo equações possíveis. Polêmica Revista Eletrônica. Recuperado em 20 de julho de 2010, de http://www.polemica.uerj.br/pol25/artigos/lipis_1.pdf

Violante, M. L. V. (2000). A perversidade da exclusão social. In D. L. Levisky (Org.), Adolescência e Violência: Consequências da realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Winnicott, D.W. (1975). O Brincar e a Realidade (J. O. A. Abreu, V. Nobre, trads.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)

Winnicott, D.W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, O Brincar e a Realidade (J. O. A. Abreu, V. Nobre, trads.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1953)

Winnicott, D.W. (1975). A localização da experiência cultural. In D. W. Winnicott, O Brincar e a Realidade (J. O. A. Abreu, V. Nobre, trads.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967)

Winnicott, D. W. (1982). O desmame. In D. W. Winnicott, A criança e o seu mundo. (6ª ed.). Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1949)

Winnicott, D. W. (1990a). Psicanálise do sentimento de culpa. In D. W. Winnicott, O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. (3ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1958)

Winnicott, D. W. (1990a). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro "self". In D. W. Winnicott, O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. (3ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960a)

Winnicott, D. W. (1990a). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In D. W. Winnicott, O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. (3ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960b)

Winnicott, D. W. (1990a). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In D. W. Winnicott, O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. (3ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963a)

Winnicott, D. W. (1990a). Moral e Educação. In D. W. Winnicott, O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. (3ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963b)

Winnicott, D. W. (1990b). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, Natureza Humana (D. L. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945)

Winnicott, D. W. (1990b). Um estágio primário do ser: os estágios pré-primitivos. In D. W. Winnicott, Natureza Humana (D. L. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988)

Winnicott, D. W. (1995). Alguns aspectos psicológicos da delinqüência juvenil. In D. W. Winnicott, Privação e Delinqüência (A. Cabral, trad.). (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1946)

Winnicott, D. W. (1995). Agressão e suas raízes. In D. W. Winnicott, Privação e Delinqüência (A. Cabral, trad.). (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1957)

Winnicott, D. W. (1995). Raízes da agressão. In D. W. Winnicott, Privação e Delinqüência (A. Cabral, trad.). (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1968)

Winnicott, D. W. (1997). O primeiro ano de vida: concepções modernas do desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott, A família e o desenvolvimento emocional (M. B. Cipolla, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1958)

Winnicott, D. W. (1997). A família e o desenvolvimento emocional (M. B. Cipolla, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965)

Winnicott, D. W. (1997). Família e maturidade emocional. In D. W. Winnicott, A família e o desenvolvimento emocional (M. B. Cipolla, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965b)

Winnicott, D. W. (2000). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott, Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas (D. L. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)

Winnicott, D. W. (2000). A tendência anti-social. In D. W. Winnicott, Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas (D. L. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958a)

Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas (D. L. Bogomoletz, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1958b)

Winnicott, D. W. (2005). O preço de desconsiderar a pesquisa psicanalítica. In D. W. Winnicott, Tudo começa em casa (P. Sandler, trad.). (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965a)

Winnicott, D. W. (2005). A delinquencia como sinal de esperança. In D. W. Winnicott, Tudo começa em casa (P. Sandler, trad.). (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1968)

Winnicott, D. W. (2005). A imaturidade do adolescente. In D. W. Winnicott, Tudo começa em casa (P. Sandler, trad.). (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969)

Winnicott, D. W. (2005). Tipos de psicoterapia. In D. W. Winnicott, Tudo começa em casa (P. Sandler, trad.). (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1984)

Winnicott, D. W. (2005). A criança no grupo familiar. In D. W. Winnicott, Tudo começa em casa (P. Sandler, trad.). (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986)

Winnicott, D. W. (2006). A mãe dedicada comum. In D. W. Winnicott, Os bebês e suas mães (J.L. Camargo, trad.). (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1966)

Winnicott, D. W. (2006). A amamentação como forma de comunicação. In D. W. Winnicott, Os bebês e suas mães (J.L. Camargo, trad.). (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1969)

Yazlle, M. E. H. (2006, agosto). Gravidez na adolescência. Rev. Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, vol.28, n. 8, p.443-445. ISSN 0100-7203

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Kate Delfini Santos, sou psicóloga e gostaria de conhecer melhor como é sua relação com seu filho(a). Para isso vou precisar fazer algumas perguntas, para saber um pouco mais da sua história pessoal, a de sua gravidez e como você tem lidado com o fato de ser mãe. Também vou precisar observar como é sua relação com ele(a), como você brinca com seu filho(a). Gostaria que você se sentisse à vontade para interagir com seu filho(a) da maneira como quiser. Para tanto é importante que você saiba:

1. Que todas as informações serão sigilosamente guardadas;
2. Que você não corre risco algum ao passar essas informações;
3. Sua participação é voluntária;
4. Você pode recusar ou não querer mais participar dessa atividade, em qualquer momento, e isso não vai prejudicar nem a você e nem a seu filho(a). No caso da entrevista, poderá também decidir não responder a qualquer uma das perguntas feitas, sem qualquer prejuízo.
5. Caso você necessite de acompanhamento psicológico este poderá ser realizado na Instituição que a encaminhou para a pesquisa (Projeto Ser Mulher), sendo realizado pela profissional responsável da área de psicologia da mesma.
6. Você terá direito a uma cópia deste termo.

Também me coloco a disposição para o esclarecimento de quaisquer outras dúvidas sobre a pesquisa e seus dados. O contato poderá ser realizado através do telefone: (011) 8555 3442.

Desde já, muito obrigada

_____ _____

Participante

Kate Delfini Santos
Psicóloga - CRP 06/58658-9

ANEXO B - Narrativas

CASO 1

Adriana – 17 anos

André – 3 anos

1º Encontro – 29/07/08

Quando cheguei Adriana estava ajudando na organização da casa e depois foi dar banho e arrumar André, pois nesse dia haveria uma visita importante no abrigo. Esperei alguns minutos na sala da coordenação, local onde começamos a entrevista.

Adriana chegou e se apresentou. Tem um rosto muito bonito; vestia uma camiseta rasgada na manga e o cabelo estava um pouco mal arrumado. Eu também me apresentei e expliquei a ela o objetivo e os procedimentos da pesquisa. Falei sobre o sigilo, sobre sua participação voluntária e a possibilidade de deixar a pesquisa no momento em que quiser, sobre seu direito em tirar suas dúvidas, enfim todos os aspectos éticos envolvidos. Adriana já realiza acompanhamento psicológico.

Falei então que gostaria de conhecer mais sua relação com seu filho. Ela começou a falar da sua dificuldade em colocar limite em André. Disse que ele era uma criança calma, mas agora não é mais. Ela diz que as pessoas falam para ela ser mais firme com ele, mas ela não sabe como fazer, pois ela acha que é firme com ele*, "mas o que é firme pra mim pode não ser pra você"* (sic). Segundo ela, André obedece a maioria das pessoas, mas não a ela. Ficou com a voz trêmula, falava rápido, mostrava certa ansiedade e parecia que a qualquer momento ia chorar, parecia que estava me pedindo ajuda embora não o tenha verbalizado. Disse a ela que tudo isso a deixava cansada e agitada e ela confirmou e disse que apesar de não estar trabalhando sentia-se estressada.

Ela então começou a contar sobre sua história e sobre sua gravidez. Disse que fugiu de casa aos 12 anos de idade porque não agüentava mais sua casa e seus pais, achava que se ficasse lá iria enlouquecer. Contou que sua mãe tem problemas mentais e que quando tinha sete anos seu pai a molestou, o que nunca mais conseguiu esquecer. Disse que não suportava mais sua casa, a agressividade de seu pai que, segundo ela, era muito bruto e que preferia viver na rua a continuar lá. Foi então que fugiu para a cidade de São Paulo, pois morava em outro município do estado de São Paulo. Decidiu sair da cidade para que seu pai não a encontrasse porque, quando seus irmãos fugiam, ele os espancava assim que os achasse. Conseguiu ajuda de uma pessoa que pagou sua passagem. Ao chegar na rodoviária do Tietê ficou perambulando por ali até que começou a conversar com uma mulher, que por sua vez levou-a pra casa. Ela disse: "*É por isso que eu acredito em Deus! Sempre que eu precisei ele me ajudou*". Essa pessoa a levou na Vara da Infância e Juventude do Jabaquara para tentar adotá-la, mas com o tempo a relação das duas foi ficando ruim por causa da filha dessa mulher, que não aceitava muito bem a situação.

Então, aqui em São Paulo, ela foi para o primeiro abrigo de sua vida. Lá conheceu o pai de André, um jovem de quinze anos de idade. Ela conta que ficou enfeitiçada por ele, que imaginava que nunca mais iria gostar de outra pessoa e ficou "*obcecada por ele*" (sic). Então quis engravidar para segurá-lo. Pedi para que ela falasse um pouco mais sobre o assunto, me explicasse um pouco mais sua idéia de segurar o rapaz pela gravidez. Ela disse que achava que se eles tivessem um filho então estariam unidos para sempre, que nunca mais se separariam e, além disso, ela tinha vontade de saber com era ter um filho, vontade de ser mãe e ter um filho do rapaz que ela acreditava que seria o único amor de sua vida. Quando engravidou, aos catorze anos, foi transferida para um abrigo de adolescentes gestantes na região central da cidade de São Paulo, mas continuou vendo seu namorado. Pouco tempo depois que foi transferida começou a sentir cólicas e foi levada ao hospital onde foi diagnosticado que ela estava entrando em trabalho de parto no 5º mês de gestação. André nasceu com 600g e ficou quatro meses na UTI do hospital. Ela disse que algumas enfermeiras lhe falavam que ela era muito jovem e que poderia ter outros filhos, "*isso é coisa que se fale*?" Mas ela não aceitava, conta que ficou muito mal e passava o dia todo no hospital, voltava somente à noite para o abrigo. Ela conta que durante os quatro meses em que o filho ficou internado faltou um único dia, um domingo em que o ônibus não passava.

Durante todo o tempo André esteve conosco. Apesar de ter quase três anos ainda não fala, emite apenas alguns vocábulos ou grita quando está contrariado. É bastante frágil, está visivelmente desnutrido e com estatura de uma criança de 1 ano de idade. Apesar disso, interage bastante com as pessoas a sua volta. Diversas vezes buscou o contato comigo, queria ver minha agenda tentando arrancá-la da minha mão e só largou quando consegui pegá-la de volta, pois não atendia nem aos meus pedidos nem aos de sua mãe para que não mexesse. Pegou um teclado de computador e trouxe para que eu o ajudasse a "ligar", tentando encaixá-lo na tomada para fazê-lo funcionar. Quando entrou em uma sala com produtos de limpeza alertei Adriana para retirá-lo de lá e André ficou contrariado e bravo com a mãe batendo na mesma. Adriana então demonstrando raiva, segurou com força a mão de André dizendo "*você não pode me bater!*" Assim que soltava sua mão ele batia novamente e durante três vezes ela repetiu o procedimento até que cansou e parou, ignorando o mesmo.

Em maio deste ano (2008) ela decidiu voltar para casa, "*perto do dia das mães*", mas disse que não suportou ficar lá. Sentiu-se novamente como uma menina de doze anos e não quer ser dependente de seus pais. Fala da dependência de sua mãe em relação ao pai e demonstra sua aversão ao fato. Falou que ficou incomodada com o fato de sua mãe cuidar de André. Além

disso, não aceita mais as regras que seus pais tentam impor. Voltou novamente para São Paulo depois de uma semana.

Adriana contou que sempre teve muitos sonhos, que gostaria de sair do país. Acredita que se daria melhor nos Estados Unidos. Ela disse que quer voltar a trabalhar, pois antes de decidir ir para casa dos pais estava trabalhando como aprendiz da "Vivo" (empresa de telefonia móvel), mas largou porque tinha decidido ir embora. Diz que pensava em fazer psicologia, mas que quer uma profissão que dê mais dinheiro e, por isso, quer estudar informática. Conta que quando era mais nova não planejava as coisas direito, não considerava o caminho que teria que percorrer até alcançar seus objetivos. Segundo ela, pensava em alugar uma casa, só que não contava que teria que trabalhar e receber primeiro o salário, depois fechar o negócio, etc.

Fomos interrompidas por uma funcionária do abrigo que entrou na sala e decidimos sair e sentarmos no quintal. Perguntei a ela se ser mãe é como ela imaginava quando desejava engravidar. Ela disse que sofreu muito quando André nasceu, pois nunca imaginou que teria um filho prematuro: *"ele não era normal, era muito pequeno*".

Perguntei sobre sua mãe e as lembranças que tem dela. Ela contou que se lembra de sua mãe sendo internada, tirando a roupa devido aos "problemas mentais que apresentava". Contou também que até os cinco anos elas moravam com o avô. Adriana possui mais quatro irmãos de vários relacionamentos que seu pai teve, sendo apenas um da mesma mãe.

Sobre o pai de André diz que não o vê mais. Afirmou que com o tempo foi enjoando dele, não queria mais ficar com ele, queria conhecer outros garotos.

André se ausentou por alguns minutos e ao retornar pulou no colo da mãe abraçando-a, ela demorou, mas retribuiu o abraço, de forma distante, mas o abraçou.

Encerramos assim nosso primeiro encontro. Após sair de lá senti uma grande tristeza que demorou algumas horas para passar. Adriana é uma adolescente bonita, sonhadora, mas sozinha. Sonha sem ter nenhuma certeza sobre o amanhã. Repetiu muitas vezes que amava o filho e não suportaria se o tivesse perdido. Acredita que teria se matado se ele não tivesse resistido. No entanto, não conseguiu dar ao mesmo nenhuma demonstração de carinho durante nosso primeiro encontro, apenas o cansaço de ser mãe.

2º Encontro – 05/08/08

Adriana estava fazendo sua parte na arrumação da casa quando cheguei. Esperei um pouco e logo ela veio ao meu encontro. Fomos para a sala de TV, ela foi buscar André que estava "zanzando pela casa".

Falou que estava preocupada com a situação do abrigo que está com um número de funcionários reduzido devido às dificuldades financeiras. Estava chateada porque se não houver educador ou se tiver só um na casa ela não poderá ir para escola, porque não tem quem fique com André. Hoje é seu primeiro dia de aula, está fazendo supletivo cursando o 1º ano do ensino médio. Também estava receosa de que a casa venha a fechar, porque isso ocorreu com um dos abrigos dessa entidade. Falou que quando acabarmos nossa conversa ela irá ver um curso de inglês e outro de informática que são oferecidos gratuitamente ali mesmo no bairro.

Enquanto isso André não parava quieto. Adriana pegou um pinico e ficava mostrando a ele, dizendo que ele deveria fazer xixi e coco ali. Perguntei se ele estava aprendendo e ela fez um sinal com a cabeça de "não". Colocou-o sentado ao seu lado e chamou-o carinhosamente de "mo" (abreviando a palavra "amor"), mas logo ele levantou e voltou a perambular pela casa abrigo.

Pedi para que ela falasse um pouco mais sobre sua gestação: como foi quando ela descobriu, como se sentia. Ela disse que estava querendo engravidar e logo que sua menstruação falhou, ela já começou a sentir que estava grávida. Fez o teste e deu positivo. Quando contou ao pai de André este ficou bravo e a xingou, mas no dia seguinte veio falar com ela como se nada tivesse ocorrido, agora nem vê mais o filho. Perguntei como ela se sentia grávida e ela disse que já sabia que André era agitado pois ele mexia e chutava muito.

Espontaneamente começou a falar sobre a maternidade. Disse que era muito difícil, que era muita responsabilidade cuidar de alguém e que, às vezes, fica se comparando a outras adolescentes que não têm filhos e têm mais liberdade e menos responsabilidades. Perguntei se havia algo bom no fato de ser mãe, ela riu e falou: *"deixa eu pensar..."* Depois de algum tempo disse que André era uma criança alegre e que ela se divertia com ele, lhe fazia companhia. Perguntei se havia algo de ruim na maternidade e ela riu novamente. Falou que a gestação modificou seu corpo, deixou estrias, o peito caído e o cabelo enfraquecido. Disse que em outra oportunidade mostraria suas fotos para que eu a visse antes de engravidar e visse como ela tinha cabelos bonitos.

Fala que se arrepende de ter tido André tão cedo, depois volta atrás e diz que também não existe hora certa para ter filhos, *"você pode ter cinqüenta anos e não estar preparada*".

Adriana oscila muito quando fala sobre o fato de ter decidido engravidar, mas, segundo ela, hoje em dia não se vê mais sem André. Perguntei se ela já havia pensado em abandonar o filho e ela disse que já pensou várias vezes. Contou que quando retornou para São Paulo, após ter passado uma semana na casa dos pais, em maio deste ano, procurou pelo pai de André para lhe entregar o filho, mas este nem quis saber. Ela acabou indo para um CRECA (Centro de Referência da Criança e do Adolescente) e ele foi para o abrigo onde os dois estão hoje. Disse que no CRECA sentia-se muito sozinha e pensava no filho, se estavam cuidando bem dele, porque é prematuro e precisa de atenção. Disse que sempre pensou em ser uma mãe boa e diferente dos seus pais, mas estava sendo pior do que eles naquela ocasião por estar longe dele. Adriana fala que, ao mesmo tempo em que se arrepende de ter tido um filho tão cedo, pois segundo ela era *"uma criança cuidando da outra*", acredita que se não fosse pela experiência de ter tido André, hoje não teria a mesma cabeça, a mesma *"identidade",* a vontade de trabalhar. Ela diz: *"eu poderia estar na rua, me prostituindo, usando droga*".

Perguntei se ela já havia experimentado alguma droga. Ela respondeu que sim, mas que não gostou porque ficou com dor de cabeça e os olhos vermelhos. Diz que "*não entende como pode ter gente que acha isso bom*".

Após alguns segundos de silêncio, pedi para que ela me contasse um pouco mais da sua infância, retomando a fase em que viveu na casa de seu avô, até os cinco anos de idade, como relatou no primeiro encontro. Ela conta que não se lembra de muita coisa, mas que seu avô batia muito em sua mãe e que um dia ela saiu de casa e foi para casa do pai de Adriana, onde mora até hoje. Fala novamente que não suportaria mais viver com os pais. Diz que são boas pessoas, mas não sabem conversar, não a entendem e que ela não aceita as regras deles. Lembra que está chegando o dia dos pais e que precisa escrever para seu pai, mas não tem o CEP da casa. Contou que passou vergonha outro dia no correio porque foi mandar uma carta, mas não sabia como achar o CEP no guia. Diz que às vezes tem dificuldade para consultar listas ou guias, que ninguém nunca lhe ensinou e tem vergonha quando passa por uma situação dessas. Mostrou-se muito frágil nessa hora.

Fala novamente sobre a ambivalência em relação a André. Ela conta que às vezes quando está com raiva acaba descontando em seu filho, colocando a culpa nele por seus problemas, mas que se ela não tivesse André arrumaria outro motivo para colocar a culpa de sua insatisfação. Disse que se acontecesse algo ao seu filho ela acha que não agüentaria. Contou que um dia André atravessou a rua do abrigo, sem que ninguém visse, porque o portão estava aberto. A rua onde está localizado o abrigo é bastante movimentada, mas nada aconteceu a André que foi trazido por uma pessoa que passava na rua naquele momento, viu a cena e o

levou de volta ao abrigo. Contou também que há alguns dias atrás colocou André dormindo no berço e depois quando voltou ao quarto ele não estava mais lá. Ela conta que começou a chorar e ficou desesperada, pensou que ele tinha novamente ido para a rua, talvez tivesse sido atropelado por um carro ou alguém o tivesse seqüestrado. As outras meninas, segundo ela, vendo seu desespero começaram a ajudar a procurar André, que foi encontrado dormindo embaixo de outro berço no mesmo quarto. Adriana diz que contou o fato para sua psicóloga e que esta deixou algumas perguntas para ela pensar. Ela não se lembra bem como eram as perguntas e, então, sai para buscar sua bolsa onde tem um caderno com suas anotações. Ela lê a seguinte pergunta: *"será que eu tenho que perder para dar valor?"*

Adriana contou que quando André saiu da maternidade ela teve muita raiva dele e pensava em matá-lo. Disse que sua psiquiatra falou que ela estava com depressão pós-parto, por isso tinha esses pensamentos e o rejeitava. Conta que chegava a falar no ouvido de André o quanto não gostava dele e a raiva que sentia, mas que hoje em dia não faz mais isso.

Durante nossa conversa André ia e vinha trazendo objetos para eu segurar e depois vinha buscá-los, como uma linha que achou no chão. Ao se aproximar, Adriana percebeu que André havia feito coco e estava sem fralda. Ela lhe perguntou se ele havia feito coco e ele confirmou fazendo um sinal com a cabeça. Perguntei se ela gostaria de trocá-lo e ela disse que sim. Subimos para o banheiro, ela apanhou o sabonete de André e levou-o para o chuveiro. Tirou a roupa de baixo, calça e cueca, e fez sua higiene. Enquanto lavava André, falou pra ele: *"Não é aqui que faz coco!"* Ele cantarolava enquanto tomava banho e ao tirá-lo do chuveiro falou: "*cuidado pra não escorregar."* Ele foi indo para o quarto ela pegou a toalha, colocou-o em cima de uma cadeira para enxugá-lo. Perguntei para ele qual era seu berço, fiz a pergunta de várias maneiras: "*Aonde você dorme?" "Qual é sua cama?" Qual é seu berço?"*Apontava para os berços do quarto (eram quatro berços), mas ele parecia não entender a pergunta e não conseguiu mostrar aonde dormia.

Enquanto trocava seu filho, Adriana falou: "Eu sou agressiva com ele." Eu perguntei o porquê e ela disse que era porque às vezes descontava a raiva nele. Perguntei se ela tinha lembrança de sua mãe cuidando dela, ela disse que não. Perguntei se ela se lembrava de algum momento bom com sua mãe. Ela disse que sua mãe cozinhava bem e lembra-se do pão que sua mãe fazia e deste saindo quente do forno. Mas logo depois ela se lembra que sua mãe pegava um pedaço grande, comentando que ela é gordinha, e que dava aos filhos um pedaço pequeno. Ela ficava com raiva porque queria mais, ficava com vontade de comer mais pão. Perguntei se sua mãe brincava com ela, ela respondeu que não. Perguntei se ela lhe batia, ela disse que sim e abaixou a cabeça, demonstrou que não queria mais falar.

Descemos novamente para a sala, o tempo já estava se esgotando. Adriana parecia ansiosa. Falei que se fosse melhor eu poderia chegar um pouco mais tarde na próxima semana, assim ela já teria terminado sua parte na organização da casa. Ela falou que era difícil realmente marcar um horário. Perguntou quantos encontros ainda teríamos e logo depois ela mesma deu a resposta: *"três, né?"* Perguntei se estava tudo bem, se ela queria continuar. Ela respondeu que sim, que estava sendo bom conversar. Nos despedimos com um beijo no rosto e desejei boa semana, ela retribuiu.

3º Encontro – 12/08/08

Cheguei no horário combinado e, apesar de Adriana estar ajudando na organização da casa, parou na mesma hora e fomos para o "salão". André foi conosco, mas ficou a maior parte do tempo brincando e bagunçando com outra criança do abrigo e com um voluntário que estava lá na casa.

Perguntei sobre a escola e ela disse que está indo todos os dias a noite, "*tá legal*". Perguntei como estava André e ela riu e disse que está bem. Estamos mais próximas e, aos poucos, a estranheza dá lugar ao afeto, embora no início da conversa os assuntos sejam mais superficiais.

André estava subindo em cima de um banco e pulando. Ela diz que ele está muito esperto. Perguntei se ele gostou de conhecer os avós e ela disse que ele ficou com medo de seu pai, mas que sua mãe até ajudou a cuidar dele.

Depois de alguns segundos de silêncio, Adriana conta que irá começar a ler "Carandiru". Disse que pediu o livro emprestado de uma voluntária que freqüenta o abrigo. Contou que acabou de ler o "Caçador de Pipas". Perguntei se ela gostou e ela disse que gostou mais do que o filme. Perguntei por que seu interesse no livro "Carandiru" e ela disse que tinha curiosidade em saber como era lá. Contei que na época da Faculdade eu estive lá para fazer uma visita, conhecer o local e entrevistar alguns presos. Ela perguntou como era e eu lhe contei que era muito feio, velho, nada agradável para ir. Contei que entrevistamos três homens que estavam cumprindo pena: um por roubo, outro era traficante e outro por assassinato. Começamos então a falar sobre como cada um deles encarava a prisão. Contei que o rapaz preso por tráfico era de classe média e que ele mesmo dizia que quando saísse de lá poderia voltar a traficar. Falei para ela que eu achava que embora as pessoas cometam crimes aparentemente iguais, para cada pessoa pode haver um motivo individual. Também disse a ela

que as pessoas têm reações diferentes ao passarem pela experiência de ficar preso e alguns podem se recuperar.

Ela ficou intrigada com o assunto e comentou sobre o fato de uma pessoa matar a outra: "*Como ela deve se sentir sabendo que matou alguém*!" Falei que há quem afirme que algumas pessoas são más, nascem assim. Disse a ela que achava que o assunto não é dos mais fáceis, mas que eu acreditava que as pessoas que cometem crimes fazem porque algo de errado ocorreu na vida delas. Falei também que às vezes a gente mesmo tem algumas atitudes que não são boas. Ela, então, contou que já havia roubado, roubava com o irmão quando tinha cinco, seis anos. Eles roubavam doces e roubavam carteira. Quando tinha 14 anos voltou a roubar: roubava roupa de shopping, chocolate, *"essas coisas gostosas de supermercado*". Disse que uma vez foi pega em um shopping de São Paulo. Ela estava com outras duas meninas do abrigo onde morava na época. Conta que a dona da loja viu quando elas roubaram mercadorias e, na hora que foram sair do shopping, vieram os seguranças e depois a polícia. Elas foram levadas para a delegacia e colocadas em uma sala pequena, onde havia somente um vaso sanitário. Caso não comparecesse ninguém do abrigo elas iriam para FEBEM, mas como o educador foi à delegacia elas foram liberadas. Mesmo assim foi aberto um processo e ela teve que prestar serviço à comunidade. Ajudava a manter a organização de um teatro da zona sul, auxiliando nos dias em que havia espetáculo.

Na outra vez em que foi detida, estava com uma colega em um supermercado da região. Ela conta que dessa vez falou para a colega que não ia dar certo, porque todo mundo estava vendo, mas mesmo assim a colega insistiu e pegou o equivalente a R$ 80,00 em chocolate. Novamente os educadores do abrigo foram chamados e ela teve que devolver o dinheiro mesmo sem comer os chocolates. Perguntei como ela fez para pagar e ela disse que nessa época estava namorando o pai de André, e que este ajudou a pagar a dívida, economizando o dinheiro da condução que ganhava do abrigo. Ela estava grávida e cumpria novamente prestação de serviço à comunidade. Perguntei se, depois que ela teve André, voltou a roubar. Ela disse que não, que depois ficou pensando que como mãe precisa ter mais responsabilidade e dar exemplo ao filho.

Perguntei por que ela roubava e ela disse que era porque não tinha dinheiro para comprar, nem ninguém que comprasse para ela. Perguntei se ela acha que a maternidade fez ela amadurecer e ela disse que sim, mas que às vezes sente vontade de usar droga. Perguntei que droga ela tinha vontade de experimentar e ela disse que era a cocaína. Perguntei o quê a deixava curiosa e ela disse que era porque os outros falavam que a cocaína deixa você mais esperta e alegre. Ela disse também que já havia experimentado maconha e não havia gostado.

Contou que aos treze anos já fumava e bebia. Disse a ela que esse efeito "bom" que as pessoas dizem pode acontecer na primeira vez, mas que a cocaína torna você dependente dela rapidamente. Comentei que pessoas famosas, inteligentes e sensíveis haviam morrido de overdose por falta de controle. Falei que a curiosidade acabava deixando muitos dependentes. Perguntei se ela já havia falado sobre isso com sua psicóloga e ela disse que já.

Adriana falou que às vezes acha que é uma pessoa má. Disse que tinha pensamentos muito ruins, que "*do nada*" fica com raiva das pessoas e tem vontade de agredi-las. Disse que já havia até pensado em matar, que às vezes sua vontade é de matar alguém, mesmo essa pessoa sendo boa para ela. Ela disse que não sabe explicar isso, que até uma colega do abrigo lhe disse que na mesma hora em que ela parece estar bem, sorrindo, ela começa a se irritar e fica tudo mal. Acha que é "*ambivalente*", isso estava escrito no relatório que sua psicóloga fez sobre ela, mas ela acha que é verdade mesmo. Às vezes ama seu filho, mas já pensou em jogá-lo pela escada muitas vezes.

Perguntei para ela porque ela acha que tem esses pensamentos e essas vontades. Ela disse que não sabe explicar, na mesma hora que está bem, de repente, fica irritada. Disse a ela que eu achava que com a ajuda que ela está tendo de sua psicóloga e com o tempo ela irá aprender a ter maior controle sobre si mesma. Falei que sua história não foi muito fácil, que ela havia me contado como seu avô batia em sua mãe e que esta última também lhe batia, que essa raiva toda às vezes é passada para gente. Ela diz que tem raiva também de ser quem é, de ter a vida que tem, que não queria ter esses pais, ser pobre, estar no abrigo e ter um filho sendo ainda tão nova. Disse que só uma colega da escola sabe que ela tem um filho, não quer que as outras pessoas saibam porque sente vergonha, ela mesma não aceita que tem um filho. Às vezes pensa em fazer como o pai de André que simplesmente o abandonou e não sente nenhuma responsabilidade, é livre. Diz que gostaria de sentir-se assim também

Adriana falou que quando está mal faz coisas erradas de propósito e que se afunda mesmo. Contou que quando voltou da casa dos pais para São Paulo, em maio desse ano, não queria voltar a morar em abrigo. Procurou por pessoas que conhecia aqui na cidade, se envolveu com alguns meninos, teve relação com eles sem usar qualquer proteção. Disse que sabia do risco que estava correndo e que se engravidasse iria abortar. Ela até queria *"para ver um bebê morto"*, segundo ela. No entanto, diz que hoje em dia agradece por não ter acontecido nada de mal, pois não se contaminou com nenhuma doença e não engravidou.

Ela me disse que hoje, no nosso terceiro encontro, conseguiu falar sobre seus pensamentos ruins. Disse a ela que ninguém está livre de ter maus pensamentos, mas que vamos aprendendo a lidar com eles. Disse também que não havia quem só tivesse bons pensamentos,

“cor-de-rosa”, que isso era uma grande mentira, pois todos sentimos como a raiva, mágoa. Falei da importância dela aceitar ajuda, pois o mais difícil é quando, mesmo precisando, não aceitamos que nos ajudem.

Nosso tempo já havia acabado. André ficou distante hoje e Adriana parecia que queria um pouco de “folga” mesmo, pois só uma vez levantou-se para ir até ele e arrumar alguns livros que ele havia derrubado. Nos despedimos e eu agradeci nossa conversa.

4º Encontro – 19/08/08

Cheguei ao quarto encontro com 15 minutos de atraso. Adriana, como de costume, estava ajudando na organização da casa, mas logo veio ao meu encontro. Estava feliz e disse que tinha novidades para contar.

Sentamos na sala de visita e ela me perguntou se já havia me contado sobre o rapaz da escola que ela está interessada. Logo André chegou e Adriana perguntou se ele queria fazer xixi. Ele respondeu que sim e ela lhe disse para ir fazer no pinico. O pinico estava no quarto de Adriana, na parte superior da casa e, quando André estava no meio da escada, começou a chamar pelo nome da mãe. Adriana estava ansiosa para me contar e não queria ir até o filho, mas eu falei para ela que poderíamos subir e ela me contaria lá em cima. No caminho uma das crianças do abrigo (filha de uma das adolescentes) me abordou e queria que eu lhe desse atenção, Adriana tratou de afastá-la.

Subimos e Adriana colocou o filho no pinico. Uma das responsáveis pelo abrigo lembrou Adriana que o berço de André precisava ser arrumado. Então, enquanto fomos para o quarto de André, arrumar seu berço, ele ficou sentado no outro quarto onde estava o pinico. Enquanto arrumava o berço, Adriana me contava que no dia anterior, o rapaz que ela estava interessada veio conversar com ela e lhe perguntou se ela estava gostando de alguém da sala. Ela disse que sim e lhe devolveu a pergunta. Depois de algum tempo, ele disse que a garota que ele estava interessado era ela e, ela por sua vez, confessou que também estava interessada nele. Eles saíram mais cedo da aula e ficaram juntos. Ela estava feliz disse que adorou e que ele beija bem, mas é um pouco apressado. André chega no quarto com a cueca e calça abaixadas, olha para Adriana, mas como esta não lhe dá atenção ele sai andando pelo corredor. Ela vai atrás dele, já no meio do corredor, levanta suas calças e lhe diz para levantar a roupa quando sair do pinico. Enquanto André anda pelos outros quartos, Adriana continua contando sua história. Diz novamente que ele é muito apressado e que abriu o zíper de sua calça e ela deixou que ele a masturbasse. Disse que gostou, mas que não sabe como vai fazer

hoje quando encontrar com ele. Perguntou o que eu achava e eu lhe disse que eu acreditava que na sua idade é natural que ela sinta desejo e que goste de sentir prazer, ser tocada, mas que também era importante que ela aprendesse a cuidar de seu corpo. Continuou contando sobre ontem e disse que ele tem namorada e que não se importou com o fato dela ter um filho. Perguntei como foi que ela se sentiu ao contar que é mãe e ela disse que queria ser ela mesma, não queria mentir.

Escutamos uma porta bater e choro de crianças. Fomos ver o que havia acontecido e André estava querendo entrar no quarto onde estavam as outras crianças, mas alguém havia fechado a porta. Adriana abriu a porta para André entrar. Uma das adolescentes do abrigo lembrou-a que ela tinha que guardar o pinico. Depois que ela guardou descemos para sala de visita. Para descer a escada André deu uma das mãos para sua mãe e estendeu a outra para mim.

Ela se sentou no sofá e disse que havia gostado do que aconteceu ontem. Falou que fica a vontade comigo, mas que é tímida e que não sabia como ia ser encontrar com o rapaz hoje na escola. Perguntou se eu contaria essa história a alguém do abrigo, eu lhe disse que não. Ela disse que havia contado apenas para uma menina do abrigo, com a qual tem mais afinidade, e para outra pessoa que é voluntária. Ela disse que não tinha se arrependido, mas que se ele falar para alguém ela irá dizer: "*Quem? Eu?*" Disse que antes vivia muito no mundo da ilusão e que tinha raiva das pessoas quando diziam isso a ela e que agora está tentando viver a realidade, não se iludir mais. Ela me disse que não espera nada dele e nem ele dela. Ela falou que está tentando confiar mais em si e curtir o momento. Se ele quiser sair com ela de novo, ela irá aceitar.

Adriana estava com o pensamento confuso, queria dizer muita coisa, mas se enrolava no meio do caminho. Começava um assunto, "dava branco", começava outro assunto. André aparecia de vez em quando e procurava pela mãe. Ele e outra criança do abrigo foram até uma cadeira onde havia roupas passadas e pegaram algumas peças. Adriana falou para eles saírem de lá, mas nenhum dos dois a obedeceu. Ela se levantou foi até eles arrancou a roupa da mão de ambos. Pediu para a coordenadora do abrigo levar embora a outra criança, colocou André perto dela. Ele pediu colo, mas ela disse que não e lhe deu um leve empurrão. André ficou olhando para sua mãe, sorriu e depois saiu para o quintal.

Adriana falou novamente que não conseguia acreditar nela mesma e que achava que não fazia falta para as outras pessoas. Disse que está tentando mudar esse modo de pensar e que está tentando ter mais auto-confiança. Perguntou novamente o que eu achava da situação e por que ela era insegura. Disse a ela que achava importante ela aprender a cuidar de si, olhar para suas qualidades e dar mais valor a estas. Falei que ela já passou por situações de muita

exposição e violência, inclusive na relação com seu pai, e que agora é hora de cuidar melhor de si, de seu corpo, não se expor a situações de perigo, como relatou no último encontro. Disse a ela que achava importante que ela falasse sobre isso com sua psicóloga, pois lá teria um lugar mais adequado para tratar desses assuntos (afinal estávamos na sala do abrigo).

Perguntei se ela queria mudar de local, pois havia chegado visita no abrigo e deveríamos ir para um lugar mais reservado. Ela disse que sim e fomos, então, à sala de T.V. Sentamos lá e ela disse que não sabia se contaria o fato a sua psicóloga. Disse que lhe contou quando saiu com dois rapazes e se relacionou sexualmente com eles, sem nenhuma proteção. Ela falou que sua psicóloga também lha havia dito o que eu lhe falei, sobre aprender a cuidar mais dela mesma. Também falou que ela lhe perguntou por que Adriana alimentava a crença de que era "vagabunda". Disse que ela lhe pediu para pensar o que ela responderia se as pessoas na escola dissessem que ela é chinesa. Ela disse que falaria "*não, não sou*". Deu mais alguns exemplos e, depois, falou: "*Ela disse para eu pensar o que responderia se os outros falassem que eu sou vagabunda e eu demorei para responder*". Esse não é um assunto fácil para Adriana e ela demonstra que ainda não quer, talvez não possa, falar sobre o abuso sofrido.

Fazia tempo que André não aparecia e eu lhe perguntei sobre ele. Ela disse que não precisava ir atrás dele. Disse que está em um momento que quer ter mais espaço, que André ocupa muito seu tempo. No entanto, levantou-se e foi procurá-lo. Acompanhei-a e achamos André no salão. Uma das meninas da casa estava com um pote de mel e falou para Adriana dar uma colher para seu filho. Ela fez algumas tentativas, mas ele se esquivava, até que falou mais firme com ele e este acabou aceitando. Pediu para a outra adolescente uma colher de mel para ela também, depois outra. Disse que adorava mel, por ela *"tomava o pote todo"*. Foi andando em direção a sala de TV, sem André. Retornamos ao lugar onde estávamos.

Adriana contou que hoje na escola terá que apresentar um teatro, mas está tentando não pensar nisso porque fica muito nervosa. Voltamos a falar sobre sua insegurança. Ela disse que tem medo de errar. Falei sobre a necessidade em aceitar seus erros, afinal ninguém é perfeito. Ela diz que tem pensado nisso, mas que ainda não consegue controlar sua ansiedade. Diz que ficou olhando uma colega do seu grupo enquanto estudavam o texto e que esta não demonstra nenhum nervosismo. Ela diz que está tentando fazer igual. Disse a ela que precisava aprender a reconhecer suas qualidades, pois já havia passado por muitas dificuldades e, apesar de tudo, estava tentando melhorar de vida, era esforçada, no fundo uma batalhadora. Ela me olhou e disse que realmente tem tentado e que tem aceitado ajuda. Disse que está tentando ser uma pessoa melhor e uma mãe melhor. Perguntei a ela o que era ser uma mãe melhor e ela respondeu que era pensar mais nele do que nela, não bater no filho, não falar para ele que ele

é um peso em sua vida. Disse que no dia anterior havia conversado com sua psicóloga sobre André e falou para ela que no fundo achava que jogar a culpa de sua insatisfação em seu filho é só uma desculpa, se ela não tivesse tido André arrumaria outra coisa para reclamar da vida.

Adriana disse que às vezes achava que era estranha. Perguntei por que e ela responde dizendo que se acha muito egoísta. Disse que já ouviu falar que o ser humano nasce egoísta. Perguntei por que ela estava falando isso e ela disse que no fundo não se importa com as pessoas. Contou que a adolescente com a qual mais se identifica, com quem mais conversa e confia, reclamou que estava sentindo dores (ela está grávida). Adriana diz que, apesar de mostrar-se preocupada com a mesma, no fundo ela não estava. Falou também que se uma criança cair da escada, o próprio André, ela vai fingir que está preocupada, mas não vai estar. Falou que, apesar de dizer que estava preocupada com a situação do abrigo, devido a greve dos educadores, no fundo não estava nem aí. Pensava que o abrigo já tinha passado por várias crises e poderia sair de mais essa, ou então, que se o abrigo fechasse, ela iria para outro, para rua ela não iria.

Disse que não sabe se ama alguém. Mesmo quando se refere a André diz que sabe que gosta muito dele, mas não sabe se o ama. Disse que sua psicóloga pediu um dia para que ela o levasse até o consultório. Nesse dia ela perguntou à Adriana se ela brincava com ele e ela disse que não. A psicóloga então deu uma bola para ela jogar com o filho, mas ela estava com sono, não queria jogar e ficou com raiva. No mesmo dia, aconteceu de André sumir do berço (fato relatado no 2º encontro) e ela chorou muito por medo de perdê-lo. Disse que às vezes não consegue se entender porque apesar de ter o sentimento de que não queria ter tido André, ao mesmo tempo não se imagina mais sem ele.

Perguntei se ela brincava quando era criança e ela disse que brincava com seus primos quando morava no sítio, subia em árvores. Depois, quando se mudou para casa dos pais, brincava com seus irmãos, soltava pipa. Perguntei se sua mãe brincava com ela e ela disse que não. Recorda-se da época que sua mãe "não estava boa da cabeça" e que jogou todos seus brinquedos fora. Disse que tem coisas que não dá para esquecer, mas que tem pensado que tem gente que passou por coisas bem piores que ela. *"Pessoas que viveram um inferno na infância".*

Contou que às vezes pensa mais nela do que em André, ou qualquer outra pessoa. Disse que tem ficado horas se arrumando e até se esquece de André. Perguntei a ela se não dava para conciliar as coisas e ter momentos reservados para ela e outros para os dois. Ela disse que não sabia, achava que queria tempo só para ela.

Então André é trazido por uma das adolescentes que ajudava na cozinha, disse que ele estava lá e estava atrapalhando. Uma das responsáveis pelo abrigo viu e pediu à Adriana para segurar André. Esta respondeu dizendo que ele não ficava, mas a técnica disse que ela precisava contê-lo porque não tinha ninguém para olhar o mesmo. André se jogou no chão e começou a chorar. Adriana olhava para André, mas não tinha nenhuma ação em relação a ele. Olhava para mim com uma expressão de quem está sem paciência, de "saco cheio". Passado alguns minutos, Adriana pegou o filho no colo. Disse que ele estava um pouco doente, com gripe e por isso estava daquele jeito. Segundo ela, André não a tem deixado dormir, vai até sua cama a noite e lhe chama, mas ela está cansada. Falou para ele não ir chamá-la e para não levantar mais da sua cama.

Adriana tentava aconchegar o filho no colo para ele parar de chorar, mas este parecia incomodado, fazia um pouco de manha e se debatia no colo da mãe. Disse a ela que nesse momento André estava precisando dela devido a sua condição física, mas que ela também tem os momentos dela, como por exemplo, quando sai para estudar. André continuava a chorar. Perguntei se ele usava chupeta, ela disse que sim, mas que estava no quarto e ela estava com preguiça. Falei para ela que subiria com ela para buscar a chupeta. Ela ainda relutou um pouco, depois concordou em subir. André apoiou a cabeça no ombro da mãe enquanto subiam as escadas. Quando chegamos em seu quarto, ela me mostrou sua cama arrumada. André se acalmou com a chupeta e nosso tempo já havia acabado. Agradeci Adriana por mais um encontro e ela me disse que estava sentindo-se mais aliviada. Falei que na próxima semana teríamos nosso último encontro e ela disse que tudo bem.

5ª Encontro – 02/09/08

Estive no abrigo em 26/08, data combinada para nosso último encontro, mas, quando cheguei no local vi André no quintal sem a mãe. Perguntei para uma das meninas sobre Adriana e fui informada que ela havia saído. Perguntei para uma das responsáveis pelo abrigo sobre Adriana e ela me contou que esta acordou "*atacada*" (sic), culpando o abrigo por não conseguir creche para André. Disse que ela queria arrumar um emprego de todo jeito, estava nervosa e saiu para ir atrás de um trabalho. Combinei de voltar na outra semana para realizar de fato o último encontro.

Hoje, quando cheguei no abrigo, Adriana estava sentada na sala de TV. Ela me cumprimentou e perguntou se hoje era seu dia, pois vou ao abrigo mais de uma vez na semana para conversar com outras adolescentes. Respondi que hoje era seu dia e sentei-me com ela na

sala de TV. Ela estava segurando um girassol de plástico que havia arrancado de um arranjo de enfeite do abrigo.

Perguntei por André e ela respondeu que ele estava por ali. Vi que ele estava na sala ao lado. Chamei-o, mas ele não veio. Então, fui até ele e o mesmo subiu em um carrinho de bebê. Eu o levei dentro do carrinho até onde eu e sua mãe estávamos. Ele desceu do carrinho e voltou a andejar pela casa. André ficou muito pouco conosco e Adriana deixou claro que não estava se importando.

Adriana estava com uma calça rasgada na lateral e eu comentei o fato. Ela disse que foi de uma briga que teve na casa. Adriana perguntou se eu me lembrava do rapaz da escola que ela estava ficando. Eu disse que lembrava. Ela me contou que uma colega do colégio estava "agitando" ele para outra menina e veio lhe perguntar se ela havia ficado com o rapaz. Ela negou, porque achou que seria melhor uma vez que ele tem namorada. No entanto, o rapaz ficou sabendo que ela havia negado o "romance" entre os dois e terminou com ela na última sexta-feira. Ela diz que não acredita que esse tenha sido o motivo real e falou para ele dizer a verdade que, em sua opinião, ele não estava mais a fim de ficar com ela. Disse que é melhor saber a verdade logo porque assim não se apega mais a ele.

Ela disse que ele reclamou que ela fica estranha quando eles estão perto de outras pessoas e ela me falou que fica envergonhada. Perguntou-me o por que, eu disse que não sabia. Ela riu e falou que tem medo de falar alguma besteira, então, fica quieta. Ela diz que fica séria quando eles estão em companhia de outras pessoas, que não consegue ser ela mesma.

André voltou para a sala de TV e veio até minha bolsa. Começou a abrir e eu falei para ele que não podia mexer, mas ele ignorou e continuou. Adriana começou a gritar com ele para ele não mexer, mas ele não parava. Eu tirei sua mão de dentro da bolsa e falei para ele fechar a mesma. André ficou me olhando e parou de mexer na bolsa. Adriana continuava falando brava com o filho e este para mostrar sua irritação puxou um lençol que cobria um dos sofás, jogou o mesmo no chão e saiu da sala de TV.

Perguntei como estava sua relação com André. Ela disse que estava mais ou menos. Adriana está visivelmente distante de André. Disse que não tem cuidado dele direito, sabe que ele precisa que ela escove seus dentes, mas ela não o faz. Contou que antes sentia-se culpada por não cuidar bem do filho, mas que agora não se incomoda mais. Ela diz que sabe que se ela não o faz é porque tem muitas outras coisas para fazer. Tem que lavar roupa, ajudar na arrumação da casa, ir para escola. Está cansada e está gostando de dormir mais do que antes. Falou que ontem foi à psicóloga e que esta lhe falou que ela não precisa escolher ser mãe ou mulher, ela poderia ser as duas coisas. No entanto, Adriana diz que não sabe como fazer isso.

Adriana falou que os educadores e as outras meninas da casa dizem para ela ensinar André a chamá-la de mãe pois ele a chama pelo nome. Ela diz que não se importa com isso, mas que os educadores falam para ela que é um sinal de respeito.

Perguntei como ela chamava sua mãe e ela respondeu que de "mãe" mesmo. Perguntei se ela via alguma semelhança entre ela e sua mãe. Ela disse que quando está fazendo uma coisa não gosta de ser interrompida e que sua mãe é assim também. Perguntei em relação à maternidade e ela disse que ela é impaciente como sua mãe, grita com André. No entanto, diz está tentando se diferenciar dela no que diz respeito a dependência do pai. Não aceita a dependência da mãe em relação ao pai. Falou que seu pai é um "safado"; que seu irmão mais velho é filho de sua tia e tem ainda outro irmão, com a mesma idade de Adriana, só que filho de outra mulher. Adriana falou que um dos motivos que a fez voltar para São Paulo, depois de passar uma semana na casa dos pais, foi a imposição de seu pai de que ela não poderia trabalhar. Segundo ela, seu pai teria ficado preocupado com o fato dela estudar a noite, não permitindo que isso ocorresse e, portanto, ela não poderia trabalhar durante o dia, só estudar.

Adriana diz que não aceita isso, que não quer depender de homem nenhum. Comentou o fato de atualmente estar solteira, mas mesmo quando estiver namorando não quer depender de ninguém.

Perguntei se ela sentia falta de seus irmãos, ela disse que sente, mas não foi muito convincente. Perguntei se os quatro irmãos ainda moravam com seus pais e ela disse que o mais velho foi posto para fora de casa porque usa drogas. Perguntei se seus pais já tinham usado algum tipo de droga ou se já tinham se envolvido com situações fora da lei. Ela disse que não, que eles são muito certinhos, "*até demais*!". Disse que eles prendem muito os filhos e que ela não aceitava ficar presa, *"da escola pra casa e da casa pra escola*".

André voltou, trouxe um girassol de plástico, igual ao que sua mãe estava segurando, e me deu. André voltou para pegar mais flores, mas foi impedido por uma adolescente que viu o arranjo que enfeitava a casa ser despedaçado.

Adriana começou a falar que andava se questionando sobre muitas coisas. Falou sobre a criação do mundo, se foi Deus ou o Big-Bang. Questões sem respostas, questões da adolescência. Disse que no pouco que leu do livro "Carandiru", não se esquece de uma passagem. Ela falou sobre a história que um dos encarcerados narrou, contando a respeito do dia em que foi preso. Ele conta que estava em um bar quando ocorreu uma briga e acabou sendo preso porque estava junto com o pessoal que brigou, mas se tivesse saído 1 minuto mais cedo não teria sido preso. Moral da história: um minuto pode mudar toda sua vida. Ela diz,

então, que está procurando viver o hoje e não mais ficar sonhando com o futuro. Viver o momento.

André voltou para a sala de TV, vinha chamando por Adriana do corredor e, como ela mesma pontuou, chamava-a pelo nome. Ele queria que ela o ajudasse a abrir um pacote que continha um mini bolo. Ela abriu, mas deixou-o esperando para pegar um pedaço. Ele começou a reclamar da demora. Ela comia pedaços do bolo, dando a entender que iria comer o bolo todo. André estava começando a chorar quando ela lhe deu metade do doce. Adriana divertiu-se com a situação.

André veio novamente mexer em minha bolsa. Dessa vez foi rápido e pegou uma caneta. Eu fui pegá-la, mas André segurou-a com força. Adriana brigou com ele e chamou sua atenção, mas não foi atendida. Consegui pegar a caneta de volta e ele logo esqueceu da mesma.

Adriana foi chamada para participar de uma reunião que haveria entre as meninas e as educadoras do abrigo devido a uma briga que ocorrera naquele dia pela manhã. Disse que um grupo de meninas sacaneou com outra adolescente que não se dá muito bem com as demais meninas da casa. Falou que até ficou com dó da adolescente que foi alvo, mas que não faria nada para intervir pois também já foi muito sacaneada por outras adolescentes desde que começou a viver em abrigos e ninguém nunca a ajudou. Também já se desentendeu com essa adolescente em questão, quando retornou da casa dos pais. Contou que ela ficava brigando com seu filho porque ele mexia nas coisas dela, mas Adriana tentava justificar dizendo que ele é uma criança que é assim mesmo. Falou também que quando estava namorando com o pai de André, ficava só em sua companhia e não tinha amigas do sexo feminino porque elas eram falsas.

Nosso tempo já estava acabando. Agradeci sua participação na pesquisa. Disse que gostei muito de conhecê-la e a seu filho. Nos despedimos com um abraço, um pouco sem jeito mas com afeto. Ela perguntou se ainda nos veríamos e eu lhe falei que sim, pois faria o mesmo procedimento com outras meninas. Me despedi de André também que estava no quintal e lá ficou enquanto Adriana dirigiu-se para a reunião que estava acontecendo.

CASO 2

Izabela – 16 anos

Helena – 1 ano e 5 meses

1º Encontro – 08/08/08

Quando cheguei ao abrigo Izabela estava deitada no sofá na sala de TV com Helena dormindo sobre ela. Ela já me conhecia do "projeto Ser Mulher" e por isso não foi necessário que eu me apresentasse. Expliquei a ela o que estava fazendo lá, falei sobre a pesquisa, os objetivos e procedimentos, falei a respeito das questões éticas, do sigilo, da possibilidade dela recusar ou querer sair da pesquisa a qualquer momento. Ela concordou em participar.

Helena estava um pouco abatida e com olhos caídos. Tanto ela quanto a mãe estavam mal arrumadas e Izabela tinha os pés sujos. Perguntei se Helena estava bem e Izabela contou que ela estava com uma virose, segundo o médico do P.S. Está apresentando vômito e diarréia. Perguntei há quantos dias Helena está com esses sintomas e ela disse que isso já está acontecendo há 15 dias e que a diarréia já está há quase 1 mês. Helena estava manhosa e choramingava no colo de sua mãe. A barriga de Helena estava inchada e eu comentei o fato. Izabela falou que ela estava com verme, mas que o médico do P.S. falou que ela tinha que levá-la no pediatra e que ele mesmo não poderia medicá-la. Perguntei se ela já havia marcado o pediatra e ela disse que não.

Comentou que, a partir da semana que vem, será ainda mais difícil para marcar médico ou qualquer outra coisa, pois os educadores do abrigo farão greve devido a falta de pagamento. Disse que está triste e preocupada com o fato deles não estarem mais lá. Falei que isso não a impedia de ir, pois quando estamos em casa temos que nos virar. Ela disse que não era isso que a incomodava e sim o fato de ter se apegado a dois ou três educadores e eles estarem indo embora. Contou que isso já lhe aconteceu antes e que é muito ruim. Enquanto isso, Helena resmungava no colo de sua mãe. Ela estava estranhando a minha presença e não deixava que eu me aproximasse dela. Qualquer movimento que fazia em sua direção ela falava "*mã*". Izabela falava para ela parar com um tom áspero.

Perguntei, então, como era para ela a experiência de ter uma filha e cuidar dela. Izabela disse que estava muito difícil, que ela não tinha mais paciência, que não conseguia dormir porque Helena se mexe muito e chora a noite. Devido a diarréia, tem feito muito coco a noite. Perguntei se elas sempre dormem juntas e ela disse que sempre. Izabela contou que se ela coloca Helena no berço, esta chora. Disse que já bateu nela e que não agüenta mais. Falou também que Helena toma todo seu tempo e que em qualquer lugar que ela vá tem que levá-la.

Helena começou a ficar mais agitada e descia e subia do colo da mãe, fazia birra, jogando seu corpo para traz. Izabela ficou irritada e mandou a filha parar, pegando-a com força e pondo-a no colo. Havia uma xícara, de brinquedo, no sofá e Izabela deu para a filha na

tentativa de entretê-la. Helena repetia sem parar: "*mã, mã*." Izabela respondia a seus chamados, mas demonstrava irritação.

Perguntei com quantos anos saiu de casa e ela disse que foi aos treze anos. Perguntei o motivo e ela disse que foi depois de seu pai ter batido nela. Contou que seus pais não moram juntos e, sempre que ela dava muito trabalho para sua mãe, esta lhe mandava para a casa do pai. No ano de 2007 passou nove meses em outro abrigo para jovens mães e saiu de lá para ir para casa de sua mãe. Ficou 2 meses e saiu novamente de casa. Não disse o motivo, mas demonstrava mágoa e os olhos enchiam de lágrimas. Ficou abrigada em um Centro de Referência da Criança e do Adolescente (CRECA) e depois foi transferida para o abrigo onde vive atualmente.

Perguntei sobre a gestação. Ela disse que não foi planejada. Perguntei se tinha algo de bom na maternidade e ela disse que só se for quando Helena crescer. Disse que até hoje não sabe se quer ser mãe. *"É muita coisa pra uma pessoa só!"* Perguntei se ela já havia pensado em se separar de Helena e ela disse que pensa nisso todos os dias. Perguntei por que ela não o tinha feito até agora e ela disse que não sabia.

Conforme íamos conversando Izabela parecia se fechar e se proteger. Passou a responder as perguntas de forma direta e, algumas vezes, falava "*não sei*". Demonstrou seu medo de se expor. Enquanto estava lá, Helena começou a soltar-se um pouco mais e a andar pela casa, sempre voltava para onde estávamos sentadas. Quando chegava fazia um pouco de manha, mas já não queria ficar o tempo todo no colo da mãe. Helena atende a todas as ordens que sua mãe lhe dá, principalmente quando Izabela engrossa a voz. Por exemplo, *"pega a chupeta"; "pega o copo*." São ordens diretivas e Izabela tem uma fala firme e brava.

Ficamos alguns minutos em silêncio, o que não aconteceu somente uma vez. Perguntei a Izabela se estava tudo bem e se ela queria continuar a conversar. Ela respondeu que sim. Perguntei se ela tinha lembranças boas da família, de sua mãe. Ela balançou a cabeça dizendo que sim. Perguntei quais eram e ela disse que se lembra do primeiro abraço que sua mãe lhe deu. Perguntei quantos anos ela tinha e ela disse que tinha três anos. Ficou emocionada, mas não chorou.

Perguntei se ela havia ficado na rua, depois de sair de casa. Ela disse que ficou quatro meses, nas proximidades da rodoviária do Tietê. Perguntei se ela se arrepende de alguma coisa dessa época. Ela disse que se arrepende de se envolver com pessoas erradas, mas não quis falar mais.

Izabela estava triste, com os olhos lacrimejando. Perguntei se ela queria me contar o que estava sentindo. Ela fazia sinal de negativo com a cabeça. Estava chovendo e Helena, que

ficou mais ativa no decorrer da entrevista, queria sair para o quintal. Izabela não se levantou para buscar a filha até que outra adolescente falou que Helena estava saindo no quintal em direção a cozinha. Então, ela se levantou pegou a filha e fechou a porta. Helena começou a se jogar no chão e fazer birra, mas logo parou.

Perguntei se ela gostava de alguma menina da casa e ela falou que não, que todas são falsas. Perguntei se no outro abrigo ela havia feito alguma amizade e ela disse que sim.

Helena ficava tentando abrir a porta para ir até o quintal, mas como não conseguia, chorava. Izabela chamava a filha para vir até onde estávamos sentadas; Helena parava e vinha até a mãe, mas depois voltava a passear.

Izabela ficou quieta e introspectiva. Começou a chorar, mas não queria falar o porquê. Fiquei ao seu lado e depois de alguns minutos tentei novamente perguntar-lhe o motivo e se ela gostaria de falar mais alguma coisa. O tempo que havíamos combinado já tinha acabado, mas como Izabela ficou bastante mobilizada, na fui embora até que ela pudesse se acalmar. No momento em que chorou com mais força sua filha se aproximou e olhou-a. Passou sua pequena mão no rosto da mãe e subiu em seu colo. Tentou dar-lhe sua chupeta, colocá-la em sua boca. Izabela falou *"a mamãe não quer a chupeta*". Helena desceu de seu colo choramingando e foi até a porta. Ficou triste quando viu a mãe chorando.

Já estava na hora do jantar das crianças. Chamei Izabela para lavar seu rosto e se acalmar. Helena se aproximou novamente e levou para sua mãe um pedaço de papel que eu havia pegado no banheiro. Izabela se levantou e foi até o lavabo. Já estava mais calma. Perguntei se nossa conversa a incomodou e ela disse que não, que gostaria de continuar os encontros.

Durante o encontro ela também teve momentos em que demonstrou carinho no contato com sua filha, beijando-a, mas parecia estar cansada e a pegava como quem carrega um "saco de batatas". Helena também é dura. Quase não interagiu comigo, embora tenha um olhar muito expressivo e tente nos comover com ele; não dá confiança para quem não conhece.

Izabela disse que está aguardando ser chamada por um projeto da região para iniciar acompanhamento psicológico. Nos despedimos; ela estava mais calma e foi dar jantar à filha.

2º Encontro – 15/08/08

Quando cheguei no abrigo, Izabela estava assistindo a um filme na sala TV (Harry Potter e a Pedra Filosofal). Havia outras meninas que também estavam no local e Helena estava em seu colo choramingando. Cumprimentei-a e depois falei com Helena, mas esta falou *"não*". Estava brava.

Perguntei para Izabela se poderíamos ir para outra sala para conversarmos. Ela riu, colocou as mãos no rosto e falou que o filme estava legal, mas levantou-se e foi em direção a sala de visita, ao lado. Chamou a filha que depois de alguns segundos veio trazendo o tênis de sua mãe.

Ela colocou a Helena no colo, eu tentei um contato com a mesma, mas essa virou o rosto, falou "*não*", depois me olhou brava. Eu perguntei para Helena se ela estava brava, mas ela é muito séria e não quis conversa. Perguntei para Izabela se sua filha estava melhor da virose, ela disse sim, mas continua apresentando diarréia. Helena escorregava pelo colo da mãe para ir ao chão. Andava pela casa, mas logo voltava. Izabela estava mais sorridente, parecia estar mais alegre do que na última semana. Eu perguntei se ela estava bem, ela disse que sim. Comentei que ela aparentava estar mais feliz, ela sorriu. Perguntei como foi a semana no abrigo, uma vez que os educadores estão em greve e elas estão tendo que ajudar mais na organização da casa e de suas próprias coisas. Ela disse que estava bem, que ainda não sabe como as coisas vão ficar por lá, mas até que a semana foi calma.

Perguntei como estava a relação dela com as outras meninas e ela disse que não estava conversando com quase ninguém, só um pouco com uma das meninas do abrigo. Perguntei o motivo e ela disse que elas eram muito falsas, que por traz só sabem falar mal.

Helena vinha até sua mãe, ora queria colo ora queria ir para o chão. Estava de blusa, meia, tênis e fralda, mas não estava usando calça. Pedi para que Izabela me falasse um pouco sobre sua filha, se ela achava Helena agitada ou calma. Ela disse que acha a filha muito agitada. Pedi para ela me falar alguma qualidade de sua filha e ela disse que esta lhe consola quando ela fica triste e é mais legal quando ela quer brincar.

Continuei tentando me aproximar de Helena, mas ela olha brava e não quer brincadeira, nem conversa. Izabela puxou a filha para dar um beijo, mas ao soltá-la esta caiu no chão e bateu a cabeça. Izabela socorreu a filha pegando-a no colo; depois de alguns minutos Helana se acalmou. Izabela estava interessada no filme e, com a filha encaixada em sua cintura, virava-se para ver a TV. Então, percebi que ela não queria conversar e perguntei se ela queria ir para sala de TV, ela disse que sim.

Izabela sentou-se em uma poltrona com a filha no colo. Esta última se aconchegou e apoiou sua cabeça no ombro da mãe. Coloquei uma cadeira próxima a sala, onde fiquei até o final do encontro. Depois de alguns minutos, Helena levantou-se do colo da mãe para ficar andando. Na sala de TV havia outras meninas assistindo ao filme. Uma delas está grávida e cuidava da filha de uma colega que havia saído para trabalhar. Helena foi até o sofá, onde estava a outra criança, que deve ter uma idade bem próxima a sua, e uma começou a provocar

a outra. Helena tomava um chute, chorava, mas devolvia com um tapa. A adolescente que está grávida chamou a atenção de ambas, mas logo elas voltavam a se bater. Izabela não estava muito preocupada e continuava a assistir TV.

A adolescente que estava cuidando da criança foi chamada pela coordenadora e teve que se ausentar. Izabela ocupou seu lugar no sofá e passou a cuidar da outra criança que ficou desamparada e começou a chorar. Helena se aproximou e quando ia bater na outra menina, que estava no colo de sua mãe, Izabela lhe falou: *"se você bater nela, eu vou bater em você*." Helena começou a chorar. Izabela falou: *"Pode chorar que faz bem*". Helena sentou no chão e ficou chorando até que uma voluntária da casa passou e viu a cena. Ela falou para Izabela: *"Não deixa ela chorando, pega ela no colo também*." Izabela pegou a filha e colocou no outro braço. Disse que as crianças estavam assim porque estavam com sono, sacudindo as duas para elas dormirem. Ambas continuavam a se provocar com chutes e Izabela brigava. Realmente as duas pareciam querer descansar, coçavam os olhinhos e faziam manha. Com o tempo a outra menininha adormeceu e Izabela a colocou no sofá.

Helena, no entanto, não dormiu e desceu novamente para o chão. Ela foi até outra criança, bem mais nova do que ela, que estava segurando um pedaço pequeno de madeira. Helena queria pegar essa madeira do bebê, mas a mãe deste falava: "*Isso não é de comer, não vou te dar*." Helena ficou brava, falava *"não*", chorava. Depois de algum tempo o bebê, que saiu momentaneamente da sala para ser trocado, deixou a madeira de lado e Helena a pegou. Izabela continuou a ver o filme enquanto a filha se distraia com o pedaço de madeira e outros objetos que achava pelo chão. Em um momento de distração, outra criança, dessa vez bem mais velha que Helena, pegou a madeira que estava no chão. Helena começou a brigar com a menina e Izabela falou para esta última devolver a madeira para sua filha. No entanto, suas ordens não eram obedecidas pela criança mais velha e Izabela passou a ameaçá-la, dizendo "*se você não devolver eu vou aí pegar, vai ser pior*!" Receosa, a criança devolveu à Helena o pedaço de madeira.

Durante toda observação Helena não interagiu comigo, negando-se a aproximar-se ou receber qualquer carinho. Em todas as tentativas feitas ela me olhava brava e falava "*não*". Também não demonstrou afeto a outras pessoas ou crianças. É uma criança resistente e que se defende do contato com o outro.

3º Encontro – 22/08/08

Quando cheguei no abrigo Izabela estava lavando o quintal, Helena estava sentada em um banco de madeira vendo a mãe. Cumprimentei-as, mas Helena já me olhou brava e falou "*não*". Então me aproximei dela e perguntei se ela nunca ia deixar eu me aproximar. Izabela riu e eu fui sentar ao lado de sua filha.

Helena virava de costas pra mim e falava "*não, não*". Então comecei a falar "*sim, sim*". Ela me olhava desconfiada, virava novamente chamava a mãe e continuava: *"não*". Para cada "não" eu dizia um "sim". Ela chamou pela mãe e eu fiquei sentada no banco ao seu lado. Depois de alguns minutos falei para Helena que se ela não quisesse falar comigo não precisava.

Perguntei a Izabela se ela era brava assim com todo mundo e ela falou que Helena é brava, mas comigo é mais. De fato, Izabela deixa outras pessoas se aproximarem dela, mas no geral não fica no colo de ninguém que não seja sua mãe. É uma criança muito observadora. Izabela perguntou para a filha se ela queria água, mas esta não respondeu. Mesmo assim Izabela colocou água em um copo e deu à filha, que bebeu rapidamente.

Perguntei para Izabela como havia sido a semana. Disse a ela que a coordenadora da casa me contou que ela esteve em uma entrevista de trabalho. Ela disse que foi à entrevista e que esta ocorreu na região central da cidade, próximo do abrigo onde ela estava no ano anterior, quando a conheci. Ela contou que foi até lá para rever algumas pessoas. Perguntei se ainda havia alguma adolescente que ela conhecesse. Ela disse que não e que uma das educadoras de quem ela gostava também não trabalhava mais lá, mas conseguiu falar com uma pessoa da coordenação que lhe deu notícias de suas antigas companheiras. Falou de duas adolescentes que deram suas filhas. A esse respeito comentou: "*são loucas*!" Ainda contou de uma adolescente que foi desabrigada e de outra que foi transferida.

Izabela terminou de lavar o quintal e foi ajudar a moça que estava na cozinha. Apesar do abrigo ainda estar em dificuldades por causa de falta de educadores e precisar da ajuda das adolescentes, Izabela parecia estar arrumando coisas para se ocupar seu tempo e não ter que ficar a sós comigo. Chamou-me para perto da cozinha, colocou a filha em uma cadeira também próxima à porta da cozinha. Falou para irmos conversando enquanto ela ajudava. Até mesmo uma das coordenadoras comentou que Izabela estava disposta a trabalhar nesse dia.

Helena não conseguia ver a mãe de onde estava, começou a chorar e foi atrás da mãe, permanecendo em pé perto da porta da cozinha.

Perguntei a Izabela sobre o período que ela mencionou ter ficado separada da filha (fato relatado em nosso primeiro encontro). Ela contou que quando saiu do abrigo onde morou no ano passado, ficou dois meses na casa da mãe. Após esse período, decidiu ir para uma pensão, mas achou que era melhor para Helena ficar na casa da mãe dela. Segundo ela, sua filha ficou seis meses com a avó, ou seja, dos cinco aos onze meses de idade. Ela conta que nesse período fazia visitas à filha

Estava caindo a tarde e começou a esfriar. Helena estava com um vestido sem mangas e descalça. Estava com o nariz escorrendo e perguntei a Izabela se sua filha estava resfriada. Ela disse que sim e falou que ia trocar sua roupa. Subimos para o quarto, Helena foi no colo da mãe. Assim que chegamos no final da escada, Izabela colocou a filha no chão para que esta andasse até o quarto, mas Helena se jogou no chão, chorando e fazendo birra porque queria continuar no colo da mãe. Fiquei olhando para ela e ela olhava brava para mim, com o tempo esqueceu-se de fazer birra e só ficou me olhando.

Izabela trouxe uma roupa e pegou Helena levando-a até sua cama (elas dormem juntas). Helena começou a brincar com a mãe quando esta começou a tirar sua roupa, jogando-se na cama, espreguiçando. Izabela correspondia à brincadeira e as duas davam risada. Izabela fazia cócegas na filha, que se jogava para traz e dava "mordiscadas" no braço da mãe. Izabela falava para Helena não mordê-la, mas dessa vez não usava um tom agressivo, como costuma fazer com a filha. Helena ria muito; ela começou a brincar de esconder o tênis de sua mãe. Izabela entrou na brincadeira e assisti a um momento de carinho e diversão da dupla. Helena desceu da cama e ainda me dizia "*não*". Enquanto trocava a filha, Izabela mostrou alguns panos de prato que aprendeu a bordar em uma igreja perto do abrigo. Um dos panos tinha bordado de flores.

Voltamos ao quintal e Izabela continuou a limpeza. Ela colocou a filha em um cadeirão perto do local onde estava, mas Helena queria bagunçar e ficava em pé no cadeirão. Izabela engrossou a voz e falou para a filha: "*Senta aí*!" Mas era só Izabela virar de costas que a filha ficava em pé novamente. Izabela foi limpar o quintal dos fundos, deixando Helena ali no cadeirão. Esta se entretinha com suas mãos e dedos. Depois de algum tempo, mais ou menos um minuto, ficou novamente em pé no cadeirão. Me aproximei de Helena e, em princípio, ela me olhou desconfiada. Me escondi atrás de uma coluna e depois de alguns segundos apareci para ela. Helena começou a gostar da brincadeira e passou a me procurar com o olhar cada vez que eu me escondia, dava risada cada vez que eu aparecia, assim começou a nossa aproximação de fato. Como Izabela estava demorando, perguntei a Helena se ela queria ir procurar a mãe e ela esticou os braços em minha direção. Peguei-a no colo e fomos atrás de

Izabela. Quando a encontramos, falei para ela que sua filha estava começando a ficar minha amiga e ela deu risada.

Disse para Izabela que nosso tempo já estava quase acabando e perguntei se ela poderia deixar um pouco o que estava fazendo para conversarmos. Ela disse que já estava acabando. Logo se aproximou e Helena estendeu os braços em sua direção.

Fomos para o salão. Helena estava mexendo em uma tomada e eu falei que ela tomaria um choque, mas Izabela falou que não, que ela sempre mexia ali. Perguntei se ela se achava parecida com a filha e ela disse que um pouco, principalmente o jeito "marrudo". Izabela colocou a filha sentada a seu lado, mas esta queria sair, andar, mexer nas coisas. Ela advertiu a filha para não sair no quintal e segurou-a. Parecia que Helena ia chorar, mas depois começou a fazer graça e Izabela começou a fazer cócegas nela.

Às vezes, quando vai segurar a filha, Izabela é um pouco bruta; além disso, brinca dando "uns tapinhas" na mesma. A reação de Helena quando isso acontece, ou seja, quando leva esses tapinhas, é sorrir para a mãe; ela parece entender esta atitude como carinho. Izabela deu ordem para a filha deitar e Helena obedeceu, estava com um pouco de sono, coçava os olhos.

Perguntei para ela se tinha planos para a filha, o que ela imaginava para Helena. Izabela pensou e disse que não tinha planos, só achava que Helena deveria estudar. Perguntei também se ela lembrava de sua infância. Ela disse que não e parou com o assunto. Outra criança do abrigo entrou no salão e Izabela dispersou sua atenção. Saiu atrás da criança e logo Helena foi atrás da mãe. Nosso tempo já tinha terminado e eu saí do salão para me despedir de das duas. Helena, no colo da mãe, aceitou um carinho meu e sorriu quando me despedi. Izabela me deu um abraço e perguntou que horas na próxima semana ela deveria me esperar. Eu lhe disse que nosso horário era sempre às 15:00 h.

4º Encontro – 29/08/08

Cheguei ao abrigo e fui até a lavanderia aonde Izabela lavava sua roupa e a da filha. Esta última estava sentada em um carrinho de bebê, um pouco apertado para ela, colocado próximo a sua mãe.

Cumprimentei Izabela e quando me aproximei de Helena ela me olhou brava e falou *"não*". Izabela foi buscar uma cadeira para eu me sentar ali também. Tentei me aproximar de Helena, conversando com ela. Esta virava o rosto, mas depois me olhava de canto. Depois de alguns segundos começou a olhar para mim de frente, mas ainda mantinha uma expressão fechada. Estava frio e ela estava com uma blusa de manga comprida e shorts. Coloquei a mão

em suas pernas, que estavam geladas. Comentei que suas pernas estavam frias. Izabela falou que ela havia tirado o tênis e touca. Izabela pegou uma touca e colocou em Helena e falou de forma brava para ela não tirar.

Sentei-me na cadeira e fiquei observando as duas. Izabela esfregava as roupas enquanto Helena tentava arrumar alguma coisa para se entreter. Ora olhava para seu pé, aproximando-os de seu tronco, ora revirava-se no carrinho, e acabou descobrindo que podia ficar em pé no mesmo. Quando Izabela viu gritou com a filha para que esta voltasse a sentar. Helena obedece a mãe, olhando fixamente para a mesma, mas, assim que Izabela virou de costas e Helena tentou ficar em pé novamente. Izabela repetiu algumas vezes para a filha sentar, mas esta falava *"não*", até que Izabela se irritou e foi até a filha colocando-a com força sentada no carrinho, dizendo para ela não se levantar mais. Enquanto a mãe se aproxima, Helena olhava fixamente para ela. Izabela voltou para o tanque e Helena ficou quieta no carrinho por um tempo.

Perguntei para Izabela sobre o pai de sua filha, se ela ainda tinha contato com ele. Ela contou que viu o mesmo há duas semanas. Perguntei aonde ela tinha encontrado com ele e ela respondeu que foi até seu antigo trabalho e que este mora lá perto. Perguntei como havia sido e ela disse que ele não reconhece a paternidade de Helena porque não tem teste de DNA. Perguntei por que ela resolveu ir vê-lo, se ainda gostava dele. Ela disse que não gostava, que engravidou na primeira vez que eles transaram. Contou que foi atrás dele porque o abrigo estava em uma situação financeira difícil e ela foi pedir para ele comprar fralda para Helena Perguntei se ele é mais velho e ela contou que ele tem 25 anos.

Perguntei sobre seu trabalho. Ela riu e disse que trabalhava em um drive-in. Perguntei o que ela fazia, ela disse que entregava os kits para os clientes. Perguntei se ela já tinha tido outros empregos. Ela disse: *"já trabalhei bastante graças à Deus*!" Perguntei o que ela havia feito e ela disse que já trabalhou em loja, já vendeu salgadinho na rua. Perguntei quem fazia os salgadinhos e ela disse que era ela mesma, aprendeu com sua mãe. Contou que esta fazia vários salgadinhos aos finais de semana e ela ficava observando como estes eram feitos.

Perguntei se não havia chance de voltar a conviver com a mãe. Ela disse que não dá para elas morarem juntas. Perguntei o motivo e ela disse que elas são muito parecidas.

Helena "brincava" com seus pés e cada vez que ficava em pé no carrinho Izabela gritava para ela sentar, mas Helena começou a demonstrar cansaço em ficar no carrinho, estava irritada, começou a choramingar e bocejar. Izabela chamava-a de "chata" e Helena ficava olhando para a mãe. No entanto, Izabela continuava a lavar roupa. Havia um saco cheio de

roupa para lavar e ela já havia lavado muita roupa da filha. Ela disse que não gosta de lavar roupa e que acaba deixando acumular. Disse que Helena suja muita roupa e dá muito trabalho.

Uma das adolescentes aproximou-se de onde estávamos e perguntou a Izabela se esta ainda ia demorar para acabar de lavar a roupa, pois precisava lavar uma peça antes de sair para a escola. Izabela disse que ainda faltava bastante, mas disse para a colega que nós iríamos um pouco para o salão, enquanto isso ela poderia usar o tanque.

Ela pegou o carrinho onde Helena estava e foi indo em direção ao salão. Abriu a porta do mesmo usando o carrinho onde a filha estava e esta começou a chorar, pois assustou com a batida do carrinho na porta. Sentamos no sofá e ela perguntou para Helena se ela queria sair do carrinho. Helena ficou satisfeita; foi até uma estante onde ficam alguns livros, pegou dois e começou a folhear os mesmos. Izabela gritou com a filha para esta colocar os livros no lugar. Helena olhou para a mãe, mas não obedeceu. Izabela falava para ela *"não, não, não! Põe no lugar Helena!".* Ela começou a andar em nossa direção segurando os livros e Izabela gritou novamente. Helena deu meia-volta e foi em direção a estante. Colocou um livro, mas segurou o segundo. Izabela ameaçou ir até onde a filha estava, mas Helena abraçou o livro, olhou para mãe e levantando a mão falou: "*não, não, não*", imitando os "nãos" da mãe. Izabela falou para ela trazer o livro. Helena por um minuto ficou entusiasmada com o convite de sua mãe e quando chegou perto da mesma, esta tomou o livro de sua mão e pegou-a com força, colocando-a sentada a seu lado. Disse que ela tinha que aprender a obedecer. Helena ficou brava com a mãe e, novamente, levantou sua mão e disse: "*não, não, não*". Izabela mandou ela abaixar a mão. Helena começou a fazer graça para a mãe, que estava brava e falando sério com ela. Ela queria brincar com a mãe; começou a dar risadinhas e "mordidinhas" no braço de Izabela que começou a rir, mas falou para ela não morder seu braço. Helena levantou a mão novamente para a mãe e esta última começou a dar tapas em sua mão. Helena reagiu como se fosse uma brincadeira e achava graça dos tapas que sua mãe dava em sua mão. Mesmo quando Izabela está brincando ou fazendo carinho em sua filha, mostra-se agressiva. Seus tapas não eram fracos, mas Helena entendia que sua mãe estava "brincando" com ela.

Perguntei a Izabela se ela se lembrava de momentos bons com sua mãe. Ela disse que não. Disse que quase não se lembra de sua vida antes dos 13 anos, idade que saiu de casa. Disse que o que lembra não é bom, como por exemplo, da relação de sua mãe com sua irmã mais velha, com quem sua mãe era carinhosa, segundo ela.

Perguntei sobre a época em que esteve na rua, sobre os perigos que passou. Ela disse que viu gente sente estuprada e morta, que não e fácil, mas não contou mais do que isso. Fala de uma maneira distante dessa época.

Helena estava tossindo, mas andava descalça pelo salão. Certa hora Izabela perguntou à filha se ela estava com frio, mas não tomou nenhuma atitude para reparar essa situação, deixando Helena com a mesma roupa.

Nosso tempo já estava acabando e Izabela estava ficando um pouco impaciente. Quis ir para sala, onde estavam as outras meninas. Disse que haveria uma reunião entre as meninas e uma das coordenadoras.

Agradeci mais um encontro e encerrei o mesmo. Ela se despediu, perguntou se haveria mais um ou se já tínhamos acabado. Falei que teríamos o nosso quinto e último encontro na próxima semana.

5º Encontro – 05/09/08

Quando cheguei no abrigo, Izabela havia saído para buscar a filha na creche. Poucos minutos depois elas chegaram. Helena estava sendo trazida pela mãe em seu carrinho. Izabela cumprimentou-me e, antes mesmo de se aproximarem, falei com Helena que fez cara de brava e chamou pela mãe ("*mã*"). Quando chegaram perto de mim, percebi que Helena estava com um dos dedos machucado, mas ela não deixou que eu a tocasse, nem para fazer um carinho.

Fomos para o salão e a uma das partes da porta de vidro estava quebrada. Comentei que o vidro estava quebrado e Izabela contou que havia sido ela. Perguntei o que havia acontecido e ela contou que discutiu com uma das meninas e, com raiva, bateu a porta, quebrando o vidro.

Havia um cercadinho no salão e, apesar de estar sujo, com pedaços de bolacha, Izabela colocou a filha lá dentro. Pegou a mochila de Helena e foi ver seu caderno para saber se a professora tinha visto o bilhete que ela mandou. O bilhete não estava assinado e Izabela tirou as roupas que estavam dentro da mochila, dobrou-as e colocou as mesmas dentro da mochila novamente.

Helena estava quieta no cercadinho. Ficou sentada na mesma posição que sua mãe a colocou, de costas para nós. Estava comendo os pedaços de bolacha que achou lá dentro. Comentei com Izabela que sua filha estava comendo as bolachas, mas ela não se incomodou. Chamou Helena para sentar em seu colo, mas esta não quis. Helena falava "*não*", sua mãe lhe perguntava se ela queria sair e ela repetia "*não*". Izabela insistiu e tirou um pedaço de bolacha da mão da filha, tentando-a convencer de sair do cercadinho. Helena ficou em pé e esticou a mão em direção a bolacha, colocada em uma mesinha, ao lado do sofá onde estávamos sentadas. Izabela apertou o rosto da filha, que por sua vez, deu risada. Izabela começou a brincar com Helena, pegando-a com força. Puxou para perto de si e a soltou, Helena se

desequilibrou e caiu no cercadinho, Izabela deu risada. Helena deitou, começou a brincar com seu pé, mordia suas sandálias. Passou a morder tudo o que encontrava no cercadinho.

Izabela contou que Helena morde as crianças na creche e que chegou no dia anterior com uma mordida no dedo. Estava se referindo ao machucado que eu havia visto. Izabela disse que perguntou à professora o que tinha acontecido e esta lhe contou que Helena mordeu um menino e ele devolveu a mordida. Izabela, então, disse que não deu importância porque sabe que a filha morde e bate nas crianças mesmo. Segundo ela, Helena também faz isso no abrigo, bate em todo mundo.

Helena achou uma bolinha de borracha dentro do cercadinho e começou a mordê-la. Izabela pediu para a filha jogar a bola. Helena deu a bola para sua mãe e esta jogou-a de volta, batendo no rosto da filha, que deu risada. Então, Izabela começou a jogar sistematicamente a bola no rosto da filha. Helena parece já ter se acostumado com a "mão pesada" de sua mãe. As brincadeiras de Izabela com sua filha envolvem, na maior parte das vezes, força. O toque é abrutalhado.

Perguntei a Izabela se ela lembrava como se sentiu quando soube que estava grávida. Ela disse que não lembrava. Perguntei se ela havia ficado feliz, ela balançou a cabeça fazendo sinal de negativo.

A bola caiu fora do cercadinho e Helena olhou para o chão, olhou para a mãe e falou "*dá*". Izabela tirou a filha do cercadinho e falou para ela mesma ir pegar a bola. Esta foi e depois de pegar a bola deu a mesma à sua mãe. Izabela então passou a jogar a bola para a filha ir buscar. Divertia-se em ver a filha obedecendo a suas ordens. Até hora em que Helena passou a fingir que não escutava mais as ordens da mãe; ela começou a dar voltas pelo salão, pegar outros objetos, subir no carrinho. Izabela disse que a filha não a obedece, que é muito teimosa.

Izabela bocejava e disse que estava com sono pois Helena não a deixava dormir. Falou que, às vezes, a filha vai dormir meia-noite e acorda às seis da manhã. No entanto, naquele dia teve que chamar a filha para ir para creche, pois esta não queria acordar.

Izabela chamou Helena com um tom de voz bravo. Chamou-a por seu apelido, mas com um tom áspero. Helena se aproxima da mãe e vê a bolacha que esta havia pegado e colocado ao lado do sofá. Ela escala o sofá para chegar até a bolacha, mas quase não tem aonde apoiar seu pé para chegar no local onde queria chegar. Izabela alerta a filha que ela pode cair e segura-a pelo braço. Ainda assim, Helena não pára e consegue subir. Izabela coloca a filha de volta no chão a filha e, ao tentar subir novamente, Izabela fala duro com Helena e diz a ela que não pode subir. Helena começa a fazer birra e Izabela comenta que não sai nenhuma

lágrima, é só manha. Helena tenta várias vezes chegar até a bolacha e em todas elas é repreendida. Ela chega a levantar sua mão na direção da mãe, mas logo abaixa.

Izabela resolve trocar a roupa filha. Estava anoitecendo e ela diz que lá fora está frio. Helena fica impaciente, não queria trocar de roupa. Enquanto trocava Helena no sofá, esta última aceitou brincar um pouco comigo. Ela gosta quando escondemos o rosto e depois voltamos. No entanto, não deixou que eu encostasse nela. Ao menor sinal de aproximação física, Helena fala "*não*" e junta as mãozinhas, esfregando-as e voltando seu olhar para as mesmas. Mostra seu incomodo com qualquer aproximação física, retirando seu olhar e retraindo seu corpo na direção contraria.

Depois de trocada, Helena volta a andar pelo salão e encontra com uma das responsáveis pelo abrigo, que entrou para colocar uma bandeja sobre a mesa. Helena pede auxilio para esta para dobrar a manga de sua blusa. Logo depois sai do salão.

Estávamos no final do encontro e eu agradeci Izabela por sua participação na pesquisa. Ela me disse que se eu quisesse continuar indo até lá para ficar junto dela, mesmo tendo concluído os cinco encontros, eu poderia ir. Falei que iria conversar com a coordenadora e depois voltaria a falar com ela. Nos despedimos com um abraço.

CASO 3

Bia – 17 anos

Gabriel – 10 meses

1º Encontro – 08/09/08

Esperei alguns minutos na sala de visita enquanto uma das educadoras foi chamar Bia. Esta veio carregando Gabriel nos braços, ele estava dormindo e assim permaneceu até o final do encontro. Bia estava descabelada. Disse que havia terminado de arrumar a sala e subiu para descansar um pouco.

Expliquei a ela os procedimentos e objetivos da pesquisa. Falei sobre o número de encontros, sobre o sigilo e a possibilidade dela desistir a qualquer momento. Ela concordou em participar.

Perguntei há quanto tempo ela está no abrigo e ela contou que está lá há 10 meses, desde que o filho nasceu. Disse que antes estava no Amparo Maternal, foi para lá no início da gravidez. Perguntei com quem ela morava antes de engravidar e ela disse que era com sua avó. Perguntei por que ela teve que ir para o Amparo. Ela ficou me olhando e eu perguntei se sua avó não tinha aceitado sua gravidez. Ela responde que ela aceitou, não soube explicar o motivo pelo qual foi levada para o Amparo Maternal.

Perguntei sobre sua mãe e ela disse que morava com ela antes, mas que a casa era de uma prima de sua mãe e era emprestada. Quando ela morreu seus filhos pediram a casa de volta e Bia, os irmãos e sua mãe foram morar com a avó em Franco da Rocha. Lá engravidou de Gabriel. Ela contou que conhecia o pai de Gabriel desde criança e quando foi morar com avó eles começaram a namorar e depois de cinco meses ela engravidou. Disse que eles se relacionaram sexualmente apenas duas vezes, mas em nenhuma delas usou preservativo. Perguntei o motivo de não se prevenir e ela disse que nem pensava nisso. Perguntei como ela descobriu que estava grávida e ela contou que foi o pai de Gabriel que descobriu. Disse que ele trouxe remédio para ela tomar e tirar o filho, mas ela se recusou. Segundo ela, nunca pensou em abortá-lo. Depois disso ele não olhou mais para cara dela e ela também não quer mais encontrá-lo.

Durante a entrevista Bia segurava o filho que dormia profundamente. Perguntei sobre sua gravidez e ela disse que foi boa. Perguntei se ela sentia o filho mexer em sua barriga e ela disse que sim. Perguntei se conversava com ele e ela também disse que sim. Perguntei como era para ela ser mãe e ela disse que era bom. Contou que logo aprendeu a cuidar dele, deu banho no primeiro dia. Perguntei sobre a amamentação e ela disse que ainda amamenta e que Gabriel quase não come comida sólida. Perguntei se ela gosta de amamentar e ela disse que gosta e que pretende amamentar até quando ele quiser. Perguntei se havia algo de ruim na maternidade e ela disse que não.

Perguntei a Bia se ela lembrava da época de sua infância e ela disse que não, muito pouco. Às vezes nem se lembra de quando tinha 14, 15 anos. Perguntei sobre a reação de sua mãe quando ela contou que estava grávida. Ela disse que a mãe reagiu bem, não se lembra muito, mas diz que ela não ficou brava. Perguntei como era sua relação com sua mãe e ela disse que esta lhe batia muito e que ela e as irmãs começaram a fugir de casa. Batia principalmente nela e em sua irmã de 15 anos, que também está lá no abrigo. Além das duas, há uma terceira que também está lá. Perguntei por que as outras irmãs não estão com a avó e ela disse que sua avó não as quer por lá porque bagunçam muito e fogem também, vão para a rua.

Perguntei por que elas fugiam e ela falou que era porque apanhavam muito de sua mãe. Disse que apanhava sem motivo. Lembra-se de um dia que arrotou à mesa, sem querer, e sua mãe lhe jogou uma colher que bateu em sua testa e fez um corte, sangrando muito. Disse que após as surras, ela e as irmãs passaram a fugir de casa sistematicamente. Bia contou que quando tinha sete anos seu pai tentou estuprá-la, mas sua mãe viu e colocou-o para fora de casa. Disse que ele não conseguiu consumar o fato. Perguntei se ele já havia tentando com alguma outra irmã e ela disse que sim, com sua irmã nova, mas que ao contarem o fato para a mãe esta não acreditou, só quando o flagrou é que tomou uma atitude.

Bia contou que depois que sua mãe se separou de seu pai, ela passou a agredi-las. Disse que antes as arrumava para ir à escola, observava se realmente iam para aula, mas depois do que ocorreu com o pai e o colocou para fora de casa, ela passou a ser negligente com os filhos.

Bia ficou na rua por três anos. Perguntei sobre a vida na rua e ela disse que ela e as irmãs ficavam sempre juntas e não se misturavam. Disse que o irmão mais velho foi para a rua com oito anos de idade, hoje ele é maior de idade e está há mais de 1 ano na Fundação Casa. Contou que seu pai batia muito em seu irmão, o único filho homem. Disse que, do pai, apanhou uma vez quando cabulou aula e ele descobriu. Perguntei se ela havia se envolvido com droga e ela disse que usou cola, tiner, maconha. Perguntei se ela sentia falta e ela disse que não, que nunca ficou dependente da droga, diferente de seu irmão que roubava muito para comprar a droga.

Perguntei quantos irmãos ela tem e ela disse que eles são cinco. O mais velho está preso, a menina mais velha é casada, depois vem ela e as duas irmãs que estão no abrigo, ainda tem uma de doze anos que ninguém sabe onde está. Contaram para ela que o namorado de sua irmã a levou para o interior, mas não se sabe para onde e nem se é verdade.

Bia olhava para o filho enquanto o segurava. Viu que ele estava transpirando e afrouxou o laço da touca que ele estava usando. Falou para eu me aproximar e ver os dois dentinhos que

estão nascendo na parte superior. Gabriel já tem dois dentes na parte inferior. Perguntei se ele estava manhoso por causa dos dentes e ela disse que não. Perguntei se ela pensa em ter mais filhos e ela disse que sim, quer ter uma menina. Disse que quando estava grávida de Gabriel achava que era uma menina e mesmo quando já sabia que era um menino, continuava comprando roupa de menina. Contou que quando estava no Amparo Maternal conseguiu um emprego em uma loja e com esse dinheiro comprava algumas coisas para o bebê.

Perguntei se ela gostou do Amparo e ela disse que não, porque era muita gente, mais ou menos cem meninas. Perguntei se ela gostava do abrigo onde está e ela disse que não. Às vezes pensa em fugir; se não tivesse filho já teria fugido como fez das outras vezes. Bia, então, contou que já passou por muitos abrigos, mas sempre fugiu. Disse que há anos sua mãe perdeu a guarda dos filhos, por não cuidar dos mesmos, e desde então ela vive com as irmãs em abrigos. No entanto, como elas fogem, acabam retornando para casa da avó, mas logo voltam para rua e de lá são encaminhadas novamente para os abrigos. Então consegui entender por que ela foi encaminhada para o Amparo Maternal quando engravidou, uma vez que não foi expulsa de casa nem pela mãe nem pela avó, como havia contado. Perguntei por que ela fugia dos abrigos e ela disse que é porque ela não gostava de ficar lá.

Uma das irmãs de Bia aproximou-se de onde estávamos e eu perguntei se ela ajudava a cuidar de Gabriel. Ela (a irmã) disse que fica com ele enquanto Bia vai para a escola. Bia está fazendo a 7ª série do ensino fundamental no período noturno. Perguntei se ela havia procurado vaga na creche para colocar Gabriel e ela respondeu que sim. Disse que não queria colocá-lo em creche porque tem medo que alguém bata nele, mas que tem que procurar emprego. Perguntei se ela já havia batido nele e ela disse que já deu *"uns tapinhas em sua fralda*", mas nunca bateu nele de verdade. Ela diz que é a menina mais paciente com o filho que tem lá no abrigo.

A irmã de Bia se afastou e ela contou que sua irmã grita muito. Contou que as irmãs estão lá há três semanas porque ela pediu para a coordenadora do abrigo ir buscá-las na rua. Perguntei como ela sabia onde as duas estavam e ela disse que elas ficam sempre no mesmo lugar, na região de Vila Prudente, bairro da capital paulista.

Perguntei se ela tem planos para o futuro e ela disse que pensa em trabalhar para alugar uma casa e morar com Gabriel, sua mãe e suas irmãs. Falava como se estivesse contando um sonho, nem ela mesma parecia acreditar no que dizia, mas demonstrou a vontade de voltar a conviver com sua mãe. Disse que entende sua mãe, afinal não deve ser fácil ver a pessoa com quem ela viveu tanto tempo fazer aquilo que ele fez (referindo-se a tentativa de estuprá-la).

Nosso tempo já estava acabando e eu agradeci pelo encontro. Disse a ela que na próxima semana estaria lá no mesmo dia e horário. Ela perguntou se não poderia trocar o dia da semana para o dia em que ela tem que ajudar na cozinha. Disse a ela que nossos encontros não poderiam atrapalhar sua rotina no abrigo. Ela riu e nos despedimos.

2º Encontro – 15/09/08

Bia estava no quarto quando cheguei e Gabriel dormia no sofá da sala de TV. Ela desceu para avisar que a energia elétrica havia voltado e subiu novamente quando me viu, mas sua irmã mais nova gritou para ela descer. Bia veio arrumando os cabelos que estavam despenteados.

Fomos para sala de TV onde Gabriel estava. Ela disse que ele tinha que acordar porque estava quase na hora dele almoçar. Ela o levantou e colocou-o no colo. Chamava por ele, mas este estava sonolento. A irmã mais nova de Bia queria que eu conversasse com ela e não queria nos deixar a sós. Bia colocou uma calça a mais no filho porque estava muito frio neste dia e pediu para sua irmã ir buscar um par de meias para Gabriel. Só então, depois de alguns minutos, é que ela concordou em sair.

Bia contou que o filho já está andando, perguntei se ele andava sozinho ou com o apoio. Ela disse que ele segura nas coisas para ficar em pé. Comecei a conversar com ele e, mesmo sonolento, ria para mim. Olhava fixo e sorria.

Perguntei para Bia como havia sido a semana. Ela disse que estava tudo bem, só que estava com uma gripe muito forte que deixou “atacada” sua sinusite. Ela estava tossindo bastante, mas disse que está tomando remédio. Perguntei se Gabriel já havia ficado doente e ela disse que uma vez ele teve dor de ouvido. Perguntei o que ela fez e ela disse que o levou ao médico.

A irmã de Bia desceu com uma touca e um par de meias e colocou em Gabriel. Ao colocá-lo no chão ele foi para perto da mãe e eu o chamei para vir até mim. Ele estendeu os braços em minha direção, mas ficou com um pouco de medo e preferiu vir engatinhando. Quando estava bem perto estendeu novamente os braços para que eu o ajudasse a levantar. Ele levantou e foi para perto da minha bolsa. Puxava-a para tentar pegar a mesma. Falei para ele que não podia, e ele continuava puxando. Bia falou para Gabriel que não podia, mas ele também não a atendia. Ela disse que era a mesma coisa que não falar nada. Eu disse a ela que ele ainda é muito novo e que, se ela o ensinar, com tempo ele aprende que não pode mexer.

Gabriel puxou a colcha que estava sobre um dos sofás. Estava animado, rindo brincando. Bia falou que ele está pesando 7 kg. Perguntei quando foi a última vez que ele esteve no pediatra e ela disse que foi há 2 ou 3 semanas atrás.

Gabriel engatinhava em direção à escada, mas Bia ia atrás dele e trazia o filho para sala de TV novamente. Bia arrancou uma bolinha feita de lã que ficava na parte superior da touca e deu para o filho brincar. Ele logo colocou na boca. Ela pedia para ele dar e ele abria a boquinha.

Outra criança do abrigo, já um pouco mais velha que Gabriel (com quase três anos), chegou para brincar com ele. Esta criança estava com as calças caindo e Bia chamou-a para arrumar sua roupa. Perguntei se Gabriel tinha ciúmes das outras crianças e ela disse que só às vezes, quando, por exemplo, amamenta outro bebê cuja mãe não tem leite. Bia ficava de olho nas brincadeiras, mas não falou nada quando a outra criança puxou Gabriel para dar um beijo em sua boca. Ela comentou que essa outra criança tem costume dar beijo na boca de Gabriel, alertei-a que esse hábito pode não ser bom para seu filho. Depois de alguns minutos, a mãe da outra criança veio buscá-la.

Perguntei se ela estava achando difícil ser mãe. Ela disse que não. Gabriel começou a soluçar e Bia foi pegar água para dar a ele. Voltou com um copo de água. Perguntei se na casa não havia copos com bico, pois ele estava com dificuldade para tomar água no copo comum. Ela disse que ele tem, mas estava com preguiça de subir até o quarto para pegar. Gabriel tomava água com vontade. Estava começando a ficar com fome. Bia fazia que ia dar o peito, mas alertei-a que se ele fosse amamentado, não ia querer almoçar. Ela disse que quando vai ao médico, ele brigar com ela porque acha que ela não quer dar comida ao filho, mas ele é que não quer comer. Ela diz que o filho dá muito trabalho para comer, não está aceitando a comida salgada. Ele continua a dormir com ela e mamar durante à noite.

Gabriel estava com a mão na boca; coçava as gengivas. Perguntei se os dentes que estavam quase nascendo na semana passada já tinham nascido. Ela disse que sim. Perguntei se, mesmo com os dentinhos, ainda estava bom para amamentar e ela disse que ele morde, mas só quando está com muita fome.

Apesar de estar ficando um pouco manhoso, era fácil distrair sua atenção e ele voltava a brincar. Quando ficou mais irritado começou a se jogar para traz. Bia brigou com ele e falou para ele parar de fazer aquilo, que estava chato. Nosso tempo estava acabando e fomos para o quintal, onde nos despedimos.

3º Encontro – 23/09/08

No dia anterior, 22/09, estive no abrigo para o nosso terceiro encontro. No entanto, Gabriel estava dormindo e para não acordá-lo, combinei que retornaria hoje em outro horário. Ontem, dia 22/09, Bia estava com uma expressão triste e pouco falava. Perguntei se ela estava bem, ela disse que sim. Perguntei sobre o final de semana, ela disse que estava tudo bem. Estava quase indo embora quando perguntei por suas irmãs, que sempre vão me cumprimentar, mas não apareceram desta vez. Ela, então, contou que sua irmã mais nova havia fugido no domingo à tarde. Perguntei se era esse o motivo de sua tristeza, ela vez sinal de afirmativo com a cabeça. Perguntei se ela estava preocupada e ela disse que sim, com os olhos marejados. Bia não chorou e não quis falar mais sobre o assunto. Fiquei sentada ao seu lado por alguns minutos, perguntei se ela gostaria de conversar e ela disse não. Me despedi e combinei o retorno para hoje.

Quando cheguei no abrigo as meninas estavam em reunião com os novos educadores. Esperei alguns minutos e Bia veio com o filho no colo. Ele estava com a roupa bem suja e ela comentou que ele havia se sujado na hora do almoço. Bia estava com uma expressão melhor, mais animada.

Fomos para a sala de TV e Gabriel coçava os olhos. Bia comentou que ele estava com um pouco de sono. Ele estava choramingando e ela logo tirou a seio para amamentar. Ela colocou-o para fora da blusa e chamou pelo filho, que se atirou na direção do mesmo. Enquanto mamava, Gabriel brincava com o rosto de sua mãe, colocando a mão em sua boca, mexendo em seus olhos. Ela tinha seu olhar voltado para o filho e retribuía o carinho beijando sua mão. Perguntei se ele mamava durante muito tempo e ela disse que só quando ele está com sono. Reclamou que estava doendo para amamentar e tirou o seio da boca de Gabriel para tentar se ajeitar melhor. Ela tirou o outro seio e mostrou que estava vazando leite. Trocou Gabriel de lado e ele reclamou quando ela fez a troca de um seio para o outro.

Enquanto mamava Gabriel ia adormecendo. Bia viu que sua fralda estava com xixi, e disse que ia pedir fralda para trocá-lo. Perguntei se ela precisa pedir fralda toda vez que vai trocá-lo e ela disse que sim. Colocou-o no sofá e foi buscar a fralda. Gabriel estava sonolento, mas ainda não havia dormido. Para que não chorasse, fiquei conversando com ele, explicando que sua mãe já ia voltar. Bia logo retornou e trocou sua fralda. Segurou-o em pé e lhe deu um beijo, mas Gabriel queria dormir e eu disse que não tinha problema nenhum se ele dormisse. Ela o aconchegou nos braços e logo ele caiu no sono.

Bia contou que no dia anterior, quando eu estive lá, ele estava com febre, por isso dormia tanto, mas ela não sabia que ele apresentava febre. Foi uma das educadoras que percebeu que a temperatura de Gabriel estava alterada ao ir até o quarto verificar porque ele estava dormindo tanto. Gabriel está um pouco gripado e com catarro no peito. Perguntei se ela estava dando algum remédio e ela disse que estava dando um xarope de guaco. Disse que hoje ele não teve febre, mas que ontem quando tomou o remédio para baixar a temperatura vomitou sobre ela.

Bia ajeitava o filho em seu colo, embora não o fizesse com muita delicadeza. Perguntou se eu achava que Gabriel ainda é um bebê. Disse a ela que eu achava que sim e perguntei o que ela achava. Ela respondeu que para ela o filho ainda é um bebezinho, que até mesmo uma das filhas de uma adolescente abrigada, que tem três anos, ela considera um bebê. Eu lhe disse que com três anos ela não é um bebê, mas ela respondeu que mesmo tendo três anos ela ainda mama no peito e, para ela, ainda é um bebê. Perguntei com que idade ela acredita que uma criança deixa de ser bebê, ela riu e não soube responder.

Perguntei se Gabriel estava dormindo no berço. Ela disse que só de vez em quando ele dorme no berço, porque ela não quer que ele durma lá, prefere que ele durma com ela. Bia diz que tem medo de deixá-lo no berço e alguém fazer mal a ele. Conta que já sonhou com Gabriel sendo jogado pela escada. Perguntei se ela acha que alguém lá poderia fazer isso e ela disse que não confia em ninguém lá dentro.

Enquanto Gabriel dormia nos braços da mãe, esta lhe acarinhava e ficava analisando o filho. Abria sua boca para ver os dentes que estão nascendo, pegava nos pés, passava a mão na cabeça. Bia olhou a fralda e disse que estava apertada. Não tinha tamanho médio na casa e a fralda parecia estar apertada realmente. Perguntei se ele já havia ficado com assadura alguma vez e ela disse que não. Disse que ele apenas teve uma alergia que acabou se espalhando por todo corpo. Segundo ela, o médico disse que podia ser emocional. Gabriel apresentou a alergia quando uma de suas irmãs fugiu e, segundo Bia, nessa época ele era apegado à mesma. Perguntei quando isso ocorreu e ela disse que foi há uns três ou quatro meses atrás. Disse que quando Gabriel começou a engatinhar, por volta dos seis ou sete meses, sua irmã não estava mais no abrigo.

Perguntei se ela tinha tido notícias da irmã que fugiu e ela disse que não, mas que sua outra irmã vai atrás dela. Perguntei o que ela acha que fez a irmã fugir, ela disse que não sabe.

Perguntei se ela gostou de algum dos abrigos pelos quais passou. Ela disse que gostava do primeiro, mas afirmou que só se deu conta disso depois que fugiu de lá.

Perguntei se ela percebia alguma mudança nela própria depois que Gabriel nasceu e ela disse que sim. Perguntei o que havia mudado e ela ficou com o olhar parado, sem falar nada. Repeti a pergunta e ela disse que, mesmo sentindo vontade de fugir, hoje em dia não o faz por causa do filho.

Bia disse que tinha que dar banho em Gabriel porque o abrigo receberia visita dos médicos do posto de saúde da região. Subimos para o quarto e, enquanto preparava o banho, Gabriel ficou na cama e foi acordando. Ela pegou a banheira, separou a roupa e a toalha. Começou a despi-lo; Gabriel choramingava e aos poucos ia despertando.

Fomos para o banheiro e ela segurava uma saboneteira. Perguntei se cada criança tinha seu próprio sabonete e ela disse que sim, mas que aquele foi sua mãe que levou dinheiro para ela comprar. Ela contou que Gabriel tem alergia aos sabonetes comuns e precisa usar de glicerina. Gabriel estava gostando do banho, mas começou a esquivar-se do chuveirinho e Bia viu que água estava quente. Ela desligou o chuveiro e deu a saboneteira para ele segurar. Ele passava a língua na água que escorria de sua cabeça para o rosto e Bia ria. Falei que a água estava cheia de sabão, mas ela não viu problema. Bia não conversou com o filho durante o banho. Apesar de brincar com ele, Bia fala com Gabriel usando sempre o mesmo tom, inclusive de quando conversa com a gente, não muda seu modo de falar. O banho foi tranqüilo, Bia mostra-se segura e Gabriel parece gostar da água, brincando com a mesma, batendo pés e mãos na água.

Bia enrolou o filho na toalha e levou-o ao quarto para vesti-lo. Estava um pouco frio e Gabriel reclamou um pouco enquanto ela o vestia. Quando terminou, ela começou a brincar com o filho, levantando-o e vendo quantos segundos ele conseguia sustentar seu corpo em pé na cama até cair. Gabriel gostou da brincadeira e ria quando caia sentado na cama. Ele começa a vocalizar silabas, como ba, ma, da. É sorridente, comunicativo, mas ressabiado com quem não conhece. Tem a expressão fechada até que reconheça quem está falando com ele.

Despedi-me de Bia e seu filho, marcando nosso quarto encontro para próxima semana. Ela dirigiu-se para cama levando consigo o filho.

4º Encontro – 03/10/08

Estive no abrigo dia 01/10, data que havia combinado para realizar o encontro com Bia e seu filho, no entanto, quando cheguei no abrigo ela estava dormindo. O educador perguntou se eu queria ir até o quarto para falar com ela. Eu subi e encontrei-a em meio a um sono

profundo. Gabriel estava deitado na cama com ela, agarrado em seu peito, apesar de estar dormindo também. Desci e combinei com o educador que voltaria outro dia.

Retornei hoje para o encontro. O educador informou que ela estava deitada, mas foi chamá-la. Pediu para que eu subisse até o quarto. Bia estava acordando e Gabriel não estava com ela. Combinamos que eu esperaria um pouco na sala de visita enquanto ela se arrumava.

Depois de alguns minutos, ela desceu e foi buscar o filho que estava com sua irmã mais nova no salão. Esta havia fugido do abrigo, mas retorno na última terça-feira. Gabriel estava só de fralda e Bia pediu para o educador trazer o remédio de seu filho. Perguntei o que ele estava tomando e ela falou que era Amoxilina. A febre que ele apresentava na última semana e seu abatimento eram sintomas de pneumonia, que foi diagnosticada no último final da semana. Hoje Gabriel estava muito mais ativo e brincalhão. Chorou um pouco para tomar o remédio, mas Bia não se importou e deitou-o em seu colo, abrindo sua boca para dar o remédio. Depois ele pegou o copinho, onde estava o remédio e levou a boca para morder. Gabriel leva tudo a boca para coçar sua gengiva.

Bia deitou com ele no sofá e falou que ele ia procurar seu peito para mamar. Ele puxou sua blusa, mas não parecia estar com fome. Ela tirou o peito e lhe deu. Depois de mamar por alguns minutos, Bia falou: *"Agora chega*!" Colocou-o no chão e contou que ele já consegue ficar em pé sozinho por um tempo maior. Realmente, a cada semana ele ganha mais equilíbrio e força nas pernas. Ficou equilibrando-se e depois procurou apoio no sofá. Viu as sandálias da mãe no chão e foi pegá-las. Olhava para as mesmas, que possuem uma cor chamativa (rosa) e levou-as à boca. Bia chamava sua atenção, tirava as sandálias de sua boca, mas ele logo repetia a ação. Ela escondeu as sandálias embaixo do sofá e cobriu-as com a manta que reveste o sofá. Gabriel levantou a manta para procurar as sandálias e Bia pegou-o no colo, levando o filho para junto de si no sofá. Gabriel estava sorridente, sorria para a mãe, quando esta fazia cócegas em sua barriga. Comentei com ela que o comportamento de Gabriel estava bem diferente de semana passada e ele parecia estar respondendo bem à medicação. Ela disse que ele não teve mais febre.

Gabriel achou atrás de algumas almofadas uma mamadeira de outra criança e Bia escondeu a mesma atrás de outra almofada, mas ele queria ir atrás. Perguntei se ele toma mamadeira e ela disse que não. Contou que ele estava começando a se acostumar com mamadeira quando um dia, sem perceber, lhe deram leite azedo enquanto ela estava no colégio. Depois desse dia ele não toma nenhum outro leite que não seja do peito. Bia disfarçou e ele logo esqueceu a mamadeira.

Ela colocou-o novamente no chão. Ele pegou suas sandálias e levou-as à boca. Ela brigou com ele e tirou-as de sua boca. Ele veio engatinhando até meus pés e começou a brincar com meus sapatos. Quando falava com ele, Gabriel sorria. Foi se apoiando nas minhas pernas e estendeu sua mão para que eu o ajudasse a levantar. Quis pegá-lo no colo, mas ele não queria e escorregava de volta para o chão. Bia comentou que o filho não gosta muito mais de ficar no colo.

Uma das irmãs de Bia apareceu na janela da sala e chamou pelo sobrinho. Ele foi engatinhando dirigindo-se em sua direção, apoiou-se em um vaso e devagar foi se levantando, com um pouco de medo, equilibrando-se até estender uma das mãos em direção a tia. Esta o pegou pelos braços e ergueu Gabriel até que ele apoiasse seus pés na janela. Ele adorou a brincadeira. Bia também ria, mas alertou a irmã para segurá-lo. Ela novamente segurou Gabriel pelos braços e desceu até que seus pés encostassem no chão. Gabriel novamente procurou o apoio do vaso para equilibrar-se. Às vezes ele soltava as mãos do vaso, testando seu equilíbrio. Ficava feliz quando conseguia e Bia também fazia questão de enfatizar a conquista do filho. Chamou até mesmo um educador que passava pela sala para que ele visse Gabriel equilibra-se e ficar em pé sozinho.

Gabriel voltou para perto de onde estávamos sentadas. Pegou novamente as sandálias da mãe para brincar e levou-as a boca. Ela mais uma vez o repreendeu. Bia estava deitada no sofá e, às vezes, ficava com olhar distante. Há certa tristeza e letargia em seu olhar. Parece não haver muitas perspectivas. No entanto, quando o filho a procura e sorri para ela, Bia retoma o foco e fica feliz com o sorriso do filho.

A outra irmã de Bia, a irmã mais nova que havia fugido, veio até onde estávamos. Pegou Gabriel no colo, colocou-o em seus ombros e deu uma volta pela sala. Ele adorou a brincadeira. Apesar de não estar frio, ventava muito e perguntei a Bia se não seria bom colocar uma camiseta em Gabriel devido ao seu estado de saúde. Ela disse que suas roupas estavam sujas, para lavar. Disse que deixou acumular e por isso não tinha o que vestir. Perguntei se ela não podia pedir emprestado a alguém e ela disse que não gosta de pedir. Depois de alguns minutos Bia pediu a sua irmã que buscasse uma blusa para Gabriel. Esta não gostou muito, mas entregou Gabriel à mãe e subiu.

Gabriel resmungou um pouco e procurou a tia para continuar a brincadeira, chamava a atenção da mãe batendo suas mãos no braço de Bia e ela dizia para ele não lhe bater. Bia tirou o peito para fora da blusa e perguntou para o filho se ele queria. Gabriel atirou-se em direção ao seio para mamar. Perguntei a Bia se o pediatra havia orientado quanto ao tempo e a idade de amamentação. Ela disse que ele falou que ela devia dar de manhã e a noite até os dois anos.

Comentei que não era isso que estava ocorrendo e ela disse que é porque ela não está trabalhando. Comentou que não tem tanto leite quanto antes e que depois que Gabriel mama, seu peito demora para encher novamente.

Depois de alguns minutos a tia de Gabriel desceu com uma camiseta e após Bia vesti-la no filho, a tia pegou-o novamente para continuar a brincadeira. Bia e eu acompanhávamos a satisfação de Gabriel, que era levado nos ombros da tia pela sala.

A campainha tocou e chegou uma pessoa com alguns recibos para serem assinados. Enquanto o educador providenciava as assinaturas, a senhora ficou na sala conosco e passou a acompanhar a brincadeira de Gabriel e sua tia. Quis interagir com ele, mas este não quis, esboçando choro, o que fez com que ela recuasse o contato. Em poucos minutos a senhora foi embora e eu comentei com Bia que seu filho não dá bola para quem ele não conhece. Ela disse que às vezes "dá bola" sim, porque o levou à igreja e ele foi com uma moça de lá. Pedi para que ela o deixasse comigo e se escondesse para vermos sua reação. A tia de Gabriel também saiu da sala e foi para o quintal, ocupar-se de outras coisas. Gabriel não quis ficar no meu colo, escorregando para o chão. Ficou sério e começou a engatinhar na direção em que Bia havia se dirigido. No meio do caminho envolveu-se com o tapete e perdeu a atenção. Apesar de estar procurando pela mãe, Gabriel não está em um lugar desconhecido, está em sua casa e, portanto, não se mostra tão inseguro pela ausência de Bia. Depois de alguns segundos, largou o tapete e voltou a encaminhar-se em direção a mãe, que logo apareceu. Gabriel sorriu e foi para o colo da mãe.

Gabriel emitia vocalizações como, *má, dá, bababa, dadada*, enquanto engatinhava e brincava. Estava disposto, embora começasse a demonstrar algum cansaço a essa altura. Bia comentou que ele não havia dormido ainda desde a hora em que acordou pela manhã.

Ele descobriu os tacos do chão e começou a tirar os que estavam soltos. Bia pegou-o no colo e comentou que seus olhos, que são grandes e pretos, estão parecidos com os olhos de sua irmã mais nova, que ninguém sabe exatamente onde está. Perguntei se ela tinha tido notícias de sua família. Ela disse que uma de suas irmãs havia ligado para sua mãe e esta disse que não tem ido vê-las porque está sem dinheiro.

Nosso tempo estava acabando. Despedi-me de Bia relembrando-a que na próxima semana teremos nosso último encontro.

5º Encontro – 07/10/08

Cheguei no abrigo por volta das 14:20 e Bia disse que estava indo tomar banho. Carregava o filho, apoiado em sua cintura. Disse a ela que esperaria na sala de visita enquanto ela se arrumava. No entanto, logo depois ela mudou de idéia e sentou na sala com o filho.

Sentei-me com a dupla para nosso último encontro. Gabriel estava disposto e alegre. Bia disse que ele não teve recaída (em relação ao quadro de pneumonia) e seu estado de saúde é bom. Ela estava sentada no sofá e Gabriel estava no chão comendo uma bolacha que sua mãe havia lhe dado. Sentei no chão, próximo a ele, e Gabriel vinha engatinhando até onde eu estava procurando apoio para ficar em pé.

Depois de alguns minutos peguei uma cadeira e coloquei próximo ao sofá onde Bia estava. Ficamos observando Gabriel que engatinha por toda sala e apoiava-se na estante para ficar em pé e alcançar os objetos que estavam na mesma. Bia falou para ele não mexer, mas percebendo que não ia adiantar, levantou-se e colocou os porta-retratos em uma altura não acessível para Gabriel. Deu-lhe uma figa esculpida em madeira que ele logo ele levou à boca. Bia ficava vigiando o filho que colocava tudo o que achava no chão em sua boca. Pegava-o no colo, mas este reclamava que queria voltar para o chão. Às vezes ela se irritava com as birras do filho e falava: *"Ai, que moleque chato*!" No entanto, não demorava muito e já estava rindo de alguma coisa que ele fazia.

Gabriel vinha até a cadeira onde eu estava e escalava minha perna para ficar em pé. Ele consegue se equilibrar e ficar em pé alguns segundos, sozinho e sem apoio. Vocaliza sons como "*mamama", "dadada*". Emite longos *AHAHAHAH*!!!!

Bia disse que faltam 26 dias para ele fazer 1 ano. Perguntei se ela faria alguma coisa para comemorar e ela disse que não tinha dinheiro. Falei que ele não precisava de uma grande festa, mas algo que simbolizasse uma data especial, um bolo simples para comemorar o 1º aniversário. Ela disse que imaginava que quando ele estivesse com 1 ano ela já estaria trabalhando. Ela se queixa de não poder sair quase nunca para procurar emprego. Bia demonstra insatisfação, fica com olhar distante, triste.

Enquanto conversávamos, Gabriel dirigiu-se até a escada e começou a subir os degraus sozinho. Avisei Bia e ela foi buscá-lo. Riu ao vê-lo subindo as escadas. Sentou com ele no sofá e o mesmo começou a procurar pelo peito da mãe. Ela lhe disse que não ia amamentá-lo naquele momento. Ele começou a jogar-se para traz e espernear. Ela tentou colocá-lo no chão, mas ele jogava o corpo para traz. Ela comentou que ele está ficando muito bravo, fazendo

muito birra. Disse a ele que se não parasse ia apanhar. Apesar das ameaças, Bia não fez qualquer movimento no sentido de concretizá-las.

Bia disse que Gabriel está se alimentando bem e não rejeita mais a comida sólida (a "papinha"). Ele ainda está sem roupas para vestir porque ela deixou acumular as roupas sujas para lavar, mas pediu a outras meninas roupas emprestadas.

Gabriel engatinhava até a cadeira onde eu estava sentada e gostava de passar por debaixo das minhas pernas e ir para baixo da cadeira. Às vezes, dava de encontro com o assento, às vezes batia a cabeça, mas não chorava. Estava explorando o local, experimentando suas novas habilidades. Tentei pegá-lo no colo, mas ele não quis, começou a espernear; queria ir para o chão.

Algumas meninas do abrigo se dirigiram para o quintal e perguntaram à Bia se ela queria um "chá". Ela ficou olhando, mas não respondeu. Perguntei se ela queria ir para o quintal, e ela me explicou que "chá" é como elas chamam o cigarro. Bia falou para eu esperar um minuto e foi até as meninas para tragar um pouco do cigarro que elas fumavam. Gabriel começou a segui-la, mas parou no meio do caminho porque ficou entretido com um pedaço de bolacha que achou embaixo de uma cadeira. Poucos segundos depois, escorregou e começou a chorar. Bia veio até onde o filho estava e pegou-o no colo. Foi para o sofá com o mesmo, que estava chorando, irritado, embora não tivesse se machucado. Bia deu-lhe o peito e, como habitualmente, Gabriel mamou vorazmente. Ele brinca com seio, esfregando seu rosto no mesmo, afasta-se e atira-se novamente em direção ao seio. Bia ri e também brinca. Às vezes diz que vai tirar o peito: "*Pronto, chega*!" No entanto, assim que o filho começa a esboçar um choro ela o coloca para mamar novamente.

Depois de tranqüilizado, Gabriel volta para o chão e volta para sua brincadeira. Desta vez, com um vaso grande que tem próximo a janela da sala onde estávamos. Apoiava-se no vaso e equilibrava-se, ficando em média 18, 20 segundo em pé, sem apoio.

A irmã mais nova de Bia aproximou-se. Perguntei como ela estava e ela disse que estava bem. A campainha tocou e Gabriel foi em direção a porta quando a viu aberta. Bia chamou-o para perto dela. Sua irmã pegou-o no colo, mas hoje ele não queria colo e reclamou para ir de volta para o chão.

Uma das adolescentes passou comendo banana e tirou um pedaço par dar à Gabriel. Ele levou a boca, esmagou a banana e, entre muitos apertos, comeu um pouco. Bia recolhia o que caía no chão, passando uma blusa para limpar os pedaços de banana que iam se espalhando.

Nosso tempo já estava acabando. Bia disse que ia dar banho em Gabriel e eu subi para acompanhá-la, mas chegando no banheiro encontrou o mesmo sujo e desorganizado. Ficou

irritada porque havia limpado os banheiros da casa naquele dia. Saiu emburrada para o quintal com o filho no colo. Um dos educadores brincou com Bia e ela relaxou um pouco, esboçou uma risada, mas continuou reclamando e dizendo que ninguém dá valor para o trabalho dos outros lá dentro. Fiquei alguns minutos a mais com fazendo companhia a Bia. Aos poucos ela foi se acalmando e controlando sua raiva. Quando fui embora ela ainda estava um pouco emburrada. Agradeci sua participação e todos os dias em que ela e seu filho me receberam. Bia me olhava como uma menina, com o dedo na boca. Despediu-se de mim com um beijo no rosto.